



**DOM  
BOSCO**

by Pearson

PRÉ-VESTIBULAR  
**EXTENSIVO**

2

**MATERIAL DO  
PROFESSOR**

**Filosofia**

**CIÊNCIAS HUMANAS  
E SUAS TECNOLOGIAS**

Material exclusivo para professores  
conveniados ao Sistema de Ensino  
Dom Bosco

DOM BOSCO - SISTEMA DE ENSINO  
PRÉ-VESTIBULAR 2  
Ciências humanas e suas tecnologias.  
© 2019 – Pearson Education do Brasil Ltda.

<b>Vice-presidência de Educação</b>	Juliano Melo Costa
<b>Gerência editorial nacional</b>	Alexandre Mattioli
<b>Gerência de produto</b>	Silvana Afonso
<b>Autoria</b>	Stefano Schiavetto Aman
<b>Coordenação editorial</b>	Luiz Molina Luz, Luciano Delfini
<b>Edição de conteúdo</b>	Luciano Delfini, Raíssa Furlanetto Cardoso
<b>Leitura crítica</b>	Fernanda Paniguel Teixeira
<b>Preparação</b>	Luciano Delfini
<b>Revisão</b>	Fernanda Nascimento
<b>Gerência de Design</b>	Cleber Figueira Carvalho
<b>Coordenação de Design</b>	Diogo Mecabo
<b>Edição de arte</b>	Débora Lima
<b>Coordenação de pesquisa e licenciamento</b>	Maiti Salla
<b>Pesquisa e licenciamento</b>	Cristiane Gameiro, Heraldo Colon, Andrea Bolanho, Sandra Sebastião, Shirlei Sebastião
<b>Ilustrações</b>	Carla Viana, Bruna Tiso, Carol Plumari
<b>Projeto Gráfico</b>	Ápis Design integrado
<b>Diagramação</b>	Editorial 5
<b>Capa</b>	Ápis Design integrado
<b>Imagem de capa</b>	inoby/istock
<b>Produtor multimídia</b>	Cristian Neil Zaramella
<b>PCP</b>	George Baldim

Todos os direitos desta publicação reservados à  
Pearson Education do Brasil Ltda.

Av. Santa Marina. 1193 - Água Branca  
São Paulo, SP – CEP 05036-001  
Tel. (11) 3521-3500

[www.pearson.com.br](http://www.pearson.com.br)

Material exclusivo para professores  
conveniados ao Sistema de Ensino  
Dom Bosco

## APRESENTAÇÃO

As mudanças nos principais processos de seleção e no Enem têm mostrado que a preparação para ingresso na universidade exige muito mais que um bom material didático. Além de dominar conteúdos de ensino médio, os alunos precisam conhecer a diversidade de contextos sociais, tecnológicos, ambientais e políticos. Desenvolver habilidades para obter autonomia e entender criticamente a realidade e os acontecimentos que os cercam são critérios básicos para prosseguir estudo em nível superior.

Os exames seletivos das melhores universidades do país avaliam habilidades como a de saber selecionar, organizar e interpretar dados para enfrentar situações-problema em diferentes áreas do conhecimento; compreender fenômenos naturais, processos histórico-geográficos e de produção tecnológica. O aluno que conclui ou em vias de concluir o ensino médio deve ser capaz de dominar linguagens e seus códigos, construir argumentações e elaborar respostas aos diversos questionamentos.

De acordo com as Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Médio (DC-NEM), orientadoras das avaliações do Enem, o encaminhamento pedagógico e metodológico para esse segmento deve envolver temáticas diversas, por meio do diálogo entre os conteúdos dos diferentes componentes curriculares de uma ou mais áreas do conhecimento, com propostas curriculares que contemplem as dimensões do trabalho, da ciência, da tecnologia e da cultura como eixos integradores entre os conhecimentos de distintas naturezas; o trabalho como princípio educativo; a pesquisa como princípio pedagógico; os direitos humanos como princípio norteador; a sustentabilidade socioambiental como meta universal.

Pensando nisso, uma equipe de excelência, respaldada na qualidade acadêmica dos conhecimentos e na prática de sala de aula, elaborou esta coleção de livros didáticos integrados para pré-vestibular extensivo e terceiro ano, abrangendo as áreas de conhecimento com projeto editorial exclusivo e adequado às recentes mudanças. O material contempla assim todos os conteúdos exigidos nos concursos vestibulares de todo o país e no Enem, enriquecidos com variada coletânea de questões selecionadas, quadro de respostas e roteiro de aula integrado a cada módulo, com indicação das respectivas competências e habilidades da Matriz de Referência do Enem. Aliando inovações tecnológicas com propostas metodológicas de ensino voltadas à preparação dos alunos para ingressar em grau superior, a coleção abrange todos os conteúdos do ensino médio, organizados e estruturados em módulos, com desenvolvimento teórico associado a exemplos e exercícios resolvidos que facilitam a aprendizagem. Os alunos deparam-se com organização e sistematização teóricas seguidas de exercícios em níveis gradativos de dificuldade, o que lhes facilita fixar conceitos e desenvolver habilidades específicas associadas ao conteúdo trabalhado. Como apoio ao professor, em cada módulo as questões do material estão resolvidas e há orientações metodológicas, sugestões de leitura e uso de tecnologias para aprofundamento.

Material exclusivo para professores  
conveniados ao Sistema de Ensino  
Dom Bosco



Material exclusivo para professores  
conveniados ao Sistema de Ensino  
Dom Bosco



IM/AMEMBER/ISTOCK

# FILOSOFIA

Material exclusivo para professores  
conveniados ao Sistema de Ensino  
Dom Bosco

CIÊNCIAS HUMANAS E SUAS TECNOLOGIAS

# FILOSOFIA MODERNA

- René Descartes e o Racionalismo
- Empirismo Científico
- Immanuel Kant

## HABILIDADES

- Compreender a distinção entre pensamento religioso, pensamento filosófico e pensamento científico.
- Compreender os fundamentos da razão humana.
- Analisar a importância dos valores éticos na estruturação política das sociedades.

Uma revolução iniciou-se no século XIII, quando a economia europeia começou a dinamizar-se e a sociedade feudal tomou contato com povos e civilizações para além da Europa Ocidental. Esse momento de abertura comercial e cultural impulsionou a dissolução da ordem feudal, e as convicções dogmáticas da igreja católica foram colocadas à prova por movimentos que contavam, de imediato, com a participação do próprio clero católico.

## René Descartes e o Racionalismo

O Renascimento impactou em mudanças no âmbito do cristianismo. Gradualmente, teólogos, principalmente, influenciados pelo antropocentrismo, propuseram a separação entre filosofia, teologia e, inclusive, ciência.

Quando se distanciou do caráter puramente especulativo do pensamento e do conhecimento, a filosofia voltou-se para a aplicação prática do conhecimento e para a criação e adoção de novas modalidades de investigação. Esse movimento foi fundamental para consolidação da ciência, cuja forma de pensamento é radicada na coleta de evidências, análise, síntese e verificação sobre conhecimentos mensuráveis e comprováveis. Esse movimento, conhecido como revolução científica, foi um marco numa sociedade que acolhia o racionalismo como forma de explicação para a vida natural e social.

Entretanto, é importante ressaltar: apesar da ciência ascender na explicação para a vida natural e social, nem todos os filósofos e cientistas, ou mesmo artistas e sociedade em geral, negam o cristianismo ou a existência de Deus. Compete ao homem, por meio da razão, compreender o mundo criado por Deus. Vejamos essas mudanças.

REMBRANDT, *A aula de anatomia do Dr. Nicolaes Tulp*, 1632. Museu Mauritshuis, Haia, Holanda. Nessa obra de Rembrandt, é possível vislumbrar um importante momento do início do pensamento científico: a dissecação e estudo da anatomia. Prática antes condenada pela Igreja Católica (em razão da sacralidade do corpo humano), passa a ser exercida, no início clandestinamente, para a compreensão precisa do modo de funcionamento do corpo humano. A coleta de evidências, análise sistemática, sintetização precisa dos resultados e posterior verificação metódica dos resultados compõem uma prática de alto rigor para obtenção de conhecimentos racionalmente verdadeiros. Essa prática fundamenta, até nos dias atuais, o pensamento científico.



MAURITSHUIS

## CARTESIANISMO: SUPERAÇÃO DO ARISTOTELISMO CRISTÃO

No contexto do Renascimento e da ascensão do pensamento racional, o filósofo René Descartes (França, 1596-1650) foi um dos principais responsáveis pela fundamentação do método científico e do uso da razão para alcance de verdades seguras. Por verdades seguras, entende-se o resultado de um processo de questionamento e de análises que tornam uma verdade confiável e de alta precisão, denominado método cartesiano. Por exemplo, desde uma fórmula matemática até a eficiência de um remédio para o alívio de sintomas ou cura de doenças.

Antes de nos aprofundarmos sobre o método cartesiano, é importante ressaltarmos que a filosofia de René Descartes é pautada na ideia da razão humana ser inata a todos os homens. Em outras palavras, todos os homens são seres racionais e capazes de produzir verdades seguras e viverem a partir delas. Uma das principais razões dos problemas sociais não reside na ausência da razão de alguns homens, mas na má formação para o uso pleno da razão.

Uma das motivações de Descartes para criar um método que permitisse a qualquer pessoa alcançar a verdade por meio da razão foi a incapacidade humana de praticar corretamente o pensamento racional.

Por sua vez, o uso da razão estaria associado exclusivamente à inferência, isto é, à operação intelectual por meio da qual o homem afirma a verdade de uma proposição em razão de outras proposições relacionadas a ela serem verdadeiras.

Dessa forma, não havia necessidade de regras externas para o estabelecimento da verdade. Por isso, Descartes criticava o pensamento aristotélico, que exigia explicação sistemática de silogismos demonstrativos para se atingir o conhecimento.

Para Descartes, o importante era a ordem interna, que é representada matematicamente e envolve o intuir e o deduzir.

René Descartes nasceu em março de 1596. Aos 8 anos de idade foi estudar numa escola jesuíta. A sólida formação católica lhe deu condição intelectual para desenvolver sua ambição: a busca de uma verdade e um sistema que produzissem verdades inquestionáveis.



René Descartes

MUSEU DO LOUVRE

## Construção do método cartesiano

Inspirado em Platão, René Descartes viu a matemática como ciência ideal para construir seu método, que se associava ao desenvolvimento de raciocínio lógico e abstrato, distante dos equívocos promovidos pelas impressões recolhidas da realidade resultante dos sentidos.

Como a matemática, o método cartesiano se constrói sobre regras e axiomas. Para se alcançar a verdade, quatro ficaram estabelecidos.

- **Evidência** – implica negação imediata de tudo o que se apresenta como verdadeiro. Afinal, para construir uma verdade e um conhecimento puros, é preciso partir do zero, livrando-se de possíveis vícios e preconceitos que, a partir do julgamento dos sentidos, podem levar o indivíduo a afirmar algo que não corresponda à verdade.
- **Análise** – após a coleta de evidências, é necessário investigar todas as associações entre os dados coletados; isso exige a divisão dos itens coletados e das ideias sobre eles em unidades simples, a fim de enxergarmos suas elementaridades.
- **Síntese** – após a análise, devemos reconstruir nossas ideias sobre o todo coletado e analisado; em outras palavras, a razão reconstrói as ideias a partir da eliminação de todas as impressões e dúvidas, tornando a compreensão próxima da indubitabilidade e, enfim, uma verdade segura.
- **Verificação (enumeração)** – trata-se de uma verificação e listagem de todo o seguimento de investigação, a fim de preservar o seguimento de construção do conhecimento e oferecer transparência sobre as verdades seguras.

Assim, a evidência, análise, síntese e verificação constituem o método cartesiano.

Portanto, conforme Descartes, produzimos um conhecimento que passa pelo crivo da razão e por meio de um método que verifica o próprio método, a fim de checar se algum ângulo da questão ficou sem análise, certificando a veracidade das conclusões alcançadas.

Com esse método, Descartes acreditava poder desvendar as verdades contidas nas várias ciências do período, ainda que algumas fossem resistentes a ele.

## *Cogito, ergo sum*

O desafio contido no método cartesiano está em “por onde começar”, ou seja, é preciso duvidar de tudo com o que se depara à frente? Como identificar o que é verdadeiro? Mesmo que o raciocínio lógico traia muitas vezes com aparentes relações verdadeiras, está clara a crítica de Descartes aos que insistiam no uso da retórica para comprovar seus pontos de vista. Isso levou o filósofo a buscar a primeira verdade, aquela sobre a qual não pode pairar qualquer tipo de dúvida, que se afirma com indubitável convicção. Afinal, se o lema é duvidar de tudo, convém fazê-lo de forma sistemática.

A única dúvida que não se pode sustentar é a inexistência da dúvida. Assim, o sujeito não pode duvidar que duvida, não pode duvidar da própria dúvida. Decorre daí que a dúvida é sua certeza, e esta vem do ato de pensar, que é individual. Como cada indivíduo pensa por si mesmo, a dúvida é a comprovação da existência ou, como diria Descartes posteriormente: *Cogito, ergo sum* – “Penso, logo existo”.

No método cartesiano, *cogito* tem importância vital porque é o elemento que comprova a existência humana, confirmando o “eu” como algo incorpóreo, como o próprio pensamento, desprovido de qualquer matéria. Novamente se percebe a influência do pensamento platônico na construção do *cogito* cartesiano.

### Limites do cartesianismo

Ainda que se tenha constituído sobre arcabouço teórico e argumentativo convincente, os princípios defendidos por Descartes sofreriam críticas severas de seus contemporâneos.

A mais comum: o *cogito cartesiano* apenas existe enquanto o “eu” tiver certeza de sua existência. Em outras palavras, como apontaria Hobbes mais tarde, o *cogito* depende da autoconsciência do indivíduo; sem ela, a teoria não se sustenta.

Esse individualismo presente no *cogito* cartesiano levou a igreja também a se ressentir com Descartes, por transferir a razão e a causa da existência para o próprio homem, ainda que idealizado na forma de ideia incorpórea, e por retirar Deus do centro de importância, visto que o homem é quem se deve reconhecer como existente.



A tira ironiza a existência baseada apenas na consciência, segundo Descartes, mas também abre espaço para uma interpretação mais sutil: não seria esse o destino de todos nós na sociedade?

## Empirismo científico



Francis Bacon (1561-1626)

NATIONAL PORTRAIT GALLERY

O racionalismo cartesiano conviveu com outra escola filosófica, no século XVII: o empirismo. Diferentemente do racionalismo, que postula sobre a existência de ideias inatas aos humanos, o empirismo afirma que os conhecimentos são primordialmente derivados de experiências sensíveis.

Localizado na Holanda e, de forma mais significativa, na Inglaterra, de onde vieram seus principais pensadores, como John Locke e David Hume, o empirismo científico surgiu em consequência do desenvolvimento do arcabouço teórico cartesiano e em oposição a ele. Os empiristas não admitem o conceito das ideias inatas. Para eles, nada pode existir antes no intelecto sem haver qualquer tipo de vínculo com a matéria, com o mundo sensível.

Todo e qualquer conhecimento que se tenha até hoje resulta do contato imediato com o mundo, o que só é possível mediante experiências individuais, que se somam no indivíduo e são processadas por seu intelecto, gerando mais tarde um conceito por trás da experiência imediata. Essa passagem seria possível por intermédio da indução – método de desenvolvimento do raciocínio e do conhecimento.

### TÁBULA RASA

Francis Bacon (1561-1626), primeiro filósofo a defender o método experimental, expôs o método indutivo na obra *Novum organum*.

As ideias de Francis Bacon tiveram impacto significativo na comunidade, considerando que favoreceram a adoção do método indutivo, mas foi John Locke (1632-1704) quem efetivamente incorporou elementos de análise ao empirismo, tornando-se um de seus mais importantes representantes.

Assim como Bacon, Locke afirmava que todo e qualquer conhecimento é gerado da experiência sensível. Uma de suas mais importantes contribuições para o empirismo e a filosofia em geral é a ideia da “tábula rasa”, segundo a qual a mente humana se encontra inicialmente vazia e vai sendo preenchida pelas sensações e experiências. Conforme o sujeito vivencia novas experiências, a mente as incorpora por um processo de abstração que transforma o particular em elemento geral e, portanto, abstrato. Locke chamou esse elemento de ideia – representação das coisas observadas com base na interpretação que a mente lhes dá.

### Indução

A indução seria usada para comprovar que qualquer ideia inata defendida pelo cartesianismo está fora de cogitação, pois o conhecimento é produzido pela experiência sensível, à qual se aplica um ordenamento racional.

De acordo com Locke, o conhecimento parte da intuição, que se pode dividir em sensível e intelectual. A sensível origina-se do contato com o mundo; a intuição intelectual, da primeira ideia que se tem das coisas nesse contato. Com base nas recorrências derivadas da reflexão, constroem-se conhecimentos úteis à vida coletiva.

## Limitações do empirismo e do método indutivo

Apesar das diferenças acima destacadas, o racionalismo e empirismo partilham o mesmo objetivo de organizar o pensamento filosófico e científico. Por essa razão, consideram a coleta de evidências, análise, síntese e verificação – etapas necessárias para a construção de um conhecimento seguro.

Embora o empirismo e o método indutivo apresentem suas críticas ao racionalismo, devemos considerar também suas limitações. Primordialmente, podemos observar que a produção de verdades a partir da experiência sensível pode conduzir a generalizações; afinal, atribui-se a verdade das partes observadas ao todo. Além disso, concluir sobre a previsibilidade de fenômenos depende de uma falsa garantia da não mutabilidade das evidências observadas, como será mostrado por David Hume e sua filosofia sobre o hábito.

As escolas racionalistas e empiristas, nas figuras principais de Descartes, Bacon e Locke, fundamentam o pensamento científico e suas buscas por verdades seguras.

## Caminho para o ceticismo

As restrições do caminho pretendido por John Locke são ponto de partida da filosofia de David Hume (1711-1776), sem dúvida o mais radical dentre os empiristas ingleses. Como os filósofos anteriores, Hume critica o conceito de inatismo evidente no cartesianismo, desconstruindo o conceito do eu cartesiano, afirmando a impossibilidade da existência de um único eu.

Para Hume, as ideias são fruto das impressões colhidas da realidade, daí uma pequena divergência com Locke, pois demonstra que as relações causais obtidas pela experiência representam um conhecimento guiado por hábitos, costumes e, sobretudo, pela crença de que tais relações sejam igualmente mantidas no futuro. Isso se opõe à concepção da tábula rasa de Locke, para quem a mente humana é uma folha em branco preenchida pela experiência empírica.

Essa constatação de Hume leva o conhecimento produzido pela experiência empírica a um questionamento que chega ao limite, a uma espécie de beco sem saída, pois ele duvida que o homem seja capaz de atingir o verdadeiro conhecimento do mundo, o que indica problema na relação entre sujeito e objeto do conhecimento. Assim, o empirismo de Hume incorpora o ceticismo desenvolvido no mundo grego, visto que, para o autor, não se pode alcançar ou mensurar a verdade. Tal situação não significa ausência de algum conhecimento, mas que este resulta de dados probabilísticos. Em outros termos, a realidade que se apresenta é limitada, sendo possível entendê-la de acordo com julgamentos individuais, conforme impressões de mundo.

Hume coloca a ideia de causalidade como parte de estrutura ou hábito da mente que faz crer na resposta a um problema, colocando acontecimentos que dizem respeito ao objeto de estudo em série cronológica.

## Influências e alcance do empirismo

Os princípios empiristas complicariam o cenário filosófico do século XVIII, pois ainda não há resposta convincente que reúna, sem contradições, as duas visões de mundo: racionalismo e empirismo.

Immanuel Kant seria o responsável por tentar sobrepesar esse desafio, a partir da leitura de Hume, que teve peso significativo na obra do filósofo alemão.

Ainda que muitos discordem da solução proposta por Kant, o empirismo não se restringiria a mero desafio diante do racionalismo, mas seria corrente filosófica com vida própria, vindo a inspirar, no século XIX, novo movimento, que causaria grande impacto na vida econômica da Inglaterra e do mundo, o utilitarismo, cujos principais representantes, John Stuart Mill e Jeremy Bentham, respondem por associar valores econômicos a desejos individuais.

### Ciência desinteressada e utilitarismo

Desde a Renascença – isto é, desde o humanismo, que colocava o homem no centro do Universo e afirmava seu poder para conhecer e dominar a realidade –, duas concepções sobre o valor da ciência estiveram sempre em confronto.

A primeira delas, que chamaremos de ideal do conhecimento desinteressado, afirma que o valor de uma ciência encontra-se na qualidade, no rigor e na exatidão, na coerência e na verdade de uma teoria, independentemente de sua aplicação prática. A teoria científica vale por trazer conhecimentos novos sobre fatos desconhecidos, por ampliar o saber humano sobre a realidade e não por ser aplicável praticamente. Em outras palavras, é por ser verdadeira que a ciência pode ser aplicada na prática, mas o uso da ciência é consequência e não causa do conhecimento científico.

A segunda concepção, conhecida como utilitarismo, ao contrário, afirma que o valor de uma ciência encontra-se na quantidade de aplicações práticas que possa permitir. É o uso ou a utilidade imediata dos conhecimentos que prova a verdade de uma teoria científica e lhe confere valor. Os conhecimentos são procurados para resolver problemas práticos e estes determinam não só o aparecimento de uma ciência, mas também suas transformações no decorrer do tempo.

Chauí, Marilena. *Convite à filosofia*. São Paulo: Ática, 2000. p. 356.

## Immanuel Kant

Entende-se a filosofia iluminista como movimento complexo que envolveu várias correntes filosóficas distintas, com proposições alternativas assentadas na ideia de racionalidade. Essas correntes tinham em comum a defesa da liberdade individual, ainda que divergissem quanto a outros conceitos filosóficos, políticos e econômicos.

Sua disseminação pelo continente europeu favoreceu a burguesia, classe social interessada em seu fortalecimento e expansão, pois abriria espaço político e facilitaria o desenvolvimento de conhecimentos e técnicas fundamentais para ampliação da atividade produtiva, além de garantir ascensão social por meio do mérito, não do nascimento, como ocorria até ali.

Essa revolução política, econômica e social animou ainda mais o debate filosófico entre correntes abstracionistas e empiristas a respeito da capacidade de entendimento humano.



NICKU/SHUTTERSTOCK

Immanuel Kant (1724-1804).

O representante do iluminismo alemão, Immanuel Kant, teve contato com as obras de Hume, o que o fez reagir ao empirismo e aos dogmas propostos pela razão. Dessa forma, ele propôs uma filosofia baseada no racionalismo crítico, em que a razão nortearia a busca pelo conhecimento, mas de forma a deixar à mostra como houvera chegado a determinado conhecimento.

### REVOLUÇÃO COPERNICANA DE KANT

A partir dessa proposição filosófica, Kant voltou-se para a busca do conhecimento efetivo.

Para alcançá-lo seria necessário, primeiro, superar o embate filosófico dominante de seu período histórico, entre empirismo e racionalismo. Na superação dessa questão, Kant propôs uma "revolução copernicana", já que impactou, no campo do pensamento, numa superação radical de filosofias já consolidadas, tal como Copérnico impactou no campo das ciências e da religião na compreensão do universo.

Kant propunha que o conhecimento considere o sujeito antes do objeto, isto é, o sujeito deve ser levado em consideração com base na sua sensibilidade e limitação quanto a determinado objeto de estudo. Isso colocava em questão a ideia da tábula rasa, que até então definia o empirismo e também a vertente do pensamento que afirmava a existência de ideias inatas. Para Kant, tanto os racionalistas como os empiristas estariam equivocados quanto à análise da relação entre sujeito e objeto do conhecimento. Colocou assim o conhecimento como algo relacional, ou seja, dependente da relação entre o sujeito conhecedor e seu objeto de conhecimento. Isto é, o que se conhece sobre o homem e o mundo é produto de ideias, representações e conceitos elaborados pela consciência humana.

### Filosofia transcendental

O objetivo de Kant com a filosofia transcendental era estabelecer uma teoria da possibilidade do conhecimento. Ele determinou as diferenças entre o que chamou de juízos analíticos e juízos sintéticos.

- Juízos analíticos são os decorrentes da experiência, mas que não ampliam o conhecimento; são necessários e universais; são *a priori*.
- Juízos sintéticos ampliam o conhecimento e necessitam da experiência, pois são formados depois dela. Não são necessários nem universais, exatamente por dependerem da experiência de cada indivíduo; são *a posteriori*.

Segundo Kant, apesar de essas duas formas de juízos possibilitarem acesso ao conhecimento, quando isoladas não têm serventia para uma teoria da possibilidade do conhecimento, sendo necessário providenciar sua junção, da qual nascem os juízos sintéticos *a priori* – conhecimento que tem relação com a experiência por possibilitar sua ocorrência, não por depender dela. Tais juízos podem ser trabalhados pelo entendimento, de forma racional, sendo universalmente válidos.

Esse significado é possível porque nossa capacidade cognitiva organiza-se por meio de categorias estabelecidas *a priori* e presentes na mente humana. Kant identifica quatro grupos de categorias essenciais para promover a organização do pensamento cognitivo.

Quantidade	Qualidade	Relação	Modalidade
Unidade	Realidade	Substância	Possibilidade
Pluralidade	Negociação	Casualidade	Existência
Totalidade	Limitação	Reciprocidade	Necessidade

Material exclusivo para professores  
conveniados ao Sistema de Ensino

Dom Bosco

Dentro da epistemologia kantiana, há limitações: as verdades vindas exclusivamente da metafísica, como as ideias de deus, liberdade e igualdade, não passam pelo crivo da razão crítica, pois o filósofo não pode afirmar a existência ou a não existência deles. Nesse contexto, precisa ser agnóstico, mantendo posição em que não se nega nem se afirma tal conhecimento, visto que a razão encontra seu limite e não é, nesses casos, instrumento que possa providenciar respostas, pois esses princípios metafísicos carecem de experiências sensíveis que possibilitem a sistematização de ideias.

## ÉTICA EM KANT

Uma segunda questão cara a Kant diz respeito à ética, ou melhor, a como agir em sociedade. O filósofo procurou consolidar sua posição interpretando esse valor. A ética em Kant é universal e encontra-se distante da interferência ou das interpretações humanas, sendo um princípio absoluto.

Seguindo os preceitos iluministas, esse princípio encontra-se dentro do próprio homem e não pode nem deve ser visto como imposição para se realizar o bem, já que essa ideia implicaria sua externalidade, o que não ocorre nesse caso.

O homem deve ser submetido ao dever, que provém dos princípios da razão, de uma ética. Esse dever consiste em obedecer a uma lei que se impõe universalmente a todos os seres racionais. Daí o sentido do que ele chamou de imperativo categórico, ou seja, princípio puramente formal, desprovido de qualquer prática sensível. Logo, o homem procura ser eticamente correto porque deve sê-lo. Deve ficar claro que não é obrigado, mas, ao realizar seu dever, ele sabe que isso é melhor para si, para o outro e para todos, que também devem agir da mesma forma.

O homem deve entender que, ao agir conforme o categórico kantiano, segue a si próprio e afirma sua liberdade, entendida como agir conforme a razão, o que encaminharia a humanidade em direção ao progresso e ao verdadeiro momento das luzes.

Material exclusivo para professores  
conveniados ao Sistema de Ensino  
Dom Bosco

# ROTEIRO DE AULA

## RENÉ DESCARTES E O RACIONALISMO

### Caracterização do Renascimento

O Renascimento pode ser caracterizado pelo antropocentrismo, o uso da razão humana para entendimento do mundo, que impactou radicalmente na sociedade europeia porque rompeu com o domínio católico no entendimento do mundo. Deus não deixa de ser o criador do universo, para inúmeros cientistas e filósofos, mas o funcionamento do mundo deriva de leis materiais que devem ser explicadas pela razão humana.

### O que foi o racionalismo cartesiano?

O racionalismo cartesiano foi um movimento de desligamento entre filosofia e cristianismo na explicação do mundo. Além disso, foi um marco para o pensamento científico, já que propôs métodos pautados na coleta de evidências, análise, síntese e verificação sobre conhecimentos mensuráveis e comprováveis, objetivado para o alcance de verdades seguras.

### Objetivo do método cartesiano

O método cartesiano é proposto para questionar todas as concepções não verificadas e fornecer um conhecimento seguro sobre tais. Vale-se de quatro regras: coleta de evidências, análise, síntese e verificação. A partir desse método, a razão alcança uma verdade segura sobre qualquer fenômeno analisado.

### Caracterização do empirismo científico

Diferentemente do racionalismo cartesiano, não existem ideias inatas que podem definir a razão humana, mas todos os conhecimentos são primordialmente originais da experiência sensível. O método indutivo, portanto, é necessário para compreendermos como experiências particulares podem levar a conhecimentos gerais.

### Proposta da revolução copernicana de Kant

Kant propunha que o conhecimento considere o sujeito antes do objeto, isto é, o sujeito deve ser levado em consideração com base na sua sensibilidade e limitação quanto a determinado objeto de estudo. Em outras palavras, o conhecimento é algo relacional, ou seja, dependente da relação entre o sujeito conhecedor e seu objeto de conhecimento. O que se conhece sobre o homem e o mundo é produto de ideias, representações e conceitos elaborados pela consciência humana.

### Definição dos juízos kantianos

- Juízos analíticos: decorrentes da experiência, mas que não ampliam o conhecimento; são necessários e universais; são *a priori*.
- Juízos sintéticos: ampliam o conhecimento e necessitam da experiência, pois são formados depois dela; não são necessários nem universais, exatamente por dependerem da experiência de cada indivíduo; são *a posteriori*.

## EXERCÍCIOS DE APLICAÇÃO

**1. Unioeste-PR** – Em suas *Meditações sobre a filosofia primeira*, René Descartes (1596-1650) afirma ser necessário pôr em suspenso todo “saber” minimamente dubitável. A dúvida se torna, assim, “hiperbólica”, revestindo-se de função metafísica e epistemológica. As hipóteses de um deus enganador e de um gênio maligno, que tornariam “evidentes”, ou seja, que dariam aparência imediata de “verdade” a todo saber humano, são evocadas em consonância a essa dúvida; tais hipóteses levam a compreender que mesmo as proposições matemáticas mais simples – como “ $2 + 2 = 4$ ” – podem ser postas em dúvida. O propósito de Descartes não é instaurar um reino artificial de indecisão e relativismo, mas o de iniciar um Saber que mereça esse nome, fundando-se a si mesmo e não podendo ser posto em dúvida ou suspenso, nem mesmo se aceitarmos aquelas entidades enganadoras. Se, pois, a cada vez que eu somo  $2+2$  me aparece ao espírito o resultado 4, ainda assim, diz Descartes, não sei por que o número quatro resulta como resposta necessária e universal; não tenho clareza sobre o fundamento daquela evidência. O resultado aparece de modo súbito. Por outro lado, uma evidência que correspondesse a seu próprio fundamento, ou seja, autofundamentadora (um Saber que fosse uma Certeza) seria encontrada, para Descartes, na fórmula que afirma que existo necessariamente se e quando penso. A ligação entre pensamento e existência é indubitável – resiste até à hipótese de um gênio maligno e à suspensão do mundo sensível. Se estou pensando, existo. Mesmo quando me engano, existo enquanto penso; e na hipótese de o mundo sensível ser uma ilusão, enquanto penso, eu sou uma coisa pensante verdadeiramente existente. Com isso, encontra solo firme o que veio a ser conhecido como “filosofia moderna”.

Assinale, em conformidade com o que foi dito, a alternativa incorreta.

- a) Verdade, para Descartes, equivale a Certeza.
- b) A Matemática é a ciência principal, da qual a filosofia primeira é um espelho, já que suas proposições (da Matemática) são certas e indubitáveis.**
- c) Na medida em que pensamento e existência ligam-se na fórmula básica “Penso, logo existo”, e porquanto essa certeza é “a priori”, Descartes não pode ser considerado um filósofo empirista.
- d) Para Descartes, é correto afirmar que o conhecimento baseado na indução não resiste à dúvida hiperbólica.
- e) Descartes inaugura a filosofia moderna mediante a busca pelo fundamento do conhecimento certo, que tem em si mesmo o fundamento de sua evidência.

Como exposto no texto e nas obras de Descartes, tudo é passível e necessário de sofrer a dúvida e o método rigoroso de verificação de verdades. A própria razão pode nos enganar; portanto, é necessário verificar todas as certezas que nos envolvem. Por isso, a resposta é B.

**2. Unicentro-PR** – Em Filosofia Política, Thomas Hobbes pode ser considerado defensor:

- a) Do direito de natureza, que confere poder e legitimidade ao rei.**
- b) Do princípio democrático, por meio do qual os cidadãos são investidos do verdadeiro poder político.
- c) Do liberalismo clássico, que compreende a diminuição da interferência exercida pelo Estado.

d) Da anarquia, no sentido de que os homens podem governar a si mesmos.

e) Da tirania, pois somente o tirano, utilizando da força e do prestígio, terá êxito na gestão da sociedade.

Hobbes defende o estado político a partir da transferência, a um regente, de poderes absolutos para criação de leis e administração política. Apesar de defender a necessidade da punição para conter a tendência humana ao egoísmo, não defende a tirania, mas o absolutismo na promoção de boa vida aos humanos.

**3. UEL-PR** – Leia o texto a seguir.

Resta-nos um único e simples método, para alcançar os nossos intentos: levar os homens aos próprios fatos particulares e às suas séries e ordens, a fim de que eles, por si mesmos, se sintam obrigados a renunciar às suas noções e comecem a habituar-se ao trato direto das coisas.

BACON, F. *Novum Organum*. Trad. José Aluísio Reis de Andrade. São Paulo: Abril Cultural, 1973. p. 26.

Com base no texto e nos conhecimentos sobre o problema do método de investigação da natureza em Bacon, assinale a alternativa correta.

- a) O preceito metodológico do “trato direto das coisas” supõe que cada um já possui em si as condições para realizar a investigação da natureza.
- b) A investigação da natureza consiste em aplicar um conjunto de pressupostos metafísicos, cuja função é orientar a investigação.
- c) As “séries e ordens” referentes aos fatos particulares resultam da aplicação dos pressupostos do método de investigação.
- d) A renúncia às noções que cada um possui é o princípio do método de investigação, que levará a ida aos fatos particulares.
- e) O método de interpretação da natureza propõe uma nova atitude com relação às coisas e uma nova compreensão dos poderes do intelecto.**

Bacon é um dos filósofos que estruturaram o pensamento científico. Ao rejeitar as primeiras impressões sobre as coisas, defende um método rigoroso de observação da realidade e de conclusão sobre seu funcionamento. Diferentemente de Descartes, racionalista, Bacon defende as experiências sensíveis como determinantes dos conhecimentos sobre as coisas.

**4. Unesp-SP**

De um lado, dizem os materialistas, a mente é um processo material ou físico, um produto do funcionamento cerebral. De outro lado, de acordo com as visões não materialistas, a mente é algo diferente do cérebro, podendo existir além dele. Ambas as posições estão enraizadas em uma longa tradição filosófica, que remonta pelo menos à Grécia Antiga. Assim, enquanto Demócrito defendia a ideia de que tudo é composto de átomos e todo pensamento é causado por seus movimentos físicos, Platão insistia que o intelecto humano é imaterial e que a alma sobrevive à morte do corpo.

ALMEIDA, Alexander Moreira e ARAÚJO, Saulo de F. O *cérebro produz a mente?* Um levantamento da opinião de psiquiatras.

Fonte: <www.archivespsy.com>, 2015.

A partir das informações e das relações presentes no texto, conclui-se que

- a) a hipótese da independência da mente em relação ao cérebro teve origem no método científico.
- b) a dualidade entre mente e cérebro foi conceituada por Descartes como separação entre pensamento e extensão.**

- c) o pensamento de Santo Agostinho se baseou em hipóteses empiristas análogas às do materialismo.
- d) os argumentos materialistas resgatam a metafísica platônica, favorecendo hipóteses de natureza espiritualista.
- e) o progresso da neurociência estabeleceu provas objetivas para resolver um debate originalmente filosófico.

Segundo Descartes, filósofo racionalista, existe uma separação entre o corpo e o pensamento. Em outras palavras, nem todo o conhecimento advém de experiências sensíveis, mas de ideias inatas aos humanos.

5.

C3-H14

Sobre a ciência desinteressada e o utilitarismo, podemos afirmar como verdadeiro:

- a) a ciência desinteressada consiste numa forma de produção de conhecimento que ignora métodos rigorosos, por essa razão amplamente criticada por Descartes.
- b) a ciência desinteressada atribuiu maior valor aos fenômenos da experiência sensível, por essa razão é um dos fundamentos do empirismo.
- c) a ciência desinteressada consiste numa prática científica em que a utilidade prática deve ser derivada de uma pesquisa focada na qualidade teórica.
- d) o utilitarismo defende que a ciência deve ser submetida a interesses sociais, sendo menor a importância de seu rigor metodológico.
- e) o utilitarismo consiste numa prática científica que nega teorias abstratas, porque preocupa-se apenas com os fins práticos.

Enquanto a ciência desinteressada atribui maior valor para as teorias, o utilitarismo o atribui às aplicações práticas. Entretanto, nenhum defende baixo rigor metodológico. Ambas as concepções nos levam a reflexão sobre muitas descobertas práticas derivarem de pesquisas científicas livres, entretanto, é importante estar sempre atento a como tais resultados podem contribuir para a vida humana.

Modelo Enem

**Competência:** Compreender a produção e o papel histórico das instituições sociais, políticas e econômicas, associando-as aos diferentes grupos, conflitos e movimentos sociais.

**Habilidade:** Comparar diferentes pontos de vista, presentes em textos analíticos e interpretativos, sobre situação ou fatos de natureza histórico-geográfica acerca das instituições sociais, políticas e econômicas.

**6. Unicentro-PR** – O Estado, enquanto instituição social, é uma realidade no seio da sociedade, contudo, sobre sua origem, pode-se afirmar:

- a) Na perspectiva aristotélica, o Estado é uma construção da natureza.
- b) Locke e Rousseau afirmam ser o Estado uma formação sobrenatural.
- c) Santo Agostinho de Hipona refere-se ao Estado enquanto identidade material e histórica.
- d) Karl Marx concebe, em sua filosofia, o ideal de Estado em uma perspectiva metafísica e transcendente.
- e) I. Kant, em sua obra *Tratados lógicos filosóficos*, considera o Estado uma entidade intransponível.

Segundo Aristóteles, o Estado é uma organização social decorrente da natureza política dos humanos. Locke e Rousseau defendem o Estado como uma condição necessária para organizar a vida em sociedade. Marx, como uma derivação, sobretudo, das relações sociais de produção.

## EXERCÍCIOS PROPOSTOS

**7. UFU-MG** – Em uma situação hipotética da saída dos homens do estado de natureza, o pacto social, firmado por um grupo de indivíduos, implica a renúncia ao direito individual absoluto, o qual será transferido para um soberano encarregado de promover a paz, e que merecerá desse grupo a obediência total – salvo na situação em que esse soberano se tornar impotente para a manutenção da paz e da prosperidade.

Essas afirmações estão contidas no pensamento político de um filósofo contratualista moderno. Assinale a alternativa que nomeia o filósofo em questão.

- a) Jean-Jacques Rousseau
- b) Jean Bodin
- c) John Locke
- d) Thomas Hobbes

**8. UFU-MG**

Nas *Meditações sobre a filosofia primeira*, Descartes escreveu: Mesmo que dormisse sempre, mesmo que também aquele que me criou me enganasse com todas as suas forças, o que há nisto que não seja tão verdadeiro como eu existir?

DESCARTES, R. *Meditações sobre a filosofia primeira*. Trad. Gustavo de Fraga. Coimbra: Livraria Almedina, 1988. p. 125.

Tendo em vista as ideias de Descartes, responda:

- a) A afirmação “mesmo que também aquele que me criou me enganasse com todas as suas forças” diz respeito a qual argumento empregado por Descartes para levar a sua dúvida ao extremo?

- b) Considerando a possibilidade do engano, a partir das forças mencionadas no fragmento, o que tal engano e tais forças não seriam capazes de negar?

### 9. UEG-GO – Leia o texto a seguir.

Isto equivale a dizer: eleger um homem ou uma assembleia de homens que representem sua personalidade; e que cada um considere como próprio e se reconheça a si mesmo como autor de qualquer coisa que faça ou promova aquele que represente a sua pessoa, naquelas coisas que concernem à paz e à segurança comuns; que, além disso, submetam suas vontades cada um à vontade daquele, e seus juízos a seu juízo [...] de tal forma como se cada um dissesse: “autorizo e transfiro a este homem ou assembleia de homens meu direito de governar-me a mim mesmo.” [...] Feito isto, a multidão assim unida em uma pessoa se denomina Estado, em latim, *Civitas*. Esta é a geração daquele grande Leviatã, ou melhor [...] daquele *Deus mortal*, ao que devemos, sob o *Deus imortal*, nossa paz e nossa defesa.

HOBBS, Thomas. *Leviatã* (1651). In. MARQUES, Adhemar; BERUTTI, Flávio; FÁRIA, Ricardo. *História moderna através de textos*. São Paulo: Contexto, 1999. p. 61.

O texto citado é um trecho do *Leviatã*, importante obra de Thomas Hobbes, escrita no contexto da formação dos Estados modernos europeus. O texto indica que Hobbes justifica o poder político exercido pelo soberano a partir da premissa de que o mesmo

- baseia-se num pacto social no qual os homens abdicam de sua liberdade política para obter paz e estabilidade social.
- deriva diretamente do *Deus imortal* e, por isso, o monarca tem o direito de exercer o poder político de modo absoluto e autocrático.
- legitima-se democraticamente na assembleia popular, configurando-se num governo do povo, pelo povo e para o povo.
- configura-se num sistema de governo de caráter oligárquico, sendo o monarca escolhido a partir de uma assembleia de nobres.
- apoiar-se na superioridade intelectual do monarca sobre os súditos, constituindo-se no sistema político denominado Despotismo Esclarecido.

### 10. Unicentro-PR – Leia o texto a seguir.

O “estado de natureza”, ou “natural”, em que o homem se encontraria, abstração feita da constituição da sociedade organizada e do governo, é o estado de “guerra de todos contra todos”. O homem é “o lobo do homem” e movido por suas paixões e desejos não hesita em matar e destruir o outro, seu semelhante.

MARCONDES, D. *Iniciação à história da filosofia*. Dos Pré-Socráticos a Wittgenstein. Rio de Janeiro: Zahar, 2007. p. 40.

Assinale a alternativa que apresenta, corretamente, a concepção antropológica de homem, retratada no texto, e o seu defensor.

- Cética, defendida por Locke.
- Filosófica, defendida por Maquiavel.
- Maniqueísta, defendida por Agostinho.
- Negativa, defendida por Hobbes.
- Nihilista, defendida por Rousseau.

### 11. UEG-GO – Considera-se que no início da filosofia e da ciência moderna, com Descartes e a revolução científica do séc. XVII, houve uma mudança fundamental na relação entre sujeito e sua confiança nas possibilidades da razão, o que resultou na mudança da questão ontológica

grega, que perguntava pelo ser, para a questão gnosiológica que pergunta pelas possibilidades e limites da razão. Diante dessa questão surgem duas grandes correntes que marcam o pensamento moderno: o racionalismo e o empirismo. Em relação a tais tendências verifica-se que

- o racionalismo, ao contrário do empirismo, preocupa-se em levantar hipóteses passíveis de serem submetidas ao controle empírico e matemático em condições de laboratório.
- a questão gnosiológica de saber o que se pode conhecer foi tratada da mesma forma por empiristas e racionalistas que defendiam os mesmos critérios para determinar a verdade dos fatos e da existência humana.
- a questão gnosiológica colocada por racionalistas e empiristas só reforça sua confiança na razão, denotando uma falta de preocupação em determinar os limites e as possibilidades da racionalidade.
- o racionalismo defende o inatismo das ideais, o critério da evidência e a capacidade da razão em desvendar os mistérios da natureza e do universo, ao passo que o empirismo nega o inatismo, estabelecendo o critério da verificação para legitimar suas proposições.

### 12. UEM-PR – Sobre o Iluminismo e o Liberalismo, assinale a(s) alternativa(s) **correta(s)**.

- Para o pensador inglês John Locke, a vida, a liberdade e a propriedade são direitos naturais dos homens.
- Os valores e os ideais defendidos pelos pensadores iluministas constituíram a base teórica da crítica ao Antigo Regime e à desigualdade jurídica.
- Os filósofos iluministas construíram um corpo teórico coeso. Isso pode ser observado, por exemplo, nas críticas que Voltaire e Rousseau fizeram à propriedade privada e à burguesia, consideradas por eles a raiz da infelicidade humana.
- Adam Smith combatia as ideias e as práticas mercantilistas, pois as considerava prejudiciais à economia. Para esse autor, com a adoção da livre concorrência, com a divisão do trabalho e com a liberdade do comércio, alcançar-se-ia a justiça social.
- Com base em princípios iluministas, alguns reis europeus colocaram em prática reformas que visavam harmonizar o poder régio com a modernização de seus países. Essas ações foram chamadas Despotismo Esclarecido.

### 13. UEM-PR – As linhas iniciais do *Discurso do método*, de Descartes, afirmam, primeiramente, que o bom senso ou razão “é a coisa mais bem partilhada do mundo” e, posteriormente, a modo de complemento, que “não é suficiente ter o espírito bom, mas aplicá-lo bem”. A propósito dessas frases e de conhecimentos sobre o racionalismo de Descartes, assinale a(s) alternativa(s) **correta(s)**.

- O uso da razão por si só não garante a identificação da verdade.
- A razão não se estende à análise da moralidade, pois esta diz respeito aos costumes e aos sentimentos humanos.
- Diferentemente da tradição agostiniana e escolástica, a razão cartesiana não é marcada pelo pecado original.
- O bom uso da razão está vinculado a condições determinadas de sua aplicação.
- A razão bem conduzida pode se voltar para os assuntos da fé e da religião.



- I. O *cogito* é uma autoevidência originária revelada pela própria razão.
- II. O *cogito* é o ponto de partida da dúvida enquanto recurso metodológico.
- III. O *cogito* assegura o fundamento para a certeza do mundo exterior independente de Deus.
- IV. O *cogito* é a superação do ceticismo e da demonstração de certeza irrefutável.

Assinale a alternativa correta.

- a) Somente as afirmativas I e II são corretas.
- b) Somente as afirmativas I e IV são corretas.
- c) Somente as afirmativas III e IV são corretas.
- d) Somente as afirmativas I, II e III são corretas.
- e) Somente as afirmativas II, III e IV são corretas.

## ESTUDO PARA O ENEM

### 18. Enem

C3-H14

A natureza fez os homens tão iguais quanto às faculdades do corpo e do espírito, que, embora por vezes se encontre um homem manifestamente mais forte de corpo, ou de espírito mais vivo do que outro, mesmo assim, quando se considera tudo isto em conjunto, a diferença entre um e outro homem não é suficientemente considerável para que um deles possa com base nela reclamar algum benefício a que outro não possa igualmente aspirar.

HOBBS, T. *Leviatã*. São Paulo Martins Fontes, 2003.

Para Hobbes, antes da constituição da sociedade civil, quando dois homens desejavam o mesmo objeto, eles

- a) entravam em conflito.
- b) recorriam aos clérigos.
- c) consultavam os anciãos.
- d) apelavam aos governantes.
- e) exerciam a solidariedade.

### 19. Enem

C3-H14

Texto I

Até aqui expus a natureza do homem (cujo orgulho e outras paixões o obrigaram a submeter-se ao governo), juntamente com o grande poder do seu governante, o qual comparei com o Leviatã, tirando essa comparação dos dois últimos versículos do capítulo 41 de Jó, onde Deus, após ter estabelecido o grande poder do Leviatã, lhe chamou Rei dos Soberbos. Não há nada na Terra, disse ele, que se lhe possa comparar.

HOBBS, T. *Leviatã*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

Texto II

Eu asseguro, tranquilamente, que o governo civil é a solução adequada para as inconveniências do estado de natureza, que devem certamente ser grandes quando os homens podem ser juízes em causa própria, pois é fácil imaginar que um homem tão injusto a ponto de lesar o

irmão dificilmente será justo para condenar a si mesmo pela mesma ofensa.

LOCKE, John. *Segundo tratado sobre o governo civil*. Petrópolis: Vozes, 1994.

Thomas Hobbes e John Locke, importantes teóricos contratualistas, discutiram aspectos ligados à natureza humana e ao Estado. Thomas Hobbes, diferentemente de John Locke, entende o estado de natureza como um(a)

- a) condição de guerra de todos contra todos, miséria universal, insegurança e medo da morte violenta.
- b) organização pré-social e pré-política em que o homem nasce com os direitos naturais: vida, liberdade, igualdade e propriedade.
- c) capricho típico da menoridade, que deve ser eliminado pela exigência moral, para que o homem possa constituir o Estado civil.
- d) situação em que os homens nascem como detentores de livre-arbítrio, mas são feridos em sua livre decisão pelo pecado original.
- e) estado de felicidade, saúde e liberdade que é destruído pela civilização, que perturba as relações sociais e violenta a humanidade.

### 20.

C3-H14

Assinale a alternativa correta sobre as filosofias contratualistas:

- a) Hobbes defende o pacto social e o estado político em razão dos seres humanos, em estado de natureza, sempre tenderem para a violência.
- b) Locke defende que o estado político é necessário para garantir a igualdade social.
- c) Segundo Rousseau, a propriedade privada é a principal responsável pela corrupção dos humanos em sociedade.
- d) Segundo Hobbes e Locke, o estado político deve ser absolutista, sendo negado o direito à contestação.
- e) Voltaire defende que a igualdade jurídica é perigosa por permitir aos menos esclarecidos uma opinião sobre os eventos políticos.

## 6

## CONTRATUALISMO POLÍTICO

- Contratualismo político
- Hegel: razão, dialética e espírito
- Materialismo histórico-dialético em Marx e Engels

## HABILIDADES

- Relacionar cidadania e democracia na organização das sociedades.
- Compreender os fundamentos materialistas que determinam a existência do ser no mundo.
- Compreender a razão humana e a consciência da existência humana como fatores necessários para a intervenção no mundo.

O holandês Hugo Grotius foi um dos primeiros a abordar a questão do Estado soberano associado ao direito dos indivíduos que constituem uma sociedade. Em seu entendimento, os detentores da soberania só podem garantir-se no governo pela vontade coletiva. Aí se identificam os primórdios da visão que associa o Estado à garantia de um direito natural, sendo isso possível mediante relação contratual entre governantes e governados, o que constitui a base da soberania do Estado.

### Contratualismo político

Depois de Hugo Grotius, Thomas Hobbes e John Locke, cada um à sua maneira, desenvolveram considerações importantes sobre direito natural e contratualismo, contribuindo para certas visões sobre a extensão e o poder das organizações estatais.

Já no século XVIII, um dos expoentes dessa linha de pensamento, Jean-Jacques Rousseau, fez um alerta para o caráter hipotético dos raciocínios que permitiriam estruturar um pacto social que garantisse, num mundo de desigualdades, os direitos naturais do homem. Em linhas gerais, o contratualismo instituído por esses pensadores propunha a substituição do poder real assentado no direito divino, em que os governados são entendidos por súditos (devem obediência), pela defesa de um governo que garantisse os direitos naturais do homem. Daí o surgimento do jusnaturalismo.

#### Jusnaturalismo

Retira a autoridade política do patamar imaterial, divino e submete-a à realidade natural. Aproxima-se, portanto, das expectativas mantidas pelos empiristas, para quem a verdade e o conhecimento resultam da experiência no mundo.

Para os contratualistas, o poder político é instituído pela sociedade para garantir certos direitos naturais, que são, ao mesmo tempo, universais, pois todos os homens os têm, e individuais, porque são inalienáveis de cada pessoa. Os contratualistas divergiram no que dizia respeito à forma de atuação política do estado ou à sua soberania, mas mantiveram o direito como foco de atenção.

### HOBBES – LEVIATÃ

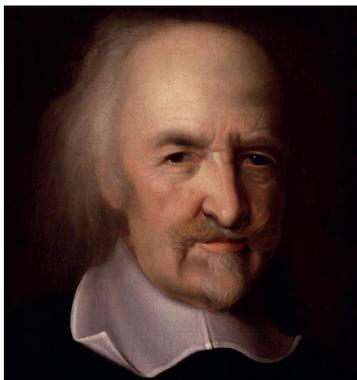
Inspirado pelo dramaturgo romano Tito Mácio Plauto (século III a.C.), Hobbes identificou o homem como um ser de natureza perversa, violenta, o que prejudica sua relação com o outro. “O homem como lobo do homem” é o cenário que Hobbes chama de estado de natureza, perigoso para todos os humanos.

Sobre a natureza humana, escreve Hobbes:

A maior parte daqueles que escreveram alguma coisa a propósito das repúblicas, ou supõe, ou nos pede ou requer que acreditemos que o homem é uma criatura que nasce apta para a sociedade. Os gregos chamam-no *zoon politikon*, e sobre este alicerce eles erigem a doutrina da sociedade civil como se, para se preservar a paz e o governo da humanidade, nada mais fosse necessário do que os homens concordarem em firmar certas convenções e condições em comum, que eles próprios chamariam, então, leis. Axioma este que, embora acolhido pela maior parte, é contudo sem dúvida falso – um erro que procede de considerarmos a natureza humana muito superficialmente.

HOBBS, Thomas. *Do cidadão*. São Paulo: Martins Fontes, 2002. p. 25.

Procurando explicar a necessidade de um estado forte e centralizado, ele publicou sua obra-prima, o *Leviatã*.



JOHN MICHAEL WRIGHT

Retrato de Thomas Hobbes

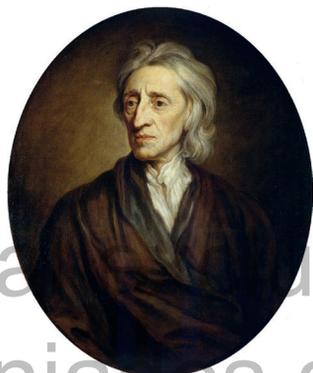
A solução necessária, para Hobbes, é a elaboração de um contrato social, de um pacto de submissão, instrumento pelo qual todos os indivíduos, em nome de uma ordem, abririam mão da liberdade e de seu direito natural de autogoverno em favor do Estado. Escolhido entre os homens, o soberano que controla o Estado é responsável por impor a paz e garantir a vida. O contrato social é:

Mais do que consentimento ou concórdia, é uma verdadeira unidade de todos eles [homens], numa só e mesma pessoa, realizada por um pacto de cada homem com todos os homens [...]. Feito isso, à multidão assim unida numa só pessoa chama-se República, em latim, Civitas. É esta a geração daquele grande Leviatã, [...] daquele Deus Mortal, ao qual devemos, abaixo do Deus Imortal, a nossa paz e defesa.

HOBBS, Thomas. *Leviatã*. São Paulo: Martins Fontes, 2008. p. 147.

## LOCKE – DIREITO À INSUBORDINAÇÃO

Ao contrário de Hobbes, John Locke vislumbrou uma situação em que os homens, por meio da razão, mantêm entendimento mútuo com relativa serenidade. Em sua concepção, a liberdade assume caráter positivo. Dentro dessa comunidade, porém, os indivíduos muitas vezes se deixam levar pelas paixões, colocando em risco a própria vida e almejando a propriedade dos demais ao seu redor.



GODFREY KNELLER

Retrato de John Locke

Assim se justifica a organização dos homens em comunidade política, com base na organização de um contrato social, a fim de fundar o governo que tenha por objetivo proteger os direitos naturais (liberdade, propriedade e vida) quando ameaçados. O excesso da propriedade privada, inclusive, é criticado por Locke, caso crie uma desigualdade entre os indivíduos. Nas palavras do filósofo:

A mesma lei da natureza que nos dá por esse meio a propriedade também a limita igualmente. ‘Deus nos deu de tudo abundantemente’ (I Tim 6,17) é a voz da razão confirmada pela inspiração. Mas até que ponto nos deu? Para usufruir. Tanto quanto qualquer um pode usar com qualquer vantagem para a vida antes que se estrague, em tanto pode fixar uma propriedade pelo próprio trabalho; o excedente ultrapassa a parte que lhe cabe e pertence a terceiros. Deus nada fez para o homem estragar e destruir.

LOCKE, John. *Segundo tratado do governo civil*. São Paulo: Nova Cultural, 1991. p. 229.

É preciso estar claro que o governo apenas se forma com o consentimento de todos os indivíduos da comunidade, sendo constituído por um poder representativo voltado ao bem comum. Nesse caso, o poder pertence ao povo e é delegado ao corpo soberano, que o exerce enquanto se atém ao pacto estabelecido com a comunidade. Caso o governante atenda aos próprios interesses e, dessa forma, ameace a propriedade, instala-se a tirania e ele perde legitimidade.

## ROUSSEAU – IGUALDADE

Para Rousseau, a igualdade entre os indivíduos é que constrói o caminho em direção à felicidade, não a liberdade. Ele afirmou que o estado de natureza é o momento de felicidade da humanidade, e sua superação é o início de um período conturbado e tenebroso.

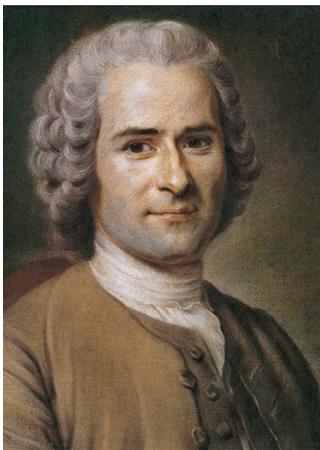
O fator responsável pela mudança de vida dos indivíduos que vivem felizes no estado de natureza é um só: o surgimento da propriedade. De acordo com Rousseau, a propriedade destrói a igualdade entre os indivíduos, exterminando a piedade mútua e o “bom selvagem” que aí vive. Decorre daí o nascimento do Estado e de todos os males que afligem a humanidade. Então, o primeiro objetivo do surgimento do Estado é possibilitar a preservação da propriedade e, com ela, a desigualdade e a impossibilidade de todos serem felizes. Esse pacto inicial teria como única função favorecer os ricos em detrimento dos pobres, e não se poderia sustentar. Nas palavras do filósofo:

Antes que tivessem inventado os sinais representativos das riquezas, elas só podiam consistir em propriedades e animais, os únicos bens reais que os homens podiam possuir. Ora, quando as heranças cresceram em números e em extensão, a ponto de cobrir todo o solo, e tocaram-se umas às outras, uns só puderam prosperar a expensas dos outros, e os supranumerá-

rios, que a fraqueza ou a indolência tinham impedido por seu turno de as adquirir, tendo se tornado pobres sem nada ter perdido, porque, tudo mudando à sua volta, somente eles não mudaram, viram-se obrigados a receber ou roubar sua subsistência da mão dos ricos. Daí começaram a nascer, segundo os vários caracteres de uns e de outros, a dominação e a servidão, ou a violência e os roubos.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. Contrato social. Discurso sobre a desigualdade. In: *Obras*. Coleção Os Pensadores. São Paulo, Abril, 1979. p. 267-268.

A única saída possível, para Rousseau, seria a formulação de um novo pacto para reestruturar a sociedade, criando ordem política efetivamente voltada ao benefício de todos, e não apenas a pequeno grupo de privilegiados. Isso exigiria a concordância mútua de todos e a alienação dos direitos dos indivíduos em favor da comunidade, o que levaria a constituir um corpo soberano que refundaria o Estado.



Jean-Jacques Rousseau (1712-1778).

Dentro desse modelo, os representantes escolhidos são tidos como funcionários da comunidade e, assim, passíveis de exclusão por qualquer desvio de conduta, sempre com o intuito de preservar o interesse comum e a vontade geral da sociedade.

## Hegel: razão, dialética e espírito

Hegel nasceu em Stuttgart, Alemanha, em 1770. Filho de funcionário público de consideráveis posses, formou-se em filosofia e teologia no sul da Prússia, em Tübingen, onde manteve contato com amplo círculo de intelectuais, como Hölderlin e Schelling, que fariam parte do romantismo alemão.

Durante sua estada em Tübingen eclodiu a Revolução Francesa, cujos ideais recebeu com entusiasmo, pois simpatizava com a defesa da liberdade. A ascensão de Napoleão não tirou o ânimo do filósofo quanto às transformações que corriam a Europa nesse período, mas não deixa de ser intrigante o fato de que sua produção filosófica e influência acadêmica se tornaram

predominantes após a queda do imperador francês, momento de reação absolutista liderada pela Santa Aliança e pela Prússia.

Dedicou sua filosofia a construir um sistema de compreensão do todo, que teve início com críticas a Kant, especificamente pela definição do ser transcendental e pela divisão que fez entre razões teórica e prática.

Para Hegel, a ciência é apenas mais uma forma de conhecimento, tão válida para a investigação do real quanto outras. Ela parte da compreensão de que a realidade existe e é captada inicialmente pelos sentidos, responsáveis por teorizar a respeito de sua existência por meio da consciência.



Georg Wilhelm Friedrich Hegel

Ao construir seu arcabouço filosófico, Hegel partiu da experiência sensível, da crença de que o homem é resultado do tempo em que vive, o que introduz a noção de historicidade e, com ela, a noção particular de progresso. Afinal, compreender como se dá o conhecimento humano é um esforço que exige, na mentalidade hegeliana, o retorno ao princípio da humanidade, tarefa que o filósofo procura cumprir adotando nomenclaturas e termos próprios, nem sempre compreensíveis num primeiro contato.

### PONTO DE PARTIDA: FENOMENOLOGIA

Como meio de superar as limitações do pensamento kantiano, Hegel partiu da unidade ontológica entre ser e pensar, ou seja, o ser e o dever ser que Kant tratou como elementos distintos, para Hegel, eram terminantemente o mesmo elemento filosófico, ou seja, a razão.

Essa identidade entre ser e pensar resulta da relação entre o finito e o infinito, ponto de partida para a produção da teoria do conhecimento hegeliano. Tanto o finito quanto o infinito podem ser uma variedade de elementos em Hegel, mas aqui se considera, num primeiro momento, o homem como elemento que representa o finito. A própria existência confirma tal realidade.

Pensando nos seres humanos como indivíduos isolados, cujo conhecimento depende das experiências pessoais, entende-se a multiplicidade de experiências e determinações às quais estão submetidos e que os impediria de compreender o âmbito geral da existência

humana, pelo menos de início. Essa limitação é que Hegel pretendia superar, levando o finito em direção ao infinito, retornando posteriormente com a devida revelação, que ele chamou de espírito (*Geist*, em alemão). Daí o caráter historicizante da filosofia hegeliana: o homem deve entender-se como parte do tempo em que vive, sendo fruto dos valores e das experiências desse mesmo período. Entender-se como parte da história é o passo decisivo para a consciência desenvolver-se e, com isso, encaminhar o espírito à autocompreensão ou à autoconsciência.

O alcance da autoconsciência se dá, por sua vez, mediante aplicação da fenomenologia, considerada por Hegel como descrição das experiências vividas pela consciência. Em outras palavras, caminho que a consciência percorre até se compreender como consciência, tornando-se autoconsciência. Por meio da fenomenologia, Hegel procurou escapar da ideia do imperativo categórico kantiano, cujo caráter *a priori* independe do homem e do pensar, o que ele considerava absurdo, pois equivaleria, num exemplo simplista, “a saber nadar sem nunca ter nadado”.

Assim, o ponto de partida da fenomenologia é a certeza sensível, a realidade imediata que se põe à frente do indivíduo, a qual é formada por múltiplas impressões captadas e que, num primeiro olhar, seriam impossíveis de compreender no mesmo fenômeno. Quando o sujeito se depara com o objeto, isto é, com o outro que não o “eu”, tem o caminho para a abstração e a evolução da consciência.

### Fenomenologia: de Kant a Husserl

O filósofo Husserl criou uma filosofia chamada fenomenologia. Essa palavra vem diretamente da filosofia kantiana. Com efeito, Kant usa duas palavras gregas para referir-se à realidade: a palavra *noumenon*, que significa a realidade em si, racional em si, inteligível em si; e a palavra *phainomenon* (fenômeno), que significa a realidade tal como se mostra ou se manifesta para nossa razão ou para nossa consciência.

Kant afirma que só podemos conhecer o fenômeno (o que se apresenta para a consciência, de acordo com a estrutura *a priori* da própria consciência) e que não podemos conhecer o *noumenon* (a coisa em si). Fenomenologia significa: conhecimento daquilo que se manifesta para nossa consciência, daquilo que está presente para a consciência ou para a razão, daquilo que é organizado e explicado a partir da própria estrutura da consciência. A verdade se refere aos fenômenos e os fenômenos são o que a consciência conhece.

Ora, pergunta Husserl, o que é o fenômeno? O que é que se manifesta para a consciência? A própria consciência. Conhecer os fenômenos e conhecer a estrutura e o funcionamento necessário da consciência são uma só e mesma coisa, pois é a própria consciência que constitui os fenômenos.

Como ela os constitui? Dando sentido às coisas. Conhecer é conhecer o sentido ou a significação das coisas tal como esse sentido foi produzido ou essa significação foi produzida pela consciência. O sentido, ou significação, quando universal e necessário, é a essência das coisas. A verdade é o conhecimento das essências universais e necessárias ou o conhecimento das significações constituídas pela consciência reflexiva ou pela razão reflexiva.

CHAUI, Marilena. *Convite à filosofia*. São Paulo: Ática, 2000. p. 130.

### O conceito de espírito em Hegel

Foi só com Hegel que se teve uma especificação diferente da noção de espírito, com as noções de espírito objetivo e espírito absoluto. Se por espírito subjetivo ele entende o espírito finito, ou seja, alma, intelecto ou razão (espírito no significado cartesiano do termo) (...), por espírito objetivo ele entende as instituições fundamentais do mundo humano, quais sejam, direito, moralidade e eticidade, e por espírito absoluto entende o mundo da arte, da religião e da filosofia. Nessas duas concepções, o espírito deixou de ser atividade subjetiva para tornar-se realidade histórica, mundo de valores. Enquanto espírito objetivo é o mundo das instituições jurídicas, sociais e históricas que culmina na eticidade (que compreende as três principais instituições históricas: família, sociedade civil e Estado), espírito absoluto é o mundo da autoconsciência, que se revela a si mesma nas produções superiores, que são a arte, a religião e a filosofia (...). Para Hegel, as três formas de espírito são manifestações da ideia, da razão infinita, mas é só no espírito objetivo e no espírito absoluto que a ideia ou razão se realiza plenamente ou chega à manifestação acabada ou adequada.

ABBAGNANO, Nicola. *Dicionário de filosofia*. São Paulo: Martins Fontes, 2007. p. 355.

### TUDO QUE É REAL É RACIONAL, TUDO QUE É RACIONAL É REAL

De que forma a consciência consegue abandonar a realidade imediata, implicando alcançar um novo nível de conhecimento, ao qual Hegel chamou de entendimento ou razão? Tal movimento apenas é possível quando se recorre à dialética, que difere da desenvolvida pelos gregos antigos por apresentar caráter especulativo. Este surgiu da aplicação da própria dialética, cujo movimento ocorre sempre em três níveis. O primeiro, a *tese*, corresponde à formação de uma ideia inicial, resultante do contato humano com o mundo. Tese ou ideia é uma percepção equivocada da realidade, da qual o sujeito se dá conta apenas quando se depara com a *antítese* (segundo nível), que é a natureza, aquilo que é exterior ao “eu” que compreende e que, por ser exterior, não é o “eu”. Essa negação, junto com a percepção da negação,

leva a consciência a pensar sobre si mesma, gerando a autoconsciência ou *razão* (terceiro), quer dizer, o “eu” se conscientiza de que, não sendo o “outro”, é ele próprio. Esse ingrediente é relevante, pois o autoconhecimento só é possível a partir do outro, isto é, do reconhecimento do outro em relação a si e vice-versa. Esse processo gera a identidade da consciência individual, caracterizando a alteridade. Justifica-se aí a inserção do homem na história, que fornece os elementos suficientes para compreender não só a si próprio, indivíduo particular como parte integrante da história, mas o gênero humano, ou seja, o indivíduo universal, que torna comum aos homens a experiência da vida. No último movimento, de síntese, manifesta-se o elemento especulativo, com a superação das oposições (tese e antítese) do intelecto. Essa superação não se encerra com o movimento dialético. Hegel identificou na síntese o momento de criar nova tese, dando início a outro movimento dialético, que tende a continuar até que se possa alcançar a plena realização do espírito.

Apesar da complexidade, a dialética hegeliana está exemplificada na obra *A dialética do senhor e do escravo*, em que o primeiro corresponde à tese e o segundo, à antítese. O confronto entre os dois elementos conduziria então à síntese, ou seja, ao reconhecimento de que o senhor apenas é senhor porque existe um escravo para confirmar tal definição. Por sua vez, a permanência do movimento dialético é responsável pela transformação da autoconsciência em plena consciência, quando o finito não se enxerga apenas em si, mas se reconhece no infinito, no todo, na multiplicidade que o cerca, que é o “nós”.

A plena consciência leva o indivíduo a reconhecer-se como parte de algo maior que ele próprio: o gênero humano. Mesmo não estando no mesmo momento histórico, os sujeitos de hoje se reconhecem como integrantes da humanidade. Falando em humanidade, são elementos comuns que os identificam como parte desse algo maior. Assim, o espírito se reconhece em si mesmo, em direção ao absoluto, objetivo último da filosofia hegeliana.

O movimento de Hegel é claro: por meio da dialética, parte-se do particular para chegar ao universal. Ele se identifica com três áreas de investigação do conhecimento: religião (daí muitos hegelianos afirmarem que o absoluto é manifestação de Deus), arte e filosofia (responsável pela produção do saber absoluto, quando, ao interiorizar aquilo que lhe era externo, o filósofo reconhece a si mesmo dentro do todo maior). A humanidade adquire, assim, caráter atemporal na realização do espírito, motivo que levou Hegel a assumir a noção do “fim da história”, que corresponde à compreensão de uma verdade atemporal que sustenta a si própria, por intermédio do movimento em espiral produzido pela dialética, o movimento rumo ao absoluto.

## Dialética do senhor e do escravo

Hegel usou a dialética do senhor e do escravo como recurso metafórico para compreensão do movimento dialético de reconhecimento da consciência. O senhor submete o escravo, submissão apenas possível quando o escravo reconhece o senhor como superior. Portanto, o senhor se reconhece senhor somente quando o escravo admite essa mesma possibilidade e, implicitamente, reconhece-se como inferior e submisso ao primeiro. No entanto, o escravo é quem trabalha para sustentar o senhor, o que permite a este reconhecer-se como fruto do trabalho que modifica a natureza que o cerca, superando e subvertendo sua situação de submissão, visto ficar claro que o senhor é quem depende do escravo. “Os escravos são as mãos e os pés do senhor de engenho.” Com essas palavras, o padre João Antonil antecipou-se às ideias de Hegel no livro *Cultura e opulência do Brasil*, em que descreve as relações entre os senhores de engenho e os escravos que trabalhavam e produziam pelo sistema de *plantation*, no Império Brasileiro.



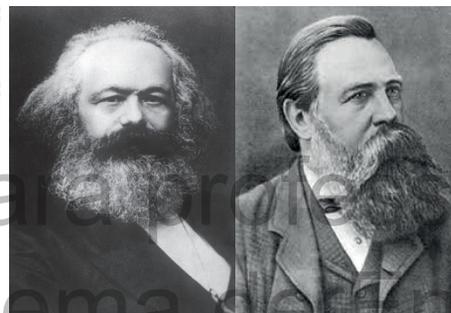
DEBRET, Jean-Baptiste. *Um jantar brasileiro*, 1827. Acervo Itaú Cultural.

ACERVO ITAÚ CULTURAL

## Materialismo histórico-dialético em Marx e Engels

Marx (1818-1883) e Engels (1820-1895) produziram análises filosóficas, sociológicas, políticas e econômicas de suma importância teórica e, também, social. Afinal, as ideias socialistas e comunistas marcam o cenário político internacional até os dias atuais.

EVERETT HISTORICAL/SHUTTERSTOCK / WILLIAM HALL



Karl Marx (à esquerda) e Friedrich Engels

Do ponto de vista filosófico, as ideias de Marx se originaram das observações de Hegel e seus seguidores, mais especificamente da esquerda hegeliana e de Ludwig Feuerbach que, para Marx, falhou ao procurar superar o idealismo contido na obra de Hegel. Dentro dessa crítica, Marx apontou para a necessidade de subverter os parâmetros filosóficos, até então dedicados a compreender o mundo à sua volta. Para ele, não bastava compreender o mundo, era preciso transformá-lo profundamente.

Marx julgou Feuerbach pela incompletude da obra. Em *Teses sobre Feuerbach*, apontou a falta de resposta para uma questão relevante: afinal, se é o homem quem cria Deus, e não o oposto, por que o cria?

A superação do idealismo hegeliano se daria mediante adoção do materialismo histórico, como instrumento de análise e compreensão da humanidade, partindo da existência de uma infraestrutura econômica que determina a superestrutura política, religiosa, moral e cultural. Transformar a sociedade significa obrigatoriamente transformar as relações econômicas de produção, que são dadas historicamente.

Dentre esses elementos, o trabalho chamou a atenção de Marx, pelo caráter libertador. Hegel abordou essa categoria, porém Marx o tratou como elemento ideal, um meio de análise para o espírito poder reconhecer a si próprio cumprindo seu movimento de autoesclarecimento.

Para Marx, trabalho não é uma categoria com essas características, mas um elemento real de transformação da sociedade. Dentro do sistema capitalista em particular, a categoria do trabalho havia passado por um processo de alienação, impedindo o homem de identificar-se com o fruto de seu trabalho e, portanto, consigo mesmo.

A alienação decorre, no capitalismo, do trabalho humano executado de modo desassociado de sentido para o trabalhador e, ao mesmo tempo, composto pelo sentido de gerar mais-valia para o empregador. É nesse contexto que o trabalhador se torna um apêndice de máquinas, estabelecido em fábricas para executar operações mecânicas e repetitivas em troca de salário. Segundo Marx e Engels, o trabalho humano, que pode ser compreendido como a atividade humana criativa, caso seja reduzido a um emprego alienado, impede que o humano desprenda seu tempo e seu talento para criação de bens úteis para si e para a humanidade. O trabalho livre, portanto, é necessário para a plena manifestação da condição humana.

Os objetos resultantes do trabalho humano têm valor de uso (“para que serve”) e valor de troca (“quanto custa”). No capitalismo, os homens que não possuem dinheiro necessário para se tornar burgueses são levados a transformar seu tempo de trabalho numa mercadoria. Seu valor de uso, portanto, será empregado pelo capitalista na produção de objetos a serem vendidos conforme seus valores de troca.

Com isso, o operário deixa de produzir o socialmente necessário para sua existência e passa a produzir mercadorias para o burguês negociar e vender,

pagando remuneração ao operário, o que possibilita reproduzir sua força de trabalho sem que isso signifique o valor real da produção do operário dentro da fábrica. Aí surge a mais-valia – excedente de valor incorporado pelo capitalista sem que o trabalhador perceba, em consequência da alienação que sofre dentro da fábrica. Como o trabalhador não identifica o fruto de seu esforço e trabalho na mercadoria, julga seu salário justo.



Túmulo de Karl Marx no cemitério de Highgate, Inglaterra. Na placa central da lápide, lê-se: “Trabalhadores de todo o mundo, uni-vos”, considerada uma de suas mais célebres expressões.

### Trabalho assalariado, condição humana e capital

A força de trabalho é, pois, uma mercadoria que o seu proprietário, o operário assalariado, vende ao capital. Por que a vende ele? Para viver.

Mas a força de trabalho em ação, o trabalho, é a própria atividade vital do operário, a própria manifestação da sua vida. E é essa atividade *vital* que ele vende a um terceiro para se assegurar dos *meios de vida* necessários. A sua atividade vital é para ele, portanto, apenas um meio para poder existir. Trabalha para viver. Ele nem sequer considera o trabalho como parte da sua vida, é antes um sacrifício da sua vida. É uma mercadoria que adjudicou a um terceiro. Por isso, o produto da sua atividade tampouco é o objetivo da sua atividade. O que o operário produz para si próprio não é a seda que tece, não é o ouro que extrai das minas, não é o palácio que constrói. O que ele produz para si próprio é o *salário*; e a seda, o ouro, o palácio, reduzem-se para ele a uma determinada quantidade de meios de vida, talvez a uma camisola de algodão, a uns cobres, a um

quarto numa cave. E o operário, que durante doze horas tece, fia, perfura, torneia, constrói, cava, talha a pedra e a transporta etc., — valerão para ele essas doze horas de tecelagem, de fiação, de trabalho com o berbequim ou com o torno, de pedreiro, cavador ou canteiro, como manifestação da sua vida, como vida? Bem pelo contrário. Para ele, quando termina essa atividade é que começa a sua vida, à mesa, na taberna, na cama. As doze horas de trabalho não têm de modo algum para ele o sentido de tecer, de fiar, de perfurar etc., mas representam unicamente o meio de *ganhar* o dinheiro que lhe permitirá sentar-se à mesa, ir à taberna, deitar-se na cama. Se o bicho-da-seda fiasse para manter a sua existência de lagarta, seria então um autêntico operário assalariado. A força de trabalho nem sempre foi uma *mercadoria*. O trabalho nem sempre foi trabalho assalariado, isto é, *trabalho livre*. O *escravo* não vendia a sua força de trabalho ao proprietário de escravos, assim como o boi não vende os seus esforços ao camponês. O escravo é vendido, com a sua força de trabalho, numa vez para sempre, ao seu proprietário. É uma mercadoria que pode passar das mãos de um proprietário para as mãos de outro. *Ele próprio* é uma mercadoria, mas a força de trabalho não é uma mer-

cadoria *sua*. O *servo* só vende uma parte da sua força de trabalho. Não é ele quem recebe um salário do proprietário da terra: pelo contrário, o proprietário da terra é que recebe dele um tributo.

MARX, Karl. *Trabalho assalariado e capital*. Moscou: Editorial Avante, 1982.

Com a consciência de classe, o proletariado tende a superar a alienação, o que lhe propicia unir-se em coletividade para confrontar o responsável pela expropriação do valor de seu trabalho, o burguês. Dessa forma, a dialética manifesta-se na práxis, levando a uma transformação efetiva do mundo real que, segundo Marx, está claramente associada à superação do capitalismo e da desigualdade. Por abandonar a contemplação e a compreensão e pregar ação transformadora, a antifilosofia de Marx não se sustentaria historicamente. Na segunda metade do século XIX, a sociedade capitalista se transformou, abandonando seu caráter proletário e incorporando camadas médias, processo minimizador da luta de classes e reforçador da alienação. As contribuições de Marx para a filosofia, porém, permanecem modernas, influenciando filósofos contemporâneos, como no caso do existencialista Jean-Paul Sartre.

Material exclusivo para professores  
conveniados ao Sistema de Ensino  
Dom Bosco

## ROTEIRO DE AULA

### CONTRATUALISMO POLÍTICO

#### Características gerais dos filósofos contratualistas

Refletem sobre o fundamento e o funcionamento do Estado, especialmente em relação com a natureza dos humanos.

Propõe que os humanos tendem ao egoísmo e até à violência quando deparados por situações limítrofes, como a necessidade de busca por alimentos e segurança. Torna-se necessário, portanto, um estado político, regido por um líder ou um corpo de líderes (Leviatã), capaz de compreender as necessidades de sua população e propor leis, segurança, justiça e administração política que conduza-os para a boa vida em sociedade. A punição, segundo Hobbes, é necessária para impedir a tendência ao egoísmo. O Leviatã, dotado dos atributos necessários, deve ter poder absoluto.

Thomas Hobbes

Propõe que os humanos são "tábulas rasas"; portanto, seus aprendizados derivam de suas experiências sensíveis. O estado político é necessário para conservar os direitos naturais dos humanos: a vida, a liberdade e a propriedade. O governo deve ser composto pela separação entre os poderes executivo e legislativo e deve ser vigiado pela população, que tem direito à insubordinação caso percebam o desvio, pelo governo, dos interesses da população.

John Locke

Propõe que os humanos tendem naturalmente para serem bons, mas a sociedade pode ensiná-los a serem maus (violentos, corruptos, egoístas). Rousseau critica, portanto, a sociedade europeia. Sua principal crítica é à propriedade privada e seu impacto na desigualdade social, problemas que são legitimados pelo estado político. Propõe, então, um novo contrato social para o estado político, o qual deve ser pautado pela minimização dos excessos da propriedade privada e preservação da igualdade social.

Jean-Jacques Rousseau

# ROTEIRO DE AULA

## Hegel

### Relação entre razão e espírito

A realidade opera pela superação das teses por antíteses, produzindo sínteses. Hegel preocupa-se com a consciência dos humanos sobre esse processo e suas intervenções.

### Caracterização de dialética

A produção de ideias racionais é influenciada pelo contexto histórico, sendo a consciência necessária para que novas ideias influenciem novos contextos e formações dos humanos e suas sociedades.

## Marx e Engels

### Definição de materialismo histórico-dialético

A dialética opera na realidade e a consciência do ser humano é necessária para a intervenção e o progresso social; contudo, o fator determinante das mudanças são as relações sociais de produção. Em outras palavras, a infraestrutura do entendimento do seu mundo pelo ser é a posição que ocupa na divisão social do trabalho. O trabalho, importante ressaltar, é a atividade humana criadora e transformadora de si, da sociedade e da natureza. É necessária a superação das relações sociais de produção promotoras de desigualdades, para que todos possam ser iguais na condição de agir e ser no mundo.

## EXERCÍCIOS DE APLICAÇÃO

## 1. Unicentro-PR

Não é possível aprender qualquer filosofia; [...] só é possível aprender a filosofar, ou seja, exercitar o talento da razão, fazendo-a seguir os seus princípios universais em certas tentativas filosóficas já existentes, mas sempre reservando à razão o direito de investigar aqueles princípios até mesmo em suas fontes, confirmando-os ou rejeitando-os.

KANT, Immanuel. *Crítica da razão pura*. São Paulo: Abril Cultural, 1980. p. 407.

Sobre o processo do filosofar, considere as afirmativas abaixo e assinale a alternativa incorreta.

- a) A passagem de Kant serve para advertir que, mesmo estudando o pensamento dos grandes filósofos, o indivíduo deve aprender a filosofar, a exercer o direito de refletir por si próprio.
- b) A atividade de filosofar é, sobretudo, a experiência de um pensar permanente. Diferentemente do dogmatismo, a filosofia não apresenta verdades acabadas; ao contrário, convida à discussão.
- c) Mais do que um saber, a filosofia é uma atividade diante da vida, tanto no dia a dia como nas situações que exigem decisões cruciais.
- d) Quanto à tradição filosófica, é preferível não recebê-la passivamente, como um produto, como algo acabado, mas compreendê-la como um processo, como reflexão crítica e autônoma a respeito da verdade.
- e) A filosofia, por estar no campo do pensamento, está à margem do mundo e da própria realidade circundante, constituindo um conjunto de saberes incontestáveis.

A filosofia não escapa da produção de saberes contestáveis. A contestação, inclusive, é inerente à sua prática.

**2. Unioeste-PR** – O filósofo alemão Immanuel Kant formulou, na *Crítica da razão pura*, uma divisão do conhecimento e acesso da razão aos fenômenos. Fenômenos não são coisas; eles nomeiam aquilo que podemos conhecer das coisas, por meio das formas da sensibilidade (espaço e tempo) e das categorias do entendimento (tais como substância, relação, necessidade etc.). Assim, Kant afirma que o conhecimento humano é finito (limitado por suas formas e categorias). Como poderia haver, então, algum conhecimento universalmente válido? Ele afirma que tal conhecimento se formula num “juízo sintético *a priori*”. Juízos são afirmações; o adjetivo “sintético” significa que essas afirmações reúnem conceitos diferentes; “*a priori*”, por sua vez, indica aquilo que é obtido sem acesso à experiência dos fenômenos, antes deles e para que os fenômenos possam ser reunidos em um conhecimento que tenha unidade e sentido. Com base nisso, indique a alternativa correta.

- a) Para Kant, o conhecimento humano é diretamente dado pela experiência das coisas, acessíveis pelos sentidos (visão, audição, etc.).
- b) Juízos sintéticos *a priori* são afirmações de conhecimento cuja natureza é particular e que se altera caso a caso.
- c) Se a Metafísica é o conhecimento da essência das coisas elas mesmas, Kant é, na *Crítica da razão pura*, um defensor da Metafísica, e não um defensor da finitude do conhecimento.
- d) Para Kant, espaço e tempo são categorias do entendimento mediante as quais conhecemos os fenômenos.

- e) Juízos sintéticos *a priori* permitem organizar o conhecimento, dando a ele validade universal e unicidade.

Os juízos sintéticos *a priori* estão relacionados com as experiências com o uso da razão para organizá-los, podendo chegar à universalidade.

## 3. UEL-PR – Leia o texto a seguir.

Assim como Darwin descobriu a lei do desenvolvimento da natureza orgânica, Marx descobriu a lei do desenvolvimento da história humana. A produção dos meios imediatos de vida, materiais e, por conseguinte, a correspondente fase de desenvolvimento econômico de um povo ou de uma época são a base a partir da qual tem se desenvolvido as instituições políticas, as concepções jurídicas, as ideias artísticas. A descoberta da mais-valia clareou estes problemas.

ENGELS, F. *Discurso diante do túmulo de Marx*. 1883. Disponível em: <<http://www.marxists.org/espanol/m-e/1880s/83-tumba.htm>>. Acesso em: 11 set. 2017. (Adaptado).

Com base no texto e nos conhecimentos sobre a concepção materialista da história, assinale a alternativa correta.

- a) Existem leis gerais e invariáveis na história, que fazem a vida social retornar continuamente ao ponto de partida, isto é, a uma forma idêntica de exploração do homem sobre o homem.
- b) A mais-valia, ou seja, uma maneira mais eficaz de os proprietários lucrarem por meio da venda dos produtos acima de seus preços, é uma manifestação típica da sociedade capitalista e do mundo moderno.
- c) O darwinismo social é a base da concepção materialista da história na medida em que esta teoria demonstra cientificamente que somente os mais aptos podem sobreviver e dominar, sendo os capitalistas um exemplo.
- d) A partir de intercâmbios na infraestrutura da vida social, desenvolve-se um conjunto de relações que passam a integrar o campo da superestrutura, com uma interdependência necessária entre elas.
- e) A sociedade burguesa, por intensificar a exploração dos homens por meio do trabalho assalariado, constitui-se em forma de organização social menos desenvolvida que as anteriores.

A infraestrutura econômica da sociedade consiste nas relações sociais de produção, o mundo do trabalho no qual os humanos organizam suas condições de existência. Essa infraestrutura é a base das demais manifestações da vida social, como o direito e a cultura, denominados de superestrutura. Infra e superestrutura, entretanto, estão intimamente ligadas e são mutuamente determinantes.

## 4. UEL-PR (adaptada) – Leia o diálogo a seguir.

— A gente tirou de moda esse conceito de “luta de classes”. Nem a esquerda usa mais!

— Não é porque vocês tiraram de moda a descrição da realidade que a realidade não existe mais.

BENSAÍD, D. *Marx, manual de instruções*. SP: Boitempo Editorial, 2014. p. 62. (Adaptado).

O diálogo remete a discussões que têm marcado o pensamento sociológico e a sociologia contemporânea. Assinale a alternativa que apresenta, corretamente, o teor desses debates.

- a) O reconhecimento de que as classes sociais deixaram de existir com a implantação dos modos de produção comunistas na Europa e, desde então, perderam sua importância histórica.
- b) As classes existiram apenas como um fenômeno localizado historicamente no tempo, de tal modo

que, hoje, mesmo os partidos de esquerda renunciaram a identificar sua permanência na sociedade contemporânea.

- c) As classes sociais, assim como a estrutura social, são construções conceituais ideológicas, de modo que não existem empiricamente na vida social.
- d) As lutas de classes existiram enquanto se mantiveram os partidos de esquerda tradicionais e, com a morte desses, as lutas de classe foram substituídas por embates identitários.
- e) As classes deixaram de ser o referencial analítico privilegiado, mas conservam sua importância, pois as relações entre capital e trabalho no mundo moderno se mantêm.

Na sociologia contemporânea, as classes sociais e a relação capital-trabalho já não são os referenciais hegemônicos para a análise de questões sociológicas, como era no século XX. Atualmente, referenciais ligados a aspectos culturais, como identidade de gênero e raças, são amplamente considerados. Entretanto, conserva-se a importância e o estudo a partir das relações entre capital e trabalho. Estudos feministas e sobre questões de raça, por exemplo, associam as questões culturais às de classe.

### 5. UEL-PR – Leia o texto a seguir.

Rochedos audazes sobressaindo-se, por assim dizer, ameaçadores, nuvens carregadas acumulando-se no céu, avançando com relâmpagos e estampidos, vulcões em sua inteira força destruidora, furacões com a devastação deixada para trás, o ilimitado oceano revolto, uma alta queda d'água de um rio poderoso etc. tornam nossa capacidade de resistência de uma pequenez insignificante em comparação com o seu poder. Mas o seu espetáculo só se torna tanto mais atraente quanto mais terrível ele é, contanto que, somente, nos encontremos em segurança; e de bom grado denominamos estes objetos sublimes, porque eles elevam a fortaleza da alma acima de seu nível médio e permitem descobrir em nós uma faculdade de resistência de espécie totalmente diversa, a qual encoraja a medir-nos com a aparente onipotência da natureza.

KANT, I. *Crítica da faculdade do juízo*. Trad. Antonio Marques e Valério Rohden. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995. p. 107.

Com base no texto e nos conhecimentos sobre o juízo de gosto e o sublime na estética moderna, particularmente em Kant, assinale a alternativa correta.

- a) O conceito de beleza, resultante da atividade do entendimento, permite apreender o sentido dos eventos ameaçadores, protegendo o sujeito da destruição.
- b) Os elementos da natureza compõem o núcleo da teoria kantiana do juízo de gosto, constituindo, também, parte importante da sua concepção de gênio.
- c) Os eventos naturais de proporções ameaçadoras provocam nosso interesse quando nos situam na possibilidade iminente de sermos por eles destruídos.
- d) O sublime não está contido em nenhuma coisa da natureza, e sim em nosso ânimo, quando nos tornamos conscientes de nossa superioridade à natureza.
- e) A faculdade de resistência à dimensão ameaçadora e destruidora dos eventos naturais de grande magnitude é a faculdade produtora do belo.

Como é possível perceber no texto e na filosofia de Kant, o sublime está contido em nós e em nossa consciência de superioridade, uma segurança que vence o medo e o sentimento de pequenez perante o externo a nós.

### 6. Unesp-SP

#### Texto 1

Todo ser humano tem um direito legítimo ao respeito de seus semelhantes e está, *por sua vez*, obrigado a respeitar todos os demais. A humanidade em si mesma é uma dignidade, pois um ser humano não pode ser usado meramente como um meio (instrumento) por qualquer ser humano.

KANT, Immanuel. *A metafísica dos costumes*, 2010. (Adaptado).

#### Texto 2

Ao se assenhorar de um Estado, aquele que o conquista deve definir as más ações a executar e fazê-lo de uma só vez, a fim de não ter de as renovar a cada dia. Deve-se fazer as injúrias todas de um só golpe. Quanto aos benefícios, devem ser concedidos aos poucos, de sorte que sejam mais bem saboreados.

MAQUIAVEL, Nicolau. *O príncipe*, 2000. (Adaptado).

- a) Considerando o texto 1, explique por que a ética de Kant apresenta um alcance universalista. Justifique sua compatibilidade com o Iluminismo filosófico.

A ética de Kant é universalista porque seu conceito de imperativo categórico credita à razão a potência e o dever de criar princípios de condutas que são válidos para todos os seres humanos em sociedade. Essa concepção está de acordo com o iluminismo porque este defende a razão como meio de alcançar um direito universal.

- b) Considerando o texto 2, explique a posição assumida por Maquiavel em relação à manipulação política. Justifique a incompatibilidade entre a ética de Kant e os procedimentos recomendados por Maquiavel para a manutenção do poder político.

Para Maquiavel a política é amoral, ou seja, sua prática e eficiência dependem de não se submeter a regras morais. Isso significa que a manipulação é um instrumento que deve ser considerado pelo governante, se necessário. O mal, por exemplo, deve ser aplicado de uma vez, para ser pouco percebido, enquanto o bem deve ser aplicado aos poucos para não ser esquecido. Enquanto para Maquiavel a ética não é universal, afinal não deve inibir o governante, para Kant a ética é universal.

## EXERCÍCIOS PROPOSTOS

**7. Unicentro-PR** – A estética consiste em uma corrente do pensamento filosófico que busca refletir a criação e produção artísticas. Ela estabelece relação direta com a experiência sensorial, com a capacidade de perceber a realidade, mediante os órgãos dos sentidos.

Considerando-se esse conceito, é correto afirmar:

- a) Immanuel Kant apresentou o conceito de estética afirmando ser uma ciência que trata das condições de percepção pelos sentidos.
- b) Na concepção platônica, a estética é representada pelos atributos que compõem a beleza, a ordem, a simetria e a definição.
- c) A estética é uma manifestação do espírito que afirma a qualidade do ser de maneira inquestionável e universal.
- d) Hobbes atribui à estética um valor absoluto do ser durante sua manifestação fenomênica.
- e) Karl Marx, no seu livro *O capital*, assevera a necessidade de se construírem sociedades mais belas e bem estruturadas.

**8. UFU-MG** – Leia a citação a seguir.

A preguiça e a covardia são as causas pelas quais uma grande parte dos homens, depois que a natureza de há muito os libertou de uma direção estranha, continue no entanto, de bom grado, menores durante toda a vida. São também as causas que explicam porque é tão fácil que os outros se constituam em tutores deles.

KANT, I. Resposta à pergunta: o que é Esclarecimento? (*Aufklärung*). In: *Textos seletos*. Trad. Raimundo Vier. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2005. p. 64.

A menoridade de que fala Kant é a condição daqueles que não fazem o uso da razão. Essa condição evidencia a ausência

- a) do idealismo necessário para a ampliação dos horizontes existenciais.
- b) da autonomia para fazer uso próprio da razão sem a tutela de outrem.
- c) da religião encarregada de fazer feliz o homem indigente de pensamento.
- d) da ignorância, pois quem se deixa guiar pelos outros acerta sempre.

**9. UFU-MG** – Leia a citação a seguir.

[...] o *homem* não é um ser abstrato, acororado fora do mundo. O homem é o mundo do homem, o Estado, a sociedade. Esse Estado e essa sociedade produzem a religião, uma *consciência invertida do mundo*, porque eles são um mundo invertido.

MARX, K. *Crítica da filosofia do direito de Hegel*. Trad. Rubens Endler e Leonardo de Deus. São Paulo: Boitempo Editorial, 2013. p. 151 (grifos do autor).

Responda:

- a) Quando Marx afirma que “o homem não é um ser abstrato”, ele aponta para a condição efetiva da existência humana e para a sua historicidade. Então, quais relações são responsáveis pela vida concreta do homem?

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

- b) Explique o que é a “consciência invertida do mundo”, segundo Marx.

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

**10.** Assinale a alternativa correta:

- a) Segundo Hegel, a consciência dos humanos depende do alcance da humanidade genérica, ou seja, um conjunto de ideias inatas que negam a história e alcançam uma vida ideal.
- b) Segundo Marx e Engels, a cultura e a ideologia são as infraestruturas das sociedades, a base na qual emergem as relações sociais de produção e o mundo do trabalho.
- c) Conforme Kant, o imperativo categórico não se aplica a toda a humanidade, mas depende de um relativismo cultural que analisa quais deveres éticos cada sociedade deve seguir.
- d) Conforme Hegel e Kant, a filosofia não deve se ocupar com questões relativas à existência humana, mas com as questões metafísicas que determinam a consciência dos humanos.
- e) Segundo Marx e Engels, a infraestrutura econômica das sociedades é a base da qual emergem a cultura, a religião, o direito e as demais formas de explicação da vida humana, conhecidas como superestruturas. Entretanto, essas estruturas são mutuamente determinantes, uma vez que a consciência da materialidade histórica e a luta de classes podem promover mudanças sociais.

**11. UEG-GO** – A educação é um processo pelo qual as gerações mais velhas impõem às gerações mais novas determinadas formas de agir, sentir, pensar, visando constituir o ser social em cada indivíduo e socializá-lo para seu lugar na divisão social do trabalho (classe social, profissão etc.).

Essa concepção de educação é

- a) durkheimiana, pois a entende como um fato social e como formação do ser social.
- b) marxista, pois expressa a dominação e a inserção individual em uma classe social.
- c) kantiana, pois a coloca como sendo um imperativo categórico do qual ninguém pode escapar.
- d) weberiana, pois a compreende como ação social de uma geração sobre outra.
- e) cartesiana, pois valoriza a razão e o seu papel racionalizador e socializador.

**12. Unioeste-PR** – Em sua crítica a Tales de Mileto, o pensador alemão Hegel afirmou que a proposição pela qual o primeiro filósofo ficou conhecido – cuja formulação seria aproximadamente ‘a água é o princípio essencial de todos os seres’ – é filosófica porque enunciaria a concepção de que tudo é um. Assim, a infinda multiplicidade dos seres remeteria a uma unidade essencial. Para Hegel, porém, esse princípio essencial deve ser absolutamente diferente dos seres que ele gera, sustenta e comanda. Com base no que foi dito, é correto afirmar.

- a) Hegel concorda com a tese de Tales de que a água é o princípio essencial dos múltiplos seres.
- b) Hegel afirma que a multiplicidade não pode ser submetida a um princípio essencial.
- c) O primeiro filósofo afirma que o princípio essencial é universalmente diferente dos seres gerados.
- d) Hegel supõe que a filosofia diz a unidade dos seres, mas que a essência não é um ser entre outros.
- e) Tales se baseou na necessidade da água para os seres vivos, para fundar a filosofia da natureza.

**13.** Na obra *Fundamentação da metafísica dos costumes*, Kant apresenta uma formulação do imperativo categórico: Age apenas segundo uma máxima tal que possas ao mesmo tempo querer que ela se torne lei universal.

KANT, Immanuel. *Fundamentação da metafísica dos costumes*. São Paulo: Abril Cultural, 1980. p. 129.

Em relação ao pensamento de Kant, é correto afirmar.

- a) O propósito do imperativo categórico é o de permitir que o indivíduo decida suas ações sem que tenha que se preocupar com os demais.
- b) O imperativo categórico tem por objetivo desfazer o conflito entre a providência divina, relacionada à cidade de Deus, e o espaço terreno.
- c) O imperativo categórico vincula a conduta moral a uma norma universal.
- d) Para Kant, não é possível que o indivíduo constitua um fim em si mesmo. Por isso mesmo, ele precisa espelhar-se na ação dos demais para a sua ação.
- e) O imperativo categórico corresponde à condição do estado de natureza, que é anterior à instituição do Estado civil.

**14. UEL-PR**

O tempo nada mais é que a forma da nossa intuição interna. Se a condição particular da nossa sensibilidade lhe for supri-

da, desaparece também o conceito de tempo, que não adere aos próprios objetos, mas apenas ao sujeito que os intui.

KANT, I. *Crítica da razão pura*. Trad. Valério Rohden e Udo Baldur Moosburger. São Paulo: Abril Cultural, 1980. p. 47. (Coleção Os Pensadores).

Com base nos conhecimentos sobre a concepção kantiana de tempo, assinale a alternativa correta.

- a) O tempo é uma condição *a priori* de todos os fenômenos em geral.
- b) O tempo é uma representação relativa subjacente às intuições.
- c) O tempo é um conceito discursivo, ou seja, um conceito universal.
- d) O tempo é um conceito empírico que pode ser abstraído de qualquer experiência.
- e) O tempo, concebido a partir da soma dos instantes, é infinito.

**15. UEL-PR**

Esclarecimento é a saída do homem de sua menoridade, da qual ele próprio é culpado. A menoridade é a incapacidade de fazer uso do seu entendimento sem a direção de outro indivíduo ... *Sapere Aude!* Tem coragem de fazer uso de teu próprio entendimento, tal é o lema do esclarecimento.

KANT, I. *Resposta à pergunta: que é Esclarecimento (Aufklärung)*. Trad. Floriano de Souza Fernandes, 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1985. p. 100-117.

Tendo em vista a compreensão kantiana do Esclarecimento (Aufklärung) para a constituição de uma compreensão tipicamente moderna do humano, assinale a alternativa correta.

- a) Fazer uso do próprio entendimento implica a destruição da tradição, na medida em que o poder da tradição impede a liberdade do pensamento.
- b) A superação da condição de menoridade resulta do uso privado da razão, em que o indivíduo faz uso restrito do próprio entendimento.
- c) A saída da menoridade instaura uma situação duradoura, pois as verdadeiras conquistas do Esclarecimento se afiguram como irreversíveis.
- d) A menoridade é uma tendência decorrente da natureza humana, sendo, por esse motivo, superada no Esclarecimento, com muito esforço.
- e) A condição fundamental para o Esclarecimento é a liberdade, concebida como a possibilidade de se fazer uso público da razão.

**16. UEM-PR**

Até agora, os homens sempre tiveram ideias falsas a respeito de si mesmos, daquilo que são ou deveriam ser. Organizaram suas relações em função das representações que faziam de Deus, do homem normal etc. Esses produtos de seu cérebro cresceram a ponto de dominá-los completamente. Criadores inclinaram-se diante de suas próprias criações. Livremo-los, pois, das quimeras, das ideias, dos dogmas, dos seres imaginários, sob o jugo dos quais eles se estiolam [enfraquecem]. Revoltemo-nos contra o domínio dessas ideias.

MARX, K.; ENGELS, F. A. *Ideologia alemã*. In: CASTRO, C. *Textos básicos de Sociologia*. Rio de Janeiro: Zahar, 2014. p. 11.

Com base nesse fragmento, assinale o que for correto.

- 01) Para Marx e Engels, as ideias falsas decorrem da incompreensão humana em relação aos desígnios de Deus.



## ESTUDO PARA O ENEM

**20. Unesp-SP****C5-H23**

A genuína e própria filosofia começa no Ocidente. Só no Ocidente se ergue a liberdade da autoconsciência. No esplendor do Oriente desaparece o indivíduo; só no Ocidente a luz se torna a lâmpada do pensamento que se ilumina a si própria, criando por si o seu mundo. Que um povo se reconheça livre, eis o que constitui o seu ser, o princípio de toda a sua vida moral e civil. Temos a noção do nosso ser essencial no sentido de que a liberdade pessoal é a sua condição fundamental, e de que nós, por conseguinte, não podemos ser escravos. O estar às ordens de outro não constitui o nosso ser essencial, mas sim o não ser escravo. Assim, no Ocidente, estamos no terreno da verdadeira e própria filosofia.

HEGEL. *Estética*, 2000. (Adaptado).

De acordo com o texto de Hegel, a filosofia

- a) visa ao estabelecimento de consciências servis e representações homogêneas.
- b) é compatível com regimes políticos baseados na censura e na opressão.
- c) valoriza as paixões e os sentimentos em detrimento da racionalidade.
- d) é inseparável da realização e expansão de potenciais de razão e de liberdade.
- e) fundamenta-se na inexistência de padrões universais de julgamento.

# FILOSOFIA MODERNA E CONTEMPORÂNEA

7

O predomínio do pensamento hegeliano e da primazia do método racional no século XIX coincidiu com a eclosão da Segunda Revolução Industrial, responsável pelo desenvolvimento e expansão de novas tecnologias para outras nações, além da Inglaterra. Nesse contexto de amplas transformações sociais e políticas e de ascensão das desigualdades sociais, cientistas passam a analisar questões sociais com base no pensamento científico. Objetivam compreender e propor soluções. Neste cenário se dá o nascimento da sociologia.

Na filosofia, um ceticismo passou a ser direcionado para a primazia da razão na explicação e na proposição de soluções para a vida humana. Associado a esse ceticismo, um pessimismo perante a condição humana.

Nesse contexto, Kierkegaard direciona a filosofia para pensar causas e significados da existência humana, inclusive em relação à religião como a saída para a inquietação e insatisfação material da vida humana. Com essa virada na filosofia, Kierkegaard influenciará o existencialismo e a fenomenologia, no século XX.

## Filosofia de Kierkegaard

Søren Aabye Kierkegaard nasceu em 1813, na Dinamarca. Herdou da família a influência luterana, que marcaria a constituição de seu pensamento filosófico, caracterizado pela ligação entre homem e Deus, visando a determinar as causas e o significado da existência humana, terminantemente associada à fé, vista por Kierkegaard como principal valor da vida.

A opção pela fé não resulta apenas da influência familiar. Kierkegaard sentiu-se também importunado por pensamento e dialética hegelianos, que afirmam a existência de um absoluto racional que não dá espaço ao homem, que está preso à dinâmica dialética de um espírito, para o qual realidade e verdade são sinônimos. O filósofo considerava que uma sistematização lógica para a existência é uma impossibilidade, pois a existência é incompleta e variada. Mais precisamente, ele negou que essa razão possa dar conta de tudo. O pensamento de Hegel que teria dado mobilidade à lógica era um erro. Se a existência é incompleta e é sempre um vir a ser, a lógica não faz parte da existência. Se a existência é verdadeira, não há lógica na verdade, como pretendia Hegel. Daí o discurso irracionalista de Kierkegaard, que então se dedicou a buscar a verdade por sistema distinto do hegeliano, voltando-se para a constatação da existência como algo anterior ao ser. Este, resultante do processo que corresponde ao existir, negando, portanto, uma essência anterior e indistinta, em confronto aberto com a perspectiva filosófica de Hegel, que buscava o espírito humano.

Ao partir da questão da existência, Kierkegaard procurou compreender a vida como algo verdadeiro para o indivíduo que a vive, não reflexo de uma essência *a priori* da humanidade. A verdade, dessa forma, não é uma coisa, um objeto, mas uma afirmação particular em relação ao mundo; é uma suje-



Søren Aabye Kierkegaard

ROYAL LIBRARY OF DENMARK

- Filosofia de Kierkegaard
- Friedrich Nietzsche
- Karl Popper

### HABILIDADES

- Compreender os fundamentos da felicidade e da angústia, na existência humana.
- Compreender a (in)completude da razão na existência humana.
- Analisar a importância dos valores éticos na estruturação política das sociedades.
- Relacionar razão, ciência e produção de verdades em sociedades democráticas.

Material exclusivo para professores  
convidados do Sistema de Ensino

Dom Bosco

tividade, que se encontra em algo externo, objetivo e lógico, mas num modo peculiar de apreender as coisas, numa crença, numa fé.

Tal subjetividade fundamenta seu irracionalismo, ou sua crítica ao absoluto lógico da razão, e impulsiona seu existencialismo, na tentativa de compreender o homem mediante óptica distinta da empregada pela razão, mantendo uma âncora terrena, sem recorrer ao materialismo, também alvo de crítica de Kierkegaard.

Partindo deste pressuposto, entende-se que, para Kierkegaard, a compreensão da existência apenas se dá quando o indivíduo, ao questionar a relação homem-Deus, necessariamente se volta para dentro de si, em autorrelação. Nessa perspectiva, o conhecimento de si mesmo passa pela evolução de três dimensões da existência:

- dimensão estética – evoca o prazer e se manifesta exteriormente;
- dimensão ética – lida com a questão da liberdade e do equilíbrio entre o exterior e o interior;
- dimensão religiosa – lida com as questões da fé e leva o homem a interiorizar-se, momento em que, desnudado dos equívocos externos, pode ligar-se a Deus.

Não coincidentemente, essas três fases refletem a vida do próprio filósofo.

## DIMENSÕES DA EXISTÊNCIA EM KIERKEGAARD

O fator catártico para Kierkegaard dar o primeiro passo na experiência filosófica foi a morte do pai em 1838. Adotou uma vida de exageros materiais, gastos compulsivos e boemia. Essa experiência física serviu à análise filosófica da primeira dimensão da existência – dimensão estética. Kierkegaard chegou a afirmar que o prazer resultante dela é produto de uma opção de vida que, para ser compreendida, exige que o filósofo se aprofunde mais e compreenda o significado do relacionamento amoroso que proporciona tal prazer. Isso representa mergulhar no significado da conquista amorosa, o que implica entender como ela se dá e quais as causas da sedução, ou seja, do prazer que busca o amor – via de mão única levada adiante pelo homem que pratica a sedução e que tem na mulher o objeto que abre a possibilidade da conquista, mesmo porque a mulher apenas sabe o jogo da sedução com armas e artimanhas do corpo. Essa visão de Kierkegaard aponta seu caráter machista e discriminatório ao sexo feminino. Segundo ele, o amadurecimento da mulher só é possível com o rompimento amoroso. Ao ser descartada pelo homem, por meio do sofrimento, ela tem a revelação do significado do relacionamento amoroso. A mulher reage a essa situação, enquanto o homem reflete sobre ela.

A reflexão levou o filósofo a identificar que a arte da sedução requer o entrelaçamento de poesia, estética e prazer. Os três elementos se unem e completam na figura

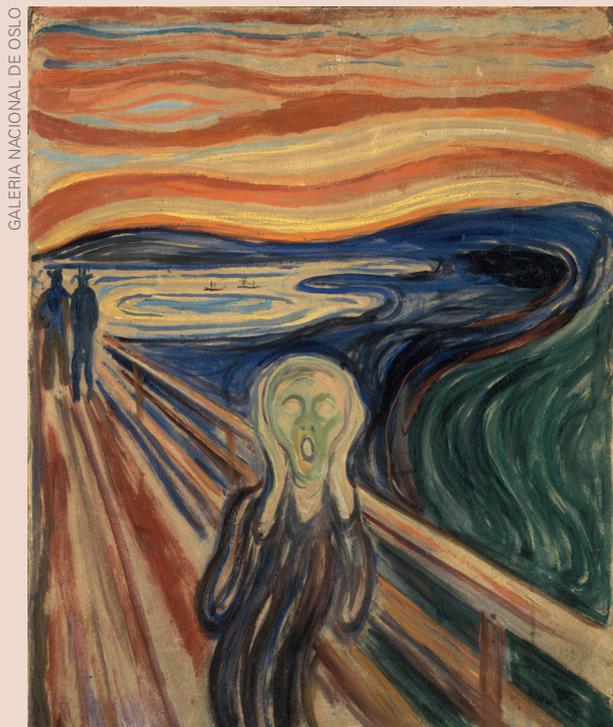
do poeta, que é um esteta, pois seu trabalho segue sempre o mesmo objetivo: a busca do belo, mediante construção de versos que procura impregnar da beleza do real.

A beleza que o poeta almeja não passa de ilusão, havendo confusão entre o real e o irreal, levando o homem a viver fora de si, condição que gera conflito, porque ele passa a ignorar as razões e as causas da própria existência. Conforme Kierkegaard, superar essa situação apenas é possível por ato de vontade do homem, o que expressa sua liberdade de decidir. Ao exercê-la, evoca com força o desespero, fator que o impulsiona a superar a dimensão estética e adentrar a dimensão ética da existência, a dimensão da liberdade, pois Kierkegaard entendia o homem destinado a escolher. Daí surge novamente a questão das possibilidades, cerne da filosofia kierkegaardiana. O homem não pode fugir dessa escolha, precisando mergulhar na autorrelação, única forma de compreender a própria existência. Decorre daí a origem do desespero, já que o homem pode fugir da própria existência e, portanto, de si próprio, ainda que tente negar tal situação, o que implicaria o simples corte dos laços com a vida e o mergulho na negação de si, opção que aumenta o desespero. Neste ponto se passa a entender o significado do desespero, pois, quando o homem aceita a relação consigo mesmo, depara-se com uma realidade que o perturba: o fato de que ele, ser humano, é o único ser vivo na condição de vir a ser. A existência, então, precede o ser, apresentando um “eu” que deseja, tem paixões e deve decidir livremente entre um universo ilimitado de caminhos, de opções.

O caráter individualista do desespero não impede seu alcance universal. É a consciência, portanto, que deve assumir o papel da escolha, fortalecendo-se de modo a realizar novo salto, desta vez em direção à fé. Assim, o homem alcança a dimensão religiosa. Ele não está submetido a regras gerais de um universo ético, mas a uma relação com o divino pautada pela inspiração, como no caso de Abraão na ligação com Deus. O sacrifício de Isaac não era um ato ético, mas provinha de Deus, essência de tudo o que seja ético. Um paradoxo que o indivíduo deve abraçar, mas que não lhe traz a paz esperada. Escolher, para Kierkegaard, é estar continuamente preparado para a angústia.

Em síntese, sobre a filosofia de Kierkegaard, a existência do ser humano é determinada pela sua relação com o mundo, consigo mesmo e com Deus. O fundamento dessas relações está numa eterna equação entre angústia e satisfação, que proporciona oscilações entre tristeza e felicidade. Kierkegaard preocupa-se em compreender como os humanos ao longo da história têm mitigado a angústia e ampliado o prazer e, também, como poderia ser uma forma ideal de acontecer essa diminuição. Conclui que há três formas gerais (dimensões ou estados) dessa relação: estética, ética e religiosa. Compete ao ser humano tomar consciência desses e viver conforme sua preferência, ciente das consequências. Entretanto, Kierkegaard afirma que apenas no estado religioso o humano evita a angústia e atinge a plena felicidade.

A tela do expressionista norueguês Edvard Munch mostra o desespero pela ausência de sentido da vida. Originalmente, a obra procura retratar o sentimento de vazio provocado por rompimento amoroso, o que possibilita associá-la artisticamente à filosofia de Kierkegaard.



MUNCH, Edvard. *O grito*. 1893. Galeria Nacional, Oslo, Noruega.



MUNCH, Edvard. *Desespero*. 1892. Museu Munch, Oslo, Noruega.

Podemos observar duas obras, *O grito* (1893), seu retrato mais célebre, e *Desespero* (1892). Edvard Munch é amplamente reconhecido por suas obras de retratação de sentimentos como angústia e desespero. Segundo Kierkegaard, esses sentimentos e situações derivam da condição humana incompleta, e, portanto, incapaz de atingir a plena felicidade e o fim das angústias. A ligação com Deus, na dimensão religiosa da existência, é uma maneira de conectar-se com algo maior que a condição humana.

## Friedrich Nietzsche

O desenvolvimento tecnológico do século XIX estava vinculado, de certa forma, à visão que acompanhava a ciência da época e apelava para o caráter utilitário do saber científico. Criavam-se sociedades para o progresso da ciência, que discutiam e difundiam os avanços científicos e sua íntima relação com a melhoria da qualidade de vida dos povos.

Ao mesmo tempo em que o discurso científico se consolidava e legitimava ações econômicas e políticas imperialistas, bem como uma cultura racionalista instrumental (utilitária), esforços intelectuais buscavam o entendimento da sociedade com base na ideia de sistema. Estavam envolvidos o positivismo de Auguste Comte, o materialismo histórico dialético de Karl Marx, o anarquismo e o liberalismo com preocupação social de John Stuart Mill, entre outros. Eram pensamentos legitimados por discursos racionais que encaminhariam a humanidade para melhor situação, um progresso que poderia ser marcado por revoluções para uns e pela ordem para outros, mas sempre com a crença na evolução.



NICKU

Nietzsche foi filólogo, filósofo, crítico cultural, poeta, professor universitário e compositor.

O nacionalismo e as agitações operárias ganharam os noticiários da época e modificaram o mapa político europeu. A história parecia acelerar-se acompanhando as máquinas, o ritmo que ganhava corpo com ferrovias e se expressava na redução das distâncias, na concentração humana, em outro estágio civilizacional.

A ampliação do domínio da natureza e a abertura de novos campos de pesquisa científica reforçavam o credo na ciência. Surgiam estudos sobre os raios X, a radioatividade, os elétrons e a eletrodinâmica. Em meio ao turbilhão científico, das argumentações em defesa da razão como guia infalível do conhecimento, das propostas de uma nova engenharia social pautada no racionalismo, nascia o pensamento de Friedrich W. Nietzsche, que colocava a razão em xeque, propondo crítica radical ao racionalismo. Muitos consideram Nietzsche um pensador errante, cuja produção prolixa fez uso de aforismo e poesia como recurso de exposição, rejeitando o texto acadêmico tradicional e assumindo postura contrária à ideia da existência de sistemas. Consta que, por influência de Arthur Schopenhauer, Nietzsche dirigiu crítica radical aos valores e aos postulados da metafísica, da religião e da ciência.

## FILOSOFIA DE NIETZSCHE

Embora seja difícil traçar uma unidade em meio à diversidade de textos produzidos pelo pensador alemão, evidenciam-se certas linhas recorrentes, certos pontos sobre os quais ele lançou olhar iconoclasta. Aos valores, por exemplo. Nietzsche situou a análise da moral e o questionamento da razão como uma espécie de psicologia do homem, estabeleceu relação entre civilização e cultura. Como evidências da condição humana, a primeira corresponde aos progressos materiais e a segunda diz respeito a uma espécie de formação espiritual. Nesse sentido, é fundamental entender os postulados desses dois pilares, cujos valores concentram a crítica profunda de Nietzsche. A metafísica, a religião e a própria ciência produzidas eram expressão de valores decadentes, de uma cultura degenerada, segundo ele.

## CONCEITO FILOSÓFICO

### Razão não é instância, mas linguagem lógica

Nietzsche se autointitulou filólogo, por entender que a questão de valores e conhecimento reside no texto, na gramática com que se expressam as ideias. Sua crítica profunda está no *modus operandi* da filosofia, da arte e da ciência. Ele se propôs a entender as condições de civilização e cultura a partir de uma ideia da razão que fosse produto do discurso. Assim, o filósofo teria feito os primeiros questionamentos sobre as noções de sujeito e de ser, categorias que estruturam uma lógica e uma razão que ele nega. A razão é entendida como instrumento que funciona para conseguir certos resultados. Nesse sentido, não é uma instância, algo que se possa perceber no universo, mas sim uma via humana estruturadora de discursos em que os sentidos se realizam. Sua gênese estaria na ideia de lógica, que vê como convenção, como ficção da mente que procura construir explicações para tranquilizar a própria vida.

Assim nascem as regras, os conceitos e os juízos que têm suporte na linguagem. Além disso, nasceram

também interesses por causa e efeito, transcendências metafísicas e religiosas, ficções da gramática – sujeito/causa, finalidade/efeito. Nietzsche chegou a afirmar que a gramática era a metafísica do povo, pois era exatamente sua malha constituída de expressões como “eu, ser, nada” que enredavam o homem na necessidade metafísica. Todos os esforços da filosofia até ali não haviam ultrapassado a própria limitação metafísica, e os filósofos se encontravam numa vala comum, pois as diferenças eram de superfície. Assim, falar de sensível e inteligível, verdade e aparência, fenômeno e coisa em si significava manter uma estrutura de racionalidade que pouco esclarecia sobre o mundo.

A gênese desse tipo de pensamento racional estaria em Sócrates, que negou a própria vida ao criar a metafísica. A cultura e a civilização decadentes foram reforçadas pelo pensamento cristão, e a ciência não escapava das amarras de uma razão (ficção) tirânica que impedia a afirmação da vida em sua vontade de potência.

A linguagem é formada por uma atividade inconsciente, gramaticalmente estruturada, composta de um maravilhoso poder de significação.

Nietzsche, 1869.

## Super-homem

Uma das preocupações centrais de Nietzsche é combater a “moral de rebanho”: um conjunto de pessoas que derivam seus pensamentos, ações e sentimentos de uma entidade externa, onisciente e inquestionável. Essa moral de rebanho tem sido, ao longo da história, estimulada por religiões, líderes e instituições.

Ao negar a moral de rebanho, Nietzsche buscava a emergência de um novo homem, capaz de negar esse legado determinista e propor uma nova relação entre humanos e entre esses e o mundo. Seria o super-homem (*übermensch*). Esse estado superior da existência humana não é divino, mas rompe com a ideia da necessidade de uma entidade externa e mágica que forneça moral, valores, sentidos e caminhos para a vida humana. O super-homem está mais próximo da autonomia na vida material, na superação de determinismo e na condição de promover discussões e reflexões sobre o modo de existência da vida humana. É superior porque esforça-se para atingir tal estado de amadurecimento, o que faz do super-homem um estágio alcançável por aqueles que desejam, por meio da educação e do esforço, livrarem-se de um estado de mediocridade da existência humana. Nietzsche concentra-se, portanto, no amadurecimento dos indivíduos, não em seleção natural dos melhores. Além disso, a meta dos humanos deve ser tal amadurecimento, não uma busca ingênua pela felicidade. A condição para o progresso está nesse esforço para atingir o estágio super-humano.

## Eterno retorno

Considerando o mundo em suas relações orientadas pela vontade de potência, Nietzsche admitia o

caráter finito dessas relações de poder. Se não há um fim nos exercícios das forças, pois isso seria o estancamento da vontade de potência, como haveria continuidade no jogo dessas forças? O filósofo responde a isso com o eterno retorno. Depois de realizadas todas as possibilidades de combinação dos elementos no jogo de forças, tudo ocorreria novamente, daí o conceito de eterno retorno.

Todos os sentimentos e sensações que experimentamos – como felicidade e tristeza, alívio e desespero, coragem e covardia – são cíclicos em nossa existência. Não são superados por determinado sucesso nosso em eliminá-los, mas são inerentes à vida humana. Retornam eternamente. É ingênua a busca pela existência apenas pelos sentimentos que nos animam, compete ao estado superior da humanidade o reconhecimento do eterno retorno.

### Pensamento trágico e labirinto

Nietzsche foi o filósofo-poeta que afirmava a existência no rigor do pensamento trágico. Filosofia dionisíaca que apelava para o aniquilamento e a criação, para o caráter polissêmico do universo, em que a vontade de potência conduzia as transformações sem um intelecto divino providencial a gerenciá-la. Era a vida. Dessa forma, todas as constâncias remetiam a tempos de afirmação de forças que adiante seriam sobrepujadas. Mais que a vida humana, era o orgânico e o inorgânico que se alimentavam mutuamente, pois nada escapava à vontade de potência. Nietzsche procurava recuperar a tragicidade íntegra do pensamento grego anterior à metafísica.

O filósofo, com suas ideias, conduziu o homem ao labirinto ou fez vê-lo onde sempre se achou. E a questão maior apresentada talvez seja: onde se encontra Ariadne e seu novelo de lã? Musa do poeta pensador, várias vezes lembrada em suas obras, Ariadne representava algo de fundamental no pensamento de Nietzsche. Na obra *Ditirambos de Dionísio*, Dionísio diz a Ariadne que ele é o seu labirinto. Essa imagem do labirinto e de Ariadne é recorrente e evoca, à maneira do pensador, a complexidade de sua filosofia.

A imagem a seguir, de Richard Westall, retrata Ariadne e Teseu em frente ao labirinto de Minotauro. Ariadne entrega a Teseu seu novelo de lã e aconselha-o a desenrolá-lo durante seu trajeto no labirinto. Após derrotar Minotauro, bastaria seguir o fio deixado pelo seu novelo, garantindo seu retorno. Segundo Nietzsche, o fio de Ariadne representa o humano e sua busca autônoma por amadurecimento e por soluções. O estudo, o esforço, a determinação e o convívio social são fatores essenciais para o estágio do super-humano. Diferentemente da moral de rebanho, que mantém o humano num estado de mediocridade e de espera de soluções advindas de um exterior mágico.



WESTALL, Richard. *Teseu e Ariadne na entrada do labirinto*. 1810. Museu North Lincolnshire, Inglaterra.

Nietzsche suprimiu o dualismo do mundo estabelecido pela metafísica e mantido pelo cristianismo. Afirmou que a alegria dionisíaca, a força da embriaguez fazem o homem partilhar do destino de todas as coisas, mas sua incapacidade de abranger todo o mundo se situa na própria perspectiva. A vida e a experiência humanas fazem parte desse movimento de forças e dão ao homem a oportunidade de aprender sobre esse movimento e com ele identificar-se. Sua vida é a implosão dos sentidos estabelecidos pelos valores da cultura e civilização decadentes. É aprender a olhar e interpretar.

É em *Assim falava Zaratustra* que Nietzsche introduz nos textos publicados o conceito de vontade de potência. Referindo-se aos valores dos povos, à sua necessidade e diferença, afirma: “uma tábua dos bens está suspensa sobre cada povo. Vê, é a tábua de suas superações de si mesmo; vê, é a voz de sua vontade de potência” (...). Indicando que a vontade de potência leva a abolir culpa e castigo, afirmar o acaso, querer o que já aconteceu, declara: “algo mais alto do que a reconciliação tem de querer a vontade, que é vontade de potência – mas como lhe acontece isso? Quem lhe ensinou ainda o querer-para-trás?” (...). Na primeira passagem, entende a expressão *Wille zur Macht* como busca de precedência e na última, como elemento da doutrina do eterno retorno. Em ambas, porém, inscreve-a no quadro das reflexões de ordem axiológica, enquanto possibilidade de um povo superar-se a si mesmo ou de um indivíduo redimir a própria existência. Ainda na segunda parte do livro, Nietzsche enuncia que as reflexões sobre as esferas de atuação do homem no nível axiológico e aquelas acerca da vida enquanto fenômeno biológico estão, de algum modo, relacionadas. É para explicitar as primeiras que Zaratustra recorre às últimas: “mas para entenderdes minha palavra de bem e mal: para isso quero dizervos ainda minha palavra da vida, e do modo de todo vivente. (...) onde encontrei vida, ali encontrei vontade de potência; e até mesmo na vontade daquele que serve encontrei vontade de ser senhor” (...).

Em *Assim falava Zaratustra*, o filósofo expressa, por vez primeira, a ideia de que vida e vontade de potência se identificam. Concebe então a vontade de potência como vontade orgânica; ela é própria não unicamente do homem, mas de todo ser vivo. Em escritos posteriores, vai além e deixa entrever que se exerce nos órgãos, tecidos e células. Atuando em cada elemento, a vontade de potência encontra empecilhos que a rodeiam, mas tenta submeter os que a ela se opõem e colocá-los a seu serviço. É por encontrar resistências que se exerce; é por exercer-se que torna a luta inevitável. Efetivando-se, ela faz com que a célula esbarre em outras que a ela resistem; o obstáculo, porém, constitui um estímulo. Com o combate, uma célula passa a obedecer a outra mais forte, um tecido submete-se a outro que predomina, uma parte do organismo torna-se função de outra que vence, durante algum tempo.

MARTON, Scarlett. *Nietzsche, das forças cósmicas aos valores humanos*. 3. ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010. p. 49-50.

## Karl Popper

### FILOSOFIA DA CIÊNCIA DE POPPER

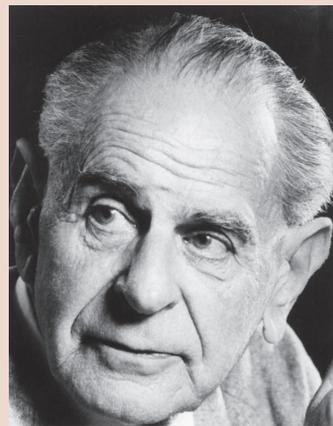
A Idade Moderna trouxe muitas mudanças para a filosofia, inclusive pela perda de força religiosa. Decorrente do processo de laicização do pensamento, o antropocentrismo conferiu maior espaço para as incursões da razão nas várias dimensões da vida humana. Desenvolveram-se propostas para melhor organização da sociedade e sistemas filosóficos fundamentando práticas políticas opostas ao absolutismo monárquico. A produção de conhecimentos sobre a natureza deu amplo valor à ciência. Construíram-se teorias do conhecimento dedicadas a traçar o campo das possibilidades do entendimento humano sobre o mundo, o que colocava a filosofia em destaque, pois o próprio conhecer seria, então, problematizado. Com incessantes discussões relacionadas aos desdobramentos das descobertas científicas, desenvolveu-se a crença no poder de explicação da ciência.

Sujeito do conhecimento, o homem encontrou alguma possibilidade de entendimento do mundo e de seu movimento no abstracionismo racionalista das ideias inatas, no empirismo baseado no experimentalismo para chegar ao conhecimento, no criticismo de Kant, no idealismo hegeliano e no materialismo marxista. Cobrindo esse período racionalista, houve afirmação de um ideário iluminista e de revoluções políticas, econômicas e sociais. Governos representativos foram estabelecidos, a sociedade passou do imperativo do nascimento para o do mérito quanto ao ordenamento. Novidades tecnológicas fundaram um quadro de produção em larga escala, alterando profundamente o relacionamento entre homem e natureza. Dessa forma, uma ordem burguesa capitalista redefiniu, aos poucos, as relações mundiais.

As disputas das potências capitalistas engendraram guerras e disputas por territórios, agitações nacionalistas reclamavam justiça pela humilhação imposta a outros povos, levantes operários colocavam em questão a própria ordem capitalista e, em meio a essas tormentas, a filosofia continuava caminhando, mas já duvidando das antigas certezas e elaborando crítica aos parâmetros que avalizavam o saber científico.

Exemplifica isso o pensador Karl Popper, que despontou nas primeiras décadas do século XX. Nos tempos difíceis da Europa arruinada pela guerra, muitos encontravam explicações e soluções para os problemas políticos e econômicos no marxismo.

Nascido em julho de 1902, em Viena, Áustria, Karl Raimund Popper era filho de pais judeus que se tornaram luteranos para inclusão na sociedade cristã. Mais tarde, o filósofo optou pela naturalização britânica.



Karl Popper (1902-1994) refutou teorias dominantes como o positivismo.

Uma das teorias centrais de Popper é a da falseabilidade, critério que adotou para distinguir ciência de não ciência. Outro detalhe importante é sua crítica à indução, por achá-la logicamente infundada, em razão de ser um sistema que considera verdadeira uma teoria ou hipótese mediante observações contínuas que possibilitariam generalizar uma característica ou ocorrência e, assim, pressupor a aquisição de um conhecimento de maneira equivocada. Dessa forma, Popper rompeu com as filosofias dominantes na época, inclusive com o positivismo, por considerá-lo dogmático e revelar enganos de fundamentação teórica.

Numa de suas principais obras, *A sociedade aberta e seus inimigos*, Popper criticou a doutrina política de Platão, especificamente a obra *República*, acusando-o de idealizar uma justiça totalitária. Ele também explorou o campo social, discutindo as dificuldades da civilização motivadas pela negligência e traição de seus dirigentes.

O pensamento de Karl Popper foi um grande marco na filosofia da ciência do século XX e na defesa de uma sociedade democrática.

## Filosofia de Popper

Conforme estudamos até o momento, o início do século XX é marcado tanto pela supervalorização do conhecimento científico – por exemplo, o positivismo no nascimento da sociologia e sua proposta de entendimento científico de leis sociais e, inclusive, de orientar a evolução social – como pela crítica à supervalorização da razão para explicação do mundo e evolução social – por exemplo, a dimensão religiosa da existência, em Kierkegaard, e o eterno retorno, em Nietzsche.

A filosofia de Popper caracteriza-se, principalmente, pela reflexão sobre o momento contemporâneo do desenvolvimento do conhecimento científico. O filósofo percebeu que muitas teorias que estavam sendo consideradas verdadeiras não estavam sendo submetidas a critérios que verificassem suas verdades. Não havia, em síntese, verificabilidade empírica, apenas complexas especulações teóricas. Eram conhecimentos, portanto, falíveis. Quebrava-se, assim, os princípios e métodos de criação de verdades seguras, propostos por Descartes e que constituem, até os dias atuais, a base da ciência.

Com ideias que vinha formulando, Popper criou o princípio da falsificabilidade, para distinguir as teorias científicas das não científicas, substituindo o princípio neopositivista, por considerá-lo absoluto, dogmático e, por isso, falseador. Para ele, uma teoria devia ser verificável empiricamente, a partir de elementos novos que pudessem colocá-la em xeque. Nesse processo, a razão vigilante atuaria sobre o conhecimento consolidado, meio pelo qual se poderia encontrar um caminho para ampliar o conhecimento sobre o mundo, entretanto, sem nunca chegar a uma totalidade.

Assim, nenhuma teoria está livre do risco de aparecerem problemas que ela não seja capaz de resolver,

sendo necessário descartá-la e revisitá-la para propor novos apontamentos ou conceitos. Dessa forma, uma teoria científica deve ser considerada até o momento em que for contestada por experimento novo. Haveria, desse modo, sucessão incessante de desenvolvimentos teóricos nunca definitivos. Para Popper, toda teoria é passível de substituição, visto ser a soma do observável e do pensável, com demonstração e argumentação como fases mais importantes. Sendo possível ampliar o observável e o pensável, surgem outras teorias, como exemplifica a teoria da relatividade em relação à física newtoniana. Trata-se do critério de demarcação da ciência.

## Crítica a Platão

A obra *A sociedade aberta e seus inimigos* contém, entre outras coisas, crítica de Popper ao programa político de Platão. Diz que a ideia do rei filósofo define o totalitarismo político como fruto da certeza de uma sabedoria que sempre encontrará dificuldades e nunca será definitiva. Então, como confiar o poder a uma pessoa? Popper defendeu a democracia como recurso político em que uma razão vigilante pode atuar para ajustar a política conforme necessidades do contexto. Assim existe um paralelismo entre suas ideias no âmbito do conhecimento científico e no da atuação política. Em ambos, há crítica ao consenso, ao pensamento único, ao dogmatismo.

Assim, a democracia tornaria possível a reforma das instituições sem usar a violência e tendo a razão como guia para reformular essas mesmas instituições. Para Popper, é errado censurar a democracia por seus defeitos políticos. Deve-se dirigir a censura aos cidadãos do estado democrático.

Material exclusivo para professores  
conveniados ao Sistema de Ensino  
Dom Bosco

# ROTEIRO DE AULA

## FILOSOFIA MODERNA E CONTEMPORÂNEA

### Kierkegaard

#### Papel da razão na existência humana

O ser é incompleto; sua razão  
permite acessar conhecimento,  
mas não superar as limitações  
naturais da vida humana.

#### Dimensões da existência

O ser pode buscar felicidade na  
geração de prazeres imediatos  
ou restringindo sua liberdade  
a partir de regras éticas que  
conduzem a uma vida sem excessos,  
mas as angústias apenas podem ser superadas pela  
fé numa existência superior e  
completa.

### Nietzsche

#### Razão

Instrumento humano capaz de  
produzir significados.

#### Moral de rebanho

Condição humana que depende de entidades externas para criar significados e regras para suas vidas.

#### Super-homem

Estágio superior da existência humana, que independe de muletas  
metafísicas para buscar conhecimento e significados para suas  
vidas. A partir do esforço e da educação, o humano pode superar  
a moral de rebanho e aperfeiçoar sua existência.

#### Eterno retorno

Compreensão da vida enquanto cíclica com relação a sentimentos antagônicos; a angústia é condição da felicidade; o aperfeiçoamento humano não impede o eterno retorno, mas torna o humano mais apto para lidar com essa condição humana.

### Popper

#### Crítica à ciência

Avançada elaboração teórica,  
mínima verificabilidade empírica.  
Necessário um método  
para diferenciar "ciência e não  
ciência", com o objetivo de res-  
gatar o princípio de produção de  
verdades seguras.

#### Relação entre razão, ciência e democracia

Crítica o dogmatismo e o autoritarismo,  
em razão de suas inibições de contestações (científica  
e política). A razão, na cidadania e na ciência, pode contribuir  
com ações e verdades seguras,  
sendo a democracia a forma de  
organização social que possibilita suas manifestações.

## EXERCÍCIOS DE APLICAÇÃO

**1. UEG-GO** – Para Nietzsche, uma educação superior da humanidade exigiria uma transvaloração de todos os valores que têm como frente de combate a transvaloração platônico-cristã. Em relação à transvaloração proposta por Nietzsche, nota-se que

- a) visa retirar o homem da alienação na qual se encontra, mostrando que tudo já está decidido e escolhido para nós.
- b) sustenta uma visão metafísica que valoriza e postula uma possível realidade para além do mundo sensível.
- c) implica uma valorização dos valores presentes eliminando a ideia de um mundo metafísico de verdades eternas.
- d) visa aprofundar a cisão platônico-cristã entre esse mundo (o empírico) e o outro mundo (o mundo-verdade).
- e)** opera uma inversão de valores, na medida em que considera os valores vigentes como sintoma de decadência.

A inversão de valores acontece porque a criação das regras e de sentidos para nossa existência deve emergir da própria atividade humana, não tendo Deus ou qualquer entidade metafísica como a detentora desse poder de criação. A humanidade precisa sair dessa fase de minoridade e ingressar num estágio de maioridade, de assumir a responsabilidade dessas criações.

**2. UFU-MG** – Nietzsche escreveu:

E vede! Apolo não podia viver sem Dionísio! O “titânico” e o “bárbaro” eram, no fim de contas, precisamente uma necessidade tal como o apolíneo!

NIETZSCHE, F. *O nascimento da tragédia ou helenismo e pessimismo*. Tradução de J. Guinsburg. São Paulo: Companhia das Letras, 2007, p. 38.

Assinale a alternativa que descreve corretamente o dionisiaco e o apolíneo.

- a) O dionisiaco é a personificação da razão grega; o apolíneo equivale ao poder místico do uno primordial.
- b) O dionisiaco é o homem teórico que personifica a sabedoria filosófica; o apolíneo é a natureza e suas forças demoníacas.
- c)** O dionisiaco é o instinto, a embriaguez e a força vital; o apolíneo é a racionalidade, o equilíbrio, a força figurativa.
- d) O dionisiaco representa a força figurativa atuante na arte; o apolíneo representa a música primordial não objetivada.

Nietzsche apresenta a humanidade como um trânsito entre duas forças que recebem nomes de divindades greco-romanas: a dionisiaca, mais artística e que carrega uma energia vital, e a apolínea, mais racional e que carrega a capacidade de organização e reflexão. A razão, portanto, não completa a existência humana, sendo a filosofia majoritariamente valorizadora dessa face apolínea.

**3. UEL-PR** – Leia o texto a seguir.

Popper negava a afirmação positivista de que os cientistas podem provar uma teoria por indução, ou por testes empíricos ou por observações sucessivas. Segundo ele, nunca se sabe se as observações foram suficientes, pois a observação seguinte pode contradizer tudo o que a precedeu.

HORGAN, J. O fim da filosofia. In: HORGAN, J. *O fim da ciência*. Uma discussão sobre os limites do conhecimento científico. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. p. 50. (Adaptado).

Com base no texto e nos conhecimentos acerca da crítica de Karl Popper à concepção positivista de ciência, considere as afirmativas a seguir.

**V.** Popper critica os positivistas por almejam a aniquilação da metafísica e também por entenderem que o propósito da ciência era alcançar enunciados certos e verdadeiros.

**VI.** Popper, assim como os positivistas, acredita que a verificabilidade é o critério de demarcação de um sistema científico.

**VII.** Popper sustenta que, para os positivistas, a característica distintiva dos enunciados empíricos é a possibilidade de serem suscetíveis de revisão, isto é, serem criticados e substituídos por enunciados mais adequados.

**VIII.** Para Popper, contrariamente aos positivistas, as observações são incapazes de provar uma teoria; elas só podem refutá-la.

Assinale a alternativa correta.

- a) Somente as afirmativas I e II são corretas.
- b)** Somente as afirmativas I e IV são corretas.
- c) Somente as afirmativas III e IV são corretas.
- d) Somente as afirmativas I, II e III são corretas.
- e) Somente as afirmativas II, III e IV são corretas.

Popper defende que a ciência produz conhecimentos seguros, mas sempre passíveis de contestação, e tais conhecimentos não devem ser exclusivos, a ponto de impedirem a metafísica. Entretanto, a falseabilidade é necessária para checar as ciências que se comprometem a produzir verdades seguras ou de pouca comprovação pela experiência.

**4. UEM-PR** – Segundo M. L. de A. Aranha,

Nietzsche criticou Sócrates por ter sido o primeiro a encaixar a reflexão moral em direção ao controle racional das paixões. [...] Na mesma direção posicionou-se Sigmund Freud (1856-1939), fundador da psicanálise. A hipótese do inconsciente, ideia mestra de sua teoria, colocou em questão as crenças racionalistas segundo as quais a consciência humana é o centro das decisões e do controle dos desejos.

ARANHA, M. L. de A. *Filosofar com textos: temas e história da Filosofia*. São Paulo: Moderna, 2012. p.114.

Com base nesta afirmação sobre as contribuições de Nietzsche e Freud para a filosofia, assinale o que for correto.

- 01)** A filosofia deve considerar o pensamento “selvagem” e os instintos, não apenas a razão teórica, no momento de constituir seus objetos.
- 02)** A psicanálise de Freud visa à compreensão das ações do indivíduo por meio da função vital do inconsciente.
- 04)** Como fonte do desejo, a racionalidade é a força que retira o homem da animalidade e dos instintos.
- 08)** Sócrates é reconhecido como o primeiro a ter dado uma função moral ao entendimento humano.
- 16)** A filosofia tem a função de moralizar o pensamento. Recorre à psicologia para tratar de temas controversos, como a sexualidade e o erotismo.

Resposta 05 (01+04). Nietzsche e Freud criticam a filosofia tradicional, pós-socrática, por não considerarem os instintos, desejos e sentimentos, mas apenas a razão, como agentes na atividade humana. A razão não completa o humano, que possui sua esfera mais caótica e instintiva.

**5. Unesp-SP**

Jamais um homem fez algo apenas para outros e sem qualquer motivo pessoal. E como poderia fazer algo que fosse sem referência a ele próprio, ou seja, sem uma necessidade interna? Como poderia o ego agir sem ego? Se um homem desejasse ser todo amor como aquele Deus, fazer e querer tudo para os outros e nada para si, isto pressupõe que o outro seja egoísta o bastante para sempre aceitar esse sacrifício, esse viver para ele: de modo que os homens do amor e do sacrifício têm interesse em que continuem existindo os egoístas sem amor e incapazes de sacrifício, e a suprema moralidade, para poder subsistir, teria de requerer a existência da imoralidade, com o que, então, suprimiria a si mesma.

NIETZSCHE, Friedrich. *Humano, demasiado humano*, 2005. (Adaptado).

A reflexão do filósofo sobre a condição humana apresenta pressupostos

- a) psicológicos, baseados na crítica da inconsistência subjetiva da moral cristã.
- b) cartesianos, baseados na ideia inata da existência de Deus na substância pensante.
- c) estoicistas, exaltadores da apatia emocional como ideal de uma vida sábia.
- d) éticos, defensores de princípios universais para orientar a conduta humana.
- e) metafísicos, uma vez que é alicerçada no mundo inteligível platônico.

Nietzsche critica a moral cristã como inconsistente porque o sacrifício de Cristo, altruísta, pressupõe a existência de egoístas, aqueles que aceitam o sacrifício. Além disso, esses egoístas reverenciam o altruísta, o que faz dele aquele que obtém algo em troca. Essa moral suprema, portanto, exige a imoralidade dos egoístas e uma reverência, o que compromete a própria moralidade suprema.

**6. Unicentro-PR** – Ao rejeitar a indução – a construção de enunciados universais a partir de experiências e observações – como método científico e ao propor que as teorias devem poder ser falseadas, mas nunca verificadas pela experiência científica, Karl Popper inova a compreensão sobre o surgimento das teorias científicas. Sobre esse tema, considere as afirmativas a seguir.

- I. Ao contrário de uma tese metafísica, que é apenas uma especulação, uma teoria científica surge imediatamente de uma observação.
- II. Uma teoria científica, na medida em que surge de dados empíricos, tem uma validade universal.
- III. Para que uma teoria seja considerada científica, ela deve oferecer a possibilidade de ser negada pela experiência.
- IV. Se as teorias científicas são falseáveis, elas podem ser superadas.

Assinale a alternativa correta.

- a) Somente as afirmativas I e II são corretas.
- b) Somente as afirmativas I e IV são corretas.
- c) Somente as afirmativas III e IV são corretas.
- d) Somente as afirmativas I, II e III são corretas.
- e) Somente as afirmativas II, III e IV são corretas.

As teorias científicas alcançam verdades seguras, mas não universais, já que as ciências são paradigmas explicativos que podem ser superados pelas contestações teóricas e empíricas.

**EXERCÍCIOS PROPOSTOS****7. Unicentro-PR** – Leia o texto a seguir.

Se observei corretamente, em geral “a não liberdade de arbítrio” é vista como problema por dois lados inteiramente opostos, mas sempre de maneira profundamente pessoal: uns não querem por preço algum abandonar sua “responsabilidade”, a fé em si, o direito pessoal ao seu mérito (os tipos vaidosos estão desse lado); os outros, pelo contrário, não desejam se responsabilizar por nada, ser culpados de nada, e, a partir de um autodesprezo interior, querem depositar o fardo de si mesmos em algum outro lugar. Estes últimos, quando escrevem livros, costumam agora tomar a defesa dos criminosos.

NIETZSCHE, F. *Além do bem e do mal*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005. Aforismo 21. p. 26.

Considerando essa passagem, assinale a alternativa correta.

- a) O texto defende que o ser humano é determinado por causas materiais.
- b) O texto defende que o ser humano possui o livre-arbítrio.
- c) O texto defende que os criminosos, na medida em que possuem o livre arbítrio, são culpados.
- d) A passagem explicita a superioridade científica das teses que defendem o livre-arbítrio em relação às que defendem o determinismo.
- e) As teses que defendem o livre-arbítrio ou o determinismo têm origem na relação que o ser humano mantém consigo mesmo.

**8. Unicentro-PR** – Leia o texto a seguir.

Depois de por muito tempo ler nos gestos e nas entrelinhas dos filósofos, disse a mim mesmo: a maior parte do pensamento consciente deve ser incluída entre as atividades instintivas, até mesmo o pensamento filosófico; em sua maior parte, o pensamento consciente de um filósofo é secretamente guiado e colocado em certas trilhas pelos seus instintos. Todos eles agem como se tivessem descoberto ou alcançado suas opiniões próprias pelo desenvolvimento de uma dialética fria, pura, divinamente imperturbável (à diferença dos místicos de toda espécie, que são mais honestos e toscos — falam de “inspiração”), quando no fundo é uma tese adotada de antemão, uma ideia inesperada, uma “intuição”.

NIETZSCHE, F. *Além do bem e do mal*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005. Aforismo 3. p. 10.

Com base nessa passagem, considere as afirmativas a seguir.

- I. O pensamento místico é superior ao pensamento racional.
- II. A razão é a superação de qualquer interesse particular.
- III. A razão procura justificar posteriormente um pré-conceito inicial.
- IV. A dimensão instintiva do ser humano permeia sua atividade racional.

Assinale a alternativa correta.

- a) Somente as afirmativas I e II são corretas.
- b) Somente as afirmativas I e IV são corretas.
- c) Somente as afirmativas III e IV são corretas.
- d) Somente as afirmativas I, II e III são corretas.
- e) Somente as afirmativas II, III e IV são corretas.

**9. Unicentro-PR** – Leia o texto a seguir.

A velha Atenas caminhava para o fim. Em toda parte os instintos estavam em anarquia; em toda parte se estava a poucos passos do excesso. Ninguém mais era senhor de si, os instintos se voltavam uns contra os outros. Quando há a necessidade de fazer da razão um tirano, como fez Sócrates, não deve ser pequeno o perigo de que outra coisa se faça de tirano. A racionalidade foi então percebida como salvadora, nem Sócrates nem seus “doentes” estavam livres para serem ou não racionais – isso era obrigatório, seu último recurso. O moralismo dos filósofos gregos a partir de Platão é determinado patologicamente.

NIETZSCHE, F. *Crepúsculo dos ídolos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006. p. 21. (Adaptado).

Sobre esse diagnóstico, considere as afirmativas a seguir.

- I. A plena racionalidade é uma exigência para que a ação seja justa.
- II. A supressão dos instintos leva a uma vida verdadeiramente livre.
- III. A racionalidade a qualquer custo é remédio possível para aqueles que não são mais senhores de si.
- IV. A escravidão frente às forças presentes no próprio homem é um sintoma de decadência.

Assinale a alternativa correta.

- a) Somente as afirmativas I e II são corretas.
- b) Somente as afirmativas I e IV são corretas.
- c) Somente as afirmativas III e IV são corretas.
- d) Somente as afirmativas I, II e III são corretas.
- e) Somente as afirmativas II, III e IV são corretas.

**10. Unicentro-PR** – Leia o texto a seguir.

Cada vez mais quer me parecer que o filósofo, sendo por necessidade um homem do amanhã e do depois de amanhã, sempre se achou e teve de se achar em contradição com seu hoje: seu inimigo sempre foi o ideal de hoje. Até agora todos esses extraordinários promovedores do homem, a que se denominam filósofos, e que raramente se viram a si mesmos como amigos da sabedoria, antes como desagradáveis tolos e perigosos pontos de interrogação – encontraram sua tarefa, sua dura, indesejada, inescapável tarefa, mas afinal a grandeza de sua tarefa, em ser a má consciência de seu tempo.

NIETZSCHE, F. *Além do bem e do mal*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005. p. 106.

Sobre essa descrição da filosofia, considere as afirmativas a seguir.

- I. A atenção em relação à origem dos conceitos e ideais vigentes faz parte da atividade filosófica.
- II. A filosofia tem como uma de suas características a atividade crítica.
- III. A filosofia tem como tarefa o fornecimento de conceitos e análises para a melhoria da sociedade.
- IV. A filosofia estuda a essência humana, logo algo que sempre existiu, e não o homem de hoje.

Assinale a alternativa correta.

- a) Somente as afirmativas I e II são corretas.
- b) Somente as afirmativas I e IV são corretas.
- c) Somente as afirmativas III e IV são corretas.
- d) Somente as afirmativas I, II e III são corretas.
- e) Somente as afirmativas II, III e IV são corretas.

**11. Unicentro-PR** – Leia o texto a seguir.

Toda teoria científica “boa” é uma proibição: ela proíbe certas coisas de acontecer. Quanto mais uma teoria proíbe, melhor ela é.

POPPER, K. *Ciência: conjecturas e refutações*. São Paulo: Cultrix, 1972. p. 66.

Sobre os critérios estabelecidos para configurar a ciência, considere as afirmativas a seguir.

- I. Dizer que alguns fatos podem acontecer não é tão importante para a teoria quanto afirmar que determinados fatos não podem acontecer.
- II. Teorias que afirmam de forma vaga certas possibilidades dificilmente podem ser refutadas, logo apresentam pouca cientificidade.
- III. A proibição de certos fatos possibilita o falseamento de uma teoria, logo sua cientificidade.
- IV. A melhor teoria científica é aquela que está estruturada de modo que resista às refutações.

Assinale a alternativa correta.

- a) Somente as afirmativas I e II são corretas.
- b) Somente as afirmativas I e IV são corretas.
- c) Somente as afirmativas III e IV são corretas.
- d) Somente as afirmativas I, II e III são corretas.
- e) Somente as afirmativas II, III e IV são corretas.

**12. UEM-PR**

Nem aos mais cuidadosos dentre eles [os metafísicos] ocorreu duvidar aqui, no limiar, onde mais era necessário: mesmo quando haviam jurado para si próprios de *omnibus dubitandum* [de tudo duvidar]. [...] Com todo o valor que possa merecer o que é verdadeiro, veraz, desinteressado: é possível que se deva atribuir à aparência, à vontade de engano, ao egoísmo e à cobiça um valor mais alto e mais fundamental para a vida. É até mesmo possível que aquilo que constitui o valor dessas coisas boas e honradas consista exatamente em serem insidiosamente aparentadas, atadas, unidas, e talvez até essencialmente iguais a essas coisas ruins e aparentemente opostas. Talvez! – Mas quem se mostra disposto a ocupar-se de tais perigosos ‘talvez’? Para isso será preciso esperar o advento de uma nova espécie de filósofos, que tenham gosto e pendor diversos, contrários aos daqueles que até agora existiram – filósofos do perigoso ‘talvez’ a todo custo. – E, falando com toda a seriedade: eu vejo esses filósofos surgirem.

NIETZSCHE, F. *Além do bem e do mal*. In MARCONDES, D. *Textos básicos de filosofia: dos pré-socráticos a Wittgenstein*. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2007. p. 145-146.

A partir da citação acima, assinale o que for **correto**.

- 01) “Além do bem e do mal” representa a suspeita de que o valor da verdade não se opõe ao valor da mentira.
- 02) Os positivistas são, para Nietzsche, uma nova classe de filósofos, que surgirá depois da teologia empirista.
- 04) O exercício da dúvida, entre muitos filósofos que diziam duvidar de tudo, era apenas o primeiro passo para fundamentar a certeza.

- 08)** A filosofia é perigosa, razão pela qual F. Nietzsche e Giordano Bruno foram queimados na fogueira.
- 16)** A aparência, mesmo oposta logicamente ao conceito de verdade, é necessária para a manutenção da vida.
- 13.** Nietzsche afirma que pratica uma “filosofia a golpes de martelo”, especialmente em sua obra *Crepúsculo dos Ídolos*. Trata-se de uma maneira de mostrar que sua filosofia deseja quebrar algumas tradições filosóficas. Assinale a alternativa correta sobre os “alvos” dos “golpes” de Nietzsche:
- a) a tradição filosófica em não ter demonstrado que os humanos são seres plenamente racionais.
  - b) a tradição filosófica ter falhado em impedir a contaminação da razão pelos instintos dos filósofos.
  - c) o conceito de razão da filosofia pós-socrática, sobretudo a tirania da razão como exclusivo agente explicativo e ordenador da existência humana e natural.
  - d) o conceito de moral da filosofia pós-socrática, porque deixa-se contaminar por valores metafísicos em vez de se focar nos imperativos categóricos plenamente racionais.
  - e) o conceito de Deus, que a filosofia tradicional insiste em não reconhecer como fonte necessária para determinação da moralidade.
- 14. Unimontes-MG** – O pensamento de Nietzsche (1844-1900) orienta-se no sentido de recuperar as forças inconscientes, vitais, instintivas, subjugadas pela razão durante séculos. Para tanto, critica Sócrates por ter encaminhado, pela primeira vez, a reflexão moral em direção ao controle racional das paixões. Nietzsche faz uma crítica à tradição moral desenvolvida pelo ocidente. Marque a alternativa que indica as obras que melhor representam a crítica nietzscheana.
- a) Para além do bem e do mal, *Genealogia da moral*, *Crepúsculo dos ídolos*.
  - b) Para além do bem e do mal, *Genealogia da moral*, *República*.
  - c) *Leviatã*, *Genealogia da moral*, *Crepúsculo dos ídolos*.
  - d) *Microfísica do poder*, *Genealogia da moral*, *Crepúsculo dos ídolos*.
  - e) *Memórias Póstumas de Brás Cubas* e *A moreninha*.
- 15. Unicentro-PR** – O campo da ética em filosofia, atendo-se à problematização das ações humanas, consiste, entre outros aspectos, no estudo dos valores da moralidade e da liberdade, bem como nas aproximações e nos distanciamentos entre paixão e desejo, razão e vontade. Nesse âmbito, foram vários os conceitos criados pelos pensadores com a finalidade de enxergar e problematizar as ações humanas por diferentes enfoques. Considerando essas informações e os conhecimentos sobre ética, relacione o filósofo com sua ideia no campo da ética.
- I. Aristóteles (385-322 a.C.).
  - II. Descartes (1596-1650).
  - III. Espinosa (1632-1677).
  - IV. Kant (1724-1804).
  - V. Nietzsche (1844-1900).
- (A) Do ponto de vista deste pensador, a utilidade mesquinha, bem como a referência a outrem como orientação de como se deve pensar, agir e valo-

rizar, encontram-se distantes do que é potente e autêntico, pois, para ele, a vontade deve querer a si mesma.

- (B) Na visão desse pensador, o único objetivo que o homem persegue é o bem, seja lá o que ele diga ou faça. Mesmo que pareça orientar-se para fins imperfeitos, o que ele tem em vista é o bem supremo, fim absoluto, buscado por si mesmo.
- (C) No modo de pensar deste filósofo, deve-se fazer um bom uso das paixões, e esse bom uso consiste em orientá-las em um sentido que seja vantajoso, ou segundo uma interação com pensamentos que facultem se modificar.
- (D) Para este pensador, a ética abre caminho para uma libertação pelo conhecimento adequado. Assim, quando se aumenta o poder de conhecer, aumenta a alegria; diminuindo o poder de conhecer, diminui a alegria.
- (E) Segundo este filósofo, a lei moral só pode ser representada na forma de imperativo categórico, ou seja, que se deve agir como se a regra de conduta devesse ser erigida pela vontade na lei universal da natureza.

Assinale a alternativa que contém a associação correta.

- a) I-A, II-D, III-B, IV-C, V-E.
- b) I-B, II-C, III-D, IV-E, V-A.
- c) I-B, II-C, III-A, IV-D, V-E.
- d) I-E, II-A, III-D, IV-C, V-B.
- e) I-E, II-D, III-A, IV-B, V-C.

- 16. Unicentro-PR** – Um dos objetos, ou problema de estudo da filosofia contemporânea, consiste na reflexão em torno dos conhecimentos de natureza científica. Aliás, a desestabilização de certas verdades consonantes a este domínio no final do século XIX, bem como no desenrolar do século XX, trouxe a exigência de que a filosofia da ciência fizesse uma revisão da concepção de ciência e de sua metodologia. Com base nessa afirmação, relacione os pensadores que abordaram filosoficamente a ciência com suas contribuições teóricas no âmbito da filosofia da ciência.
- I. Gaston Bachelard (1884-1962).
  - II. Rudolf Carnap (1891-1970).
  - III. Karl Popper (1902-1994).
  - IV. Paul Feyerabend (1924-1994).
  - V. Thomas Kuhn (1922-1996).

- (A) Afirma que um cientista deve ter como preocupação a refutação de sua teoria por meio da experiência empírica. A existência de refutações de caráter empírico é o que faz com que uma teoria se corrobore. Além disso, rejeitou a metafísica, e foi um crítico do marxismo e da psicanálise dizendo que eram pseudociências.
- (B) Critica a racionalidade científica e recusa a ideia de que existe um método científico comprovado. A ciência, em sua visão, sempre recorreu a argumentos especiais para fazer valer suas intuições pouco fundadas e é justamente isto que demonstra, pela beleza de suas invenções e do progresso científico, a sua história real.
- (C) Defende com o grupo de estudiosos do Círculo de Viena que o saber científico deve estar esvaziado de conceitos insignificantes, bem como dos falsos problemas metafísicos, submetendo-se ao crité-

rio da verificabilidade. Por esta via, os critérios de verdade de uma teoria só podem ser explicados empiricamente e não comportando o *a priori*.

- (D) Define a ciência como uma herança cultural que progride, representada pela ideia de paradigma e que, no processo de formação e transformação das teorias científicas, proporciona à comunidade científica o acesso a modelos, dos quais surgem as tradições coerentes e específicas da pesquisa científica.
- (E) Sustenta a ideia de descontinuidade em ciência, em que esta só existe a partir do momento em que vira as costas para tudo o que conhecia e compreendia antes. Há conhecimento científico quando os mitos e os rumores, as opiniões e as crenças são destruídas e descartadas. Trata-se da ruptura epistemológica.

Assinale a alternativa que contém a associação correta.

- a) I-A, II-B, III-C, IV-D, V-E.  
 b) I-A, II-D, III-E, IV-C, V-B.  
 c) I-D, II-C, III-A, IV-E, V-B.  
 d) I-E, II-C, III-A, IV-B, V-D.  
 e) I-E, II-A, III-B, IV-C, V-D.

17. **Unicentro-PR** – A estética em filosofia traz conceitos em torno do belo e da arte, resultando em reflexões que atravessam a história da humanidade. Com base nessa afirmativa, relacione os pensadores com a concepção que ele desenvolveu.

- I. Platão (427-347 a.C.).  
 II. Aristóteles (385-322 a.C.).

III. Immanuel Kant (1724-1804).

IV. Friedrich Nietzsche (1844-1900).

V. Herbert Marcuse (1898-1979).

- (A) Detecta na arte uma ameaça inseparável de seu próprio modo de operar e proceder, pois os prazeres que proporciona destroem as condições de acesso ao conhecimento verdadeiro.
- (B) A arte é um domínio bem particular e isto porque, em vez de desembocar no reino dos fins e do conhecimento da natureza, desemboca em um domínio próprio da liberdade.
- (C) A arte é o fundamento do mundo e isso se justifica graças ao caráter criativo do nosso intelecto, que nos envolve e nos prende a todos em uma perpétua ilusão presente nas formas.
- (D) A arte, contra todo o fetichismo das forças produtivas e da escravidão dos indivíduos, representa o objetivo de todas as revoluções: a liberdade e a felicidade dos indivíduos.
- (E) No que toca à arte, a função catártica opera uma transformação das emoções humanas e essa transformação é algo mais importante que a expressão dos próprios valores da moralidade.

Assinale a alternativa que contém a associação correta.

- a) I-A, II-B, III-C, IV-D, V-E.  
 b) I-A, II-E, III-B, IV-C, V-D.  
 c) I-C, II-D, III-E, IV-A, V-B.  
 d) I-E, II-A, III-C, IV-B, V-D.  
 e) I-E, II-D, III-A, IV-B, V-C.

## ESTUDO PARA O ENEM

### 18. Unioeste-PR

C1-H4

Considere os seguintes excertos:

Dionísio já havia sido afugentado do palco trágico e o fora através do poder demoníaco que falava pela boca de Eurípedes. Também Eurípedes foi, em certo sentido, apenas máscara: a divindade, que falava por sua boca, não era Dionísio, tampouco Apolo, porém um demônio de recen-tíssimo nascimento, chamado Sócrates.

NIETZSCHE, F. *O Nascimento da tragédia ou helenismo e pessimismo*. Trad. J. Guinsburg. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

O *Nascimento da tragédia* tem dois objetivos principais: a crítica da racionalidade conceitual instaurada na filosofia por Sócrates e Platão; a apresentação da arte trágica, expressão das pulsões artísticas dionisíaca e apolínea, como alternativa à racionalidade.

MACHADO, R. *Arte e filosofia no Zarathustra de Nietzsche*. In: NOVAES, A. (Org.) *Artepensamento*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

Os trechos acima aludem diretamente à crítica nietzschiana referente à atitude estética que

- a) subordina a beleza à racionalidade.  
 b) cultua os antigos em detrimento do contemporâneo.  
 c) privilegia o cômico ao trágico.  
 d) concebe o gosto como processo social.  
 e) glorifica o gênio em detrimento da composição calculada.

### 19. UEL-PR

C1-H4

As experiências e erros do cientista consistem de hipóteses. Ele as formula em palavras, e muitas vezes por escrito. Pode então tentar encontrar brechas em qualquer uma dessas hipóteses, criticando-a experimentalmente, ajudado por seus colegas cientistas, que ficarão deleitados se puderem encontrar uma brecha nela. Se a hipótese não suportar essas críticas e esses testes pelo menos tão bem quanto suas concorrentes, será eliminada.

POPPER, Karl. *Conhecimento objetivo*. Trad. Milton Amado. São Paulo: Edusp & Itatiaia, 1975. p. 226.

Com base no texto e nos conhecimentos sobre ciência e método científico, é correto afirmar:

- a) O método científico implica a possibilidade constante de refutações teóricas por meio de experimentos cruciais.  
 b) A crítica no meio científico significa o fracasso do cientista que formulou hipóteses incorretas.  
 c) O conflito de hipóteses científicas deve ser resolvido por quem as formulou, sem ajuda de outros cientistas.  
 d) O método crítico consiste em impedir que as hipóteses científicas tenham brechas.  
 e) A atitude crítica é um empecilho para o progresso científico.

### 20. UFMA-MA

C1-H4

Identifique as afirmativas que contêm proposições corretas quanto à objetividade requisitada pelo conhecimento científico. A seguir, marque a opção correta.

- I.** A neutralidade científica necessária para a efetivação da objetividade não pode ser pensada de forma absoluta.
- II.** O evento investigado pelo cientista possibilita sua plena compreensão e, portanto, a obtenção de um conhecimento infalível e verdadeiro.
- III.** A ciência avança por uma série de aproximações para uma verdade objetiva jamais alcançada, sendo possível afirmar apenas que há certo grau de objetividade.
- IV.** O uso de métodos, testes, amostras significativas, preservaria o rigor, garantindo por si só a objetividade do conhecimento científico.

Estão corretas apenas:

- a)** II e III  
**b)** I, II e IV  
**c)** I e III  
**d)** I e IV  
**e)** II, III e IV

Material exclusivo para professores  
conveniados ao Sistema de Ensino  
Dom Bosco

# FILOSOFIA CONTEMPORÂNEA

A filosofia hegeliana foi a grande tentativa de criação de um sistema filosófico que procurasse explicar o mundo de forma integrada. Outros pensadores, como Kierkegaard e Nietzsche, duvidaram de Hegel e o questionaram, cada qual à sua maneira, sobre a primazia da razão no entendimento do movimento do mundo e dos homens.

Mais que a crítica à primazia da razão, o século XIX conheceu a crise da objetividade ou a crença de que o sujeito pensante fosse capaz de realizar experiências concretas, tanto na perspectiva do racionalismo inaugurado por Descartes como por meio do empirismo britânico. O impacto desses questionamentos contribuiu para ampliar o debate sobre a condição humana, mais precisamente, a existência. Assim se abriu espaço para o existencialismo desenvolvido no pensamento de Kierkegaard.

## Jean-Paul Sartre

Principal representante do pensamento existencialista no século XX, o filósofo francês Jean-Paul Sartre defendeu o existencialismo e avançou nas preocupações inicialmente formuladas por Kierkegaard, incorporando-as ao humanismo, que entende o homem como único ser responsável por transformar a própria vida, devendo assumir, portanto, responsabilidade por seus atos. Isso significa que deve olhar para dentro de si mesmo, retomando as rédeas de sua existência e optando por dar-lhe sentido. Nesse aspecto, diferencia-se significativamente de Kierkegaard. Segundo Sartre, o homem existe por si só, sem haver entidade divina que o anteceda.



A.F. ARCHIVE/ALAMY

Jean-Paul Sartre (1905-1980) defendia que o homem é o único ser que pode transformar a própria vida.

## A EXISTÊNCIA PRECEDE A ESSÊNCIA

O francês Jean-Paul Sartre é o único filósofo que assumidamente segue os princípios do existencialismo – pensa o indivíduo concreto, desprovido de qualquer natureza humana anterior e que lhe dê significado à existência. Para os existencialistas, o homem existe, e isso é suficiente, ou seja, não há sentido anterior guiando a humanidade. Desse modo, o homem é responsável por dar significado à própria existência. Necessariamente, o significado decorre de suas ações, de suas opções na vida. Há nisso uma ideia de consciência fundamental intrínseca ao sentido que o homem dá a si.

A teoria existencialista de Sartre, além de Kierkegaard, teve forte influência da fenomenologia de Edmund Husserl, que defendia a intencionalidade da consciência, o que contribuía para afirmar a capacidade de definição dos sentidos por meio de uma intervenção do homem no mundo, segundo pensamento sartriano. O princípio evidencia-se na máxima: “Não pergunte o que o mundo fez de você, mas o que você fez com o que o mundo fez de você”. Tomando emprestada a frase de Heidegger, Sartre afirmou que a existência precede qualquer forma de essência que tenda a formar-se com as escolhas do indivíduo. Entende-se, assim, que o “eu” é um ser fora da consciência, que se constitui à medida dos contatos com o mundo externo e da percepção das opções que definem o ser.

Decorre dessa constatação a compreensão que o homem adquire de sua existência. Sartre chamou de náusea a inexistência de sentido para a existência humana que

- Jean-Paul Sartre
- Outras filosofias contemporâneas

### HABILIDADES

- Compreender os fundamentos da existência e da liberdade.
- Compreender os fundamentos da razão e seus papéis na manutenção ou na superação de desigualdades sociais.
- Compreender os fundamentos microfísicos do poder e se reconhecer como um agente sociocultural capaz de produzir ou de romper com desigualdades sociais.
- Compreender os conhecimentos como corpos construídos, portanto passíveis de questionamentos.

delata o absurdo que é o real, deixando sem resposta a questão que incomoda todo ser humano: “Qual o motivo de minha existência?”

O mundo privado de sentido representado pela náusea não deixa de apontar para o fato de que o homem deixa de ser central e de se afirmar como sujeito, transformando-se em coisa. Quando se depara com a realidade da vida e com a inexistência de algo que lhe dê sentido, percebe que tudo o que ocorre é gratuito e não apresenta significado implícito.

Uma crítica pertinente de Sartre relaciona-se à causalidade, identificada como um dos elementos que preenche a existência humana de significado e leva o indivíduo a tentar compreendê-la. O sentido decorre de uma relação de causa e efeito. Se não há causa necessária, não existe efeito necessário. Assim, existe uma liberdade definida pelas opções, pelas escolhas de cada homem. Essa existência e sua liberdade estão em relação direta com o mundo. Mundo de contingências, mas não de impedimentos.

O sentimento de angústia gerado pela necessidade da escolha não deve levar o indivíduo ao desespero. Pelo contrário, compreendê-lo imprime sentido adequado à sua existência. Isso é possível a partir do instante em que o homem toma consciência do mundo, dos objetos à sua volta, o que denota certa noção de alteridade e responsabilidade, conforme a teoria sartriana da existência.

Uma das particularidades em relação à alteridade: a consciência de si primeiramente é uma consciência do nada, pois, quando se desenvolve uma consciência do ser, não há nada definido, nada de concreto, nada de sentido. O ser é o nada. Assim, a construção de algo em si é posicional em relação a outrem ou ao mundo. É o vazio da existência a ser preenchido pelas escolhas do homem, por um seu posicionamento diante do mundo.

Ponto de partida para definição do ser: constatação da consciência do nada que se é. Pode-se considerar a existência como possibilidade de definição do ser e, para tanto, o contato com o mundo, mais precisamente, o modo de interação com ele, é a possibilidade de construção de um ser que escapa do seu nada primordial. O nada é entendido como o “em si” mesmo. A faísca de sua iluminação é a consciência, a partir da qual o voltar-se para si acontece num jogo relacional com o mundo e suas imposições. Estas não são definitivas, posto haver espaço para a ação na existência. Encontra-se aí a referência à alteridade, visto que o homem se define na relação com o outro ou, de forma mais abrangente, com o mundo em que esteja inserido.

### **Liberdade e existência**

Em Sartre, a liberdade é precisamente o Ser da consciência: nela, o ser humano é o seu próprio passado – bem como o seu devir – sob a forma de nadaificação. Sendo consciência de Ser (liberdade), há para

o ser humano um determinado modo de situar-se frente ao passado e ao futuro como sendo e não sendo ambos ao mesmo tempo. A liberdade humana, da perspectiva sartriana, é a escolha irremediável de certos possíveis: o homem não é, mas faz-se. Não há futuro previsível e nem ao menos algumas cartas marcadas de antemão. Há, isso sim, o movimento através do qual o Ser do homem faz-se isso ou aquilo – escolhas que, por seu turno, serão feitas a partir de certas situações, jamais encerradas em algum tipo de determinismo.

YAZBEK, A. C. *Cadernos de ética e filosofia política* 7, 2/2005. p. 142.

Deriva daí a importância do olhar para Sartre, pois a forma como os outros olham para o indivíduo e como este lida com essa sensação é que lhe possibilita definir sentidos para sua existência e assumir suas rédeas. Fica mais claro também compreender por que Sartre via o indivíduo como objeto, já que o olhar do outro o transforma em objeto, mediante simplificações da mente para o que lhe é exterior.

Como a consciência se forma desse processo, entende-se que o “para si” significa vazio do ser ou de qualquer essência. Esse vazio liberta o homem de qualquer fundamento que procure explicar seu comportamento, abrindo a possibilidade da escolha. Decorre daí que, para Sartre, o homem é condenado a ser livre, pois, diante da vida, não tem outra opção senão tomar decisões para seguir em frente, mesmo imaginando a situação limite de não tomar decisão alguma. Afinal, para abster-se de qualquer decisão, é preciso primeiro decidir “não decidir”.

A liberdade professada por Sartre resulta na inexistência de qualquer valor moral anterior ao homem, o que, via de regra, leva o pensador a afirmar a inexistência de Deus, concordando com a percepção do escritor russo Fiódor Dostoiévski, para quem “se Deus não existisse, tudo seria permitido”. De fato, na visão sartriana, a inexistência de Deus significa que o homem não tem desculpas para não agir e que qualquer de seus atos é sua responsabilidade exclusiva.

Perspectiva assustadora essa que pode levar o homem a querer fugir de si mesmo, o que pode fazê-lo buscar justificativa ou desculpa para escapar das decisões. Ele teria que sair de si, distanciando-se do humanismo que deve orientar sua condição existencial. Sartre chamou de má-fé esse movimento. Afinal, o homem existe quando se dá conta da existência dos outros ao seu redor, deixando de ser apenas um ser “para si” para tornar-se um “ser para os outros”.

Situação incômoda, pois tem que decidir tendo o outro por parâmetro. Isso aparentemente limita sua liberdade, transformando-o em ser responsável. Assim, liberdade e responsabilidade tornam-se fundamentos do existencialismo. Liberdade é a base da escolha, e responsabilidade, o parâmetro da escolha.

Dessa forma, conforme Sartre, o homem é aquilo que ele faz de si próprio. Essa constatação dá um salto no pensamento sartriano: sendo o único responsável por

sua existência, o homem é um demiurgo (legislador) do próprio futuro, tornando-se aquilo que projeta ser, sem se deixar levar pelos determinismos externos. Para isso, o homem necessita tomar sua liberdade como único fim de sua existência, o que implica escolha. E esta apenas se torna real e plena quando faz o mesmo em se tratando da liberdade dos outros. Tal perspectiva abriu caminho para Sartre flertar com o marxismo, chegando a afirmar que a liberdade individual também está condicionada por situações precisas, o que, no pensamento marxista, é sinônimo de condições materiais de existência.



Será que a ignorância é um direito? Segundo Sartre, a liberdade é uma condição inerente à existência. Entretanto, a liberdade produz diferentes existências quando provida ou desprovida de conhecimento. Aquele que ignora e aquele que busca o conhecimento são, inerentemente, livres produtores de suas existências. A citação abaixo ilustra essa questão sartreana:

### Ser é escolher-se

Como vimos, para a realidade humana, ser é escolher-se: nada lhe vem de fora, ou tão pouco de dentro, que ele possa receber ou aceitar. Está inteiramente abandonado, sem qualquer ajuda de nenhuma espécie, à insustentável necessidade de fazer-se até o mínimo detalhe. Assim, a liberdade não é um ser: é o ser do homem, ou seja, ser nada do ser. Se começássemos por conceder o homem como algo pleno, seria absurdo procurar nele depois momentos ou regiões psíquicas em que fosse livre: daria no mesmo buscar o vazio em um recipiente que previamente preenchamos a borda. O homem não poderia ser ora livre, ora escravo: é inteiramente e sempre livre, ou não o é.

SARTRE, Jean-Paul. *O ser e o nada*: ensaio de ontologia fenomenológica. Rio de Janeiro: Vozes, 1998. p. 545

A aproximação do materialismo histórico refletiu na vida pessoal e no ativismo político de Sartre, especialmente em sua intensa participação na luta pelo processo de descolonização da Argélia, sob o controle da França desde a expansão imperialista do século XIX. A adesão ao marxismo, porém, rendeu-lhe críticas, pois, na condição de teoria totalizante, o materialismo dialético marxista pauta-se em leis imutáveis que ignoram o indivíduo concreto e acreditam dar conta de todo conhecimento e evolução da história humana, o que se constitui numa forma de dogma e saber eternos, que devem ser combatidos a qualquer custo, já que o futuro apenas se escreve com base nas decisões do indivíduo na vida.

## Outras filosofias contemporâneas

### ESCOLA DE FRANKFURT

Fundada em 1924, a Escola de Frankfurt foi a última representante do período entre 1850 e 1950 em que predominou o pensamento alemão. De fato, era o Instituto de Pesquisa Social, destinado a repensar o mundo. Em razão disso, a primeira geração, composta por Theodor Adorno, Max Horkheimer e Walter Benjamin, propôs a **teoria crítica**, que analisava cultura e sociedade, retomando o pensamento marxista adaptado a valores e visões de mundo que estavam surgindo com a sociedade industrial avançada. Seu objetivo era posicionar historicamente suas teorias como elementos da verdade. Os filósofos também criticavam a concepção positivista, pois queriam diferenciar as ciências naturais das formais, para evitar que o paradigma das primeiras continuasse vigorando. O controle e a dominação seriam as práticas a seguir, enquanto a meta das ciências sociais consistia em compreender a sociedade e a cultura, possibilitando ao homem realizar-se socialmente. Esse foi um dos pontos de polêmica dos frankfurtianos com Popper, por volta dos anos de 1960.

A segunda geração é representada principalmente por Jürgen Habermas, filósofo e sociólogo alemão.



Jürgen Habermas em palestra proferida em Berlim, em 1998.

O principal objetivo era analisar criticamente o desenvolvimento industrial, o capitalismo e a legitimação de novas relações éticas pertinentes ao mundo contemporâneo.

Assuntos recorrentes e que tiveram influência sobre os frankfurtianos: nazismo, stalinismo, fascismo, relação entre o pensamento de Hegel e o marxismo.

### Filosofia da razão e indústria cultural

Segundo Habermas, podemos classificar a razão humana em dois tipos: razão instrumental e razão comunicativa. Enquanto a primeira preocupa-se com os meios necessários para atingir determinados fins, a segunda objetiva estabelecer uma comunicação e definir quais valores e ações são mais apropriados para cada situação. Ambas são necessárias e complementares para a vida humana. Entretanto, conforme sua teoria crítica, a sociedade contemporânea mostra viver uma inflação da razão instrumental em sobreposição à razão comunicativa, o que impede a reflexão e maximiza uma vida utilitarista. A sociedade, portanto, deixa de pensar e agir por utopias, naturalizando a sociedade como uma estrutura rígida e imutável. Se citarmos outros dois filósofos da Escola de Frankfurt, Theodor Adorno e Max Horkheimer, e suas críticas à indústria cultural, vamos encontrar o entretenimento como uma saída capitalista para a minimização do uso da razão comunicativa como instrumento de reflexão sobre a sociedade. Consumimos entretenimento em nosso tempo livre, relaxamos perante os problemas e, no dia seguinte, estamos renovados para continuar a viver sem propor mudanças.

Enfim, nessa filosofia da Escola de Frankfurt, o abandono da utopia deixa a sociedade utilitarista e fria. Se não acreditamos mais em mudanças e se não desejamos mais investir tempo para pensarmos em mudanças, acabamos deixando as coisas como estão e a sociedade segue seu fluxo instrumental.

### WITTGENSTEIN

Os críticos dividem a obra de Ludwig Wittgenstein (1889-1951), um dos filósofos que mais marcaram a contemporaneidade, em *Tractatus*, a única publicada enquanto era vivo, e *Investigações filosóficas*. As duas são radicalmente diferentes. O filósofo manteve contato com os pensadores do Círculo de Viena, influenciando o neopositivismo lógico. A obra de Wittgenstein é conflituosa, fragmentada, sem sistema definido. Mostra sua relação com a filosofia, suas angústias e sua necessidade de viver isolado. Em suma, examina a relação entre a linguagem e o real, de forma que se afasta da ideia de que esse tipo de ciência deveria partir do sujeito do conhecimento. Aí se vê uma crítica a Kant. Um dos pontos da primeira obra é a ideia de que as formas gramatical e lógica da linguagem não têm ligação. Nas palavras do filósofo, “a linguagem disfarça o pensamento”. Dessa falta de conexão é que vêm os problemas filosóficos tradicionais, encerrando a má compreensão da linguagem. Para ele, a filosofia deveria realizar uma análise da linguagem que revelasse relação com os fatos, determinando a verdade de uma proposição (ou falsidade). As proposições que têm

sentido funcionam como imagens dos fatos possíveis, sendo descrições verdadeiras (tautologias) ou falsas (contradições).

### MICHEL FOUCAULT

Foucault (1926-1984) foi um dos principais pensadores contemporâneos franceses e um dos representantes do estruturalismo, formulado pelo linguista suíço francês Ferdinand Saussure, no início do século XX. Essa corrente de pensamento rompeu com o subjetivismo e com a possibilidade de chegar a uma fundamentação do conhecimento científico. O estruturalismo é objetivo e não leva em consideração o pensamento individual. Toda a obra de Foucault é ousada e contestadora de valores e práticas sociais. Recebeu influências de Freud, Marx, Heidegger e Nietzsche. Andou por muitos caminhos da ciência, sendo por isso difícil classificá-lo. Ele gostava de ser chamado de arqueólogo, em razão de estudar profundamente e revisitar constantemente a cultura.

O filósofo estudou o sujeito em suas várias constituições, para tentar entender todo o processo histórico. Severo crítico da tradição moderna, pretendia fundamentar o conhecimento, a ética e a política por vertentes inexploradas, com vistas a mostrar o que antes ficava escondido, implícito, muitas vezes nem conhecido. Ele mesmo admitiu que seu trabalho estava mais ligado à história da cultura, incluindo análise e estudo profundos, do que à filosofia tradicional.

Obras importantes de Foucault:

- *História da loucura* – analisa e esmiúça o conceito de loucura na sociedade e como tratá-la.
- *Nascimento da clínica* – obra ligada aos saberes médicos.
- *Arqueologia do saber* – discute a arqueologia como forma de análise crítica do discurso.
- *História da sexualidade* – discute a ideia de que o Ocidente trata o poder da sexualidade como forma de expressão.
- *Vigiar e punir* – influenciado por Nietzsche, introduz a noção de genealogia, analisando a origem dos valores morais e dos discursos, com a pretensão de desmistificá-los e relacioná-los com as formas de poder que podem ser exercidas num contexto social e cultural. Revela a recusa em aceitar o conceito clássico de poder centralizador no estado. O poder é visto como prática social em qualquer nível de relação, como forma de manter a organização.

### Sociedade disciplinar

Foucault observa, nos séculos XIX e XX, o predomínio da sociedade disciplinar. Nessa perspectiva, as

instituições são *centros de saber responsáveis pela disciplinarização de indivíduos*. Escolas, hospitais, manicômios, prisões e quartéis são exemplos de instituições que nos disciplinam para sermos “como devemos ser”, segundo concepções de normalidade. Caso contrariemos as regras, os indivíduos são punidos, ou até expulsos, a ponto de não se tornarem normais, cidadãos, trabalhadores, soldados e graduados. Essa, segundo Foucault, é a *sociedade disciplinar*.



Foucault analisa o panóptico criado por Jeremy Bentham: uma penitenciária circular com uma torre central que tudo vigia e pune caso os detentos violem as regras. Na imagem, presídio na Ilha da Juventude, em Cuba.

Segundo Foucault, a disciplina não é um problema em si, mas a *sociedade disciplinar* é gravemente problemática por fechar seus saberes em verdades absolutas e promover opressões aos grupos disciplinados. Caso exista uma pré-definição sobre ser mulher (apenas trabalhos domésticos), homem (apenas heterossexual), belo (apenas padrão europeu), trabalhador (apenas obediente ao patrão e nunca reivindicador) e qualquer outra categoria social que impeça a liberdade, estamos diante de uma sociedade que padroniza os indivíduos e fere os direitos a escolhas.



Os filósofos franceses Michel Foucault e Jean-Paul Sartre em protesto em homenagem a Pierre Overney, trabalhador maoísta morto durante greve em uma fábrica de automóveis.

### THOMAS KUHN

Kuhn (1922-1996) iniciou carreira como físico, mas sua influência se dá na história e na filosofia da ciência. Tornou-se conhecido com a obra *Estrutura das revoluções científicas*, contendo crítica às explicações tradicionais que não tinham condições de resistir à evidência histórica, como indutivismo, falsificacionismo. Por causa disso, ele atribuiu caráter revolucionário à ciência.



Thomas Kuhn distinguiu o caráter descontínuo do conhecimento científico, que progride, de fato, por rupturas, não pelo acúmulo de saber.

Material exclusivo para professores  
conveniados ao Sistema de Ensino  
Dom Bosco

# ROTEIRO DE AULA

## FILOSOFIA CONTEMPORÂNEA

Jean-Paul Sartre

Existencialismo e liberdade

Todos os humanos são livres na medida em que não existe determinismo, mas as escolhas determinam quem nós somos e os resultados de nossas vidas.

Escola de Frankfurt

Principais ideias de Habermas

Crítica ao positivismo (controle e dominação) e à proposição do resgate da razão comunicativa como forma de criação de mudanças sociais que impeçam a superação de desigualdades. A razão instrumental, se absoluta, torna os humanos não críticos.

Wittgenstein

Papel e objetivo da filosofia

É papel da filosofia revelar a relação entre linguagens e fatos, objetivada para desvelar verdades e falsidades presentes nas sociedades.

Material exclusivo para professores conveniados ao Sistema de Ensino Dom Bosco

## ROTEIRO DE AULA

**Michel Foucault**

Caracterização

do poder

Não há posse do poder por determinadas instituições, mas este é diluído em nossas práticas cotidianas. É, portanto, microfísico, e o constante resultado e reinvenção de associações entre saberes e ações sociais.

Sociedade disciplinar

Estágio da sociedade em que certos saberes sociais determinam a vida dos indivíduos. A liberdade é suprimida em razão de disciplinar os modos de agir, pensar e sentir. Há um constante controle e punição aos desviantes.

**Kuhn**

Paradigma científico

Os conhecimentos científicos evoluem por meio de rupturas paradigmáticas, não enquanto acúmulos lineares de saber. É necessário, portanto, combater uma prática científica que sustenta tradicionalismos em vez de permitir questioná-los.

Material exclusivo para professores  
conveniados ao Sistema de Ensino  
Dom Bosco

## EXERCÍCIOS DE APLICAÇÃO

**1. UEG-GO** — Considerando algumas tendências sociológicas e filosóficas no pensamento contemporâneo, observam-se algumas correntes que fazem uma crítica da razão em seus fundamentos, nos seguintes termos:

- a) o existencialismo faz uma crítica aos grandes sistemas metafísicos e racionais enfatizando a singularidade da condição humana e sua irredutibilidade aos sistemas.
- b) o pensamento hegeliano contesta a possibilidade de uma razão pura ou razão prática que dê conta de abarcar a totalidade da realidade natural e social no nível epistemológico.
- c) o marxismo rejeita a razão e seus sistemas metafísicos enfatizando que o homem é um ser dominado por desejos e paixões, não necessitando da razão para realizar a transformação social.
- d) o pensamento nietzschiano realiza uma crítica à razão estabelecendo que a fé deve orientar o homem para uma vida justa e feliz, sob a tutela dos dogmas da igreja cristã.
- e) o existencialismo, o marxismo e Nietzsche negam a capacidade da razão de por si só resolver as contradições que dilaceram a existência humana e a sociedade.

Enquanto Marx considera as relações sociais de produção como base na determinação da consciência, Nietzsche critica a fé como um determinismo externo aos humanos para determinação de suas ações, além de negar a razão como exclusiva na compreensão da existência humana.

**2. Unioeste-PR** – Em seus estudos sobre George Herbert Mead, Jürgen Habermas diz o seguinte a respeito da emergência da autoconsciência humana:

(...) a consciência que parece estar centrada no Eu não é imediata ou simplesmente interior. Ao contrário, a autoconsciência forma-se através da relação simbolicamente mediada que se tem com um parceiro de interação, num caminho que vai de fora para dentro. Nesta medida, a autoconsciência possui um núcleo intersubjetivo; sua posição excêntrica testemunha a dependência contínua da subjetividade face à linguagem, que é o meio através do qual alguém se reconhece no outro de modo não objetivador.

HABERMAS, J. *O pensamento pós-metafísico*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1990. p. 212.

Assinale a alternativa cujas afirmações **não sejam consistentes** com as ideias expressas no trecho acima.

- a) O Eu é produzido socialmente em um processo de individuação que ocorre em uma rede de interações, mediada pela linguagem.
- b) O Eu começa a se desenvolver quando indivíduos interagem, quando desempenham e antecipam papéis sociais interligados.
- c) A mente emerge quando o organismo está apto a sinalizar significados para os outros e para si. A reflexividade, junto do processo social, é a condição essencial do desenvolvimento da mente.
- d) A intuição primordial de todo ser humano é a certeza de que existe, como tal, enquanto unidade subjetiva. Tal intuição depende exclusivamente do olhar interior que chamamos de consciência.
- e) Apenas os seres humanos exibem comportamento mental, pois a mente pressupõe linguagem signi-

ficativa que, por sua vez, pressupõe comunicação participante.

O “olhar interior” não define a consciência. Essa é definida, como podemos notar no trecho, por meio de relações simbólicas intersubjetivas.

### 3. UEM-PR

Enfim, é preciso dizer que não se podem conceber essas relações de poder como uma espécie de dominação brutal com a forma: ‘Faça isso ou eu te mato!’. Não são situações extremas de poder. De fato, as relações de poder são relações de força, de enfrentamentos, então, sempre são reversíveis. Não há relações de poder que sejam completamente triunfantes e cuja dominação seja incontornável. Tem-se dito muito (os críticos me acusam disso) que, para mim, ao por o poder em toda parte, eu exclua toda possibilidade de resistência. Mas é o contrário!

FOUCAULT, M. Poder e Saber. In: MARÇAL, J. *Antologia de textos filosóficos*. Curitiba: Seed, 2009. p. 240-241.

A partir do texto citado, assinale o que for **correto**.

- 01) Como as relações de força são reversíveis, não há um polo dominador e um dominado.
- 02) Para o filósofo, a violência é constituinte das relações de poder.
- 04) Relações de poder não significam necessariamente que o dominado jamais poderia reverter sua relação de dominação.
- 08) Para Foucault, as relações de poder perpassam as interações humanas, à exceção das relações afetivas.
- 16) Relações de poder são relações de força, às vezes sutis, que podem se inverter conforme a resistência aplicada pelo dominado em face do dominador.

Resposta 20 (04+16). As relações de poder são constituídas por dominadores e dominados, mas tais condições são reversíveis conforme as ações entre os envolvidos. Apesar de resultarem em enfrentamentos, não necessariamente implicam em violência.

### 4. Unesp-SP

Concentração e controle, em nossa cultura, escondem-se em sua própria manifestação. Se não fossem camuflados, provocariam resistências. Por isso, precisa ser mantida a ilusão e, em certa medida, até a realidade de uma realização individual. Por pseudoindividuação entendemos o envolvimento da cultura de massas com uma aparência de livre-escolha. A padronização musical mantém os indivíduos enquadrados, por assim dizer, escutando por eles. A pseudoindividuação, por sua vez, os mantém enquadrados, fazendo-os esquecer que o que eles escutam já é sempre escutado por eles, “pré-digerido”.

ADORNO, Theodor. *Sobre música popular*. In: COHN, Gabriel (Org.). Theodor Adorno, 1986. (Adaptado).

Em termos filosóficos, a pseudoindividuação é um conceito

- a) identificado com a autonomia do sujeito na relação com a indústria cultural.
- b) que identifica o caráter aristocrático da cultura musical na sociedade de massas.
- c) que expressa o controle disfarçado dos consumidores no campo da cultura.
- d) aplicável somente a indivíduos governados por regimes políticos totalitários.

e) relacionado à autonomia estética dos produtores musicais na relação com o mercado.

A pseudoindividuação está relacionada com a ilusão de sermos livres, conscientes e autônomos, enquanto estamos inibidos mediante um consumismo numa indústria que opera na ordem da cultura.

### 5. Unicentro-PR – Leia o texto a seguir.

A universalidade dos pensamentos, como a desenvolve a lógica discursiva, a dominação na esfera do conceito, eleva-se fundamentada na dominação do real. É a substituição da herança mágica, isto é, das antigas representações difusas, pela unidade conceitual que exprime a nova forma de vida, organizada com base no comando e determinada pelos homens livres.

ADORNO, T.; HORKHEIMER, M. *Dialética do esclarecimento*: fragmentos filosóficos. Trad. Guido Antonio de Almeida. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985. p. 28.

Nesse texto, é destacado um importante feito registrado no passado ocidental relativo à

- emergência do domínio da gramática que permitiu assegurar o sentido conceitual do mundo.
- passagem da escolástica religiosa, embasada no místico, para o mundo moderno.
- vanguarda da mitologia que permitiu o nascimento da indagação e da reflexão filosófica.
- superação da patrística que possibilitou a emergência da lógica na discussão de temas religiosos.
- organização do pensamento helenístico, que permitiu resgatar a filosofia dos pré-socráticos.

Adorno e Horkheimer referem-se ao início da filosofia como indagação racional sobre a existência da natureza, da humanidade e da vida social. Ambos, nessa obra, em seguida a essa exposição sobre esse feito histórico, criticam a consciência humana como iludida pelo consumismo na era da indústria cultural, numa espécie de retorno ao momento histórico de desuso da razão para indagação de questões da vida humana.

### 6. Unicentro-PR – Leia o texto a seguir.

Se o esclarecimento não acolhe dentro de si a reflexão sobre esse elemento regressivo, ele está selando seu próprio destino. Abandonando a seus inimigos a reflexão sobre o elemento destrutivo do progresso, o pensamento cegamente pragmatizado perde seu caráter superador e, por isso, também sua relação com a verdade.

ADORNO, T.; HORKHEIMER, M. *Dialética do esclarecimento*: fragmentos filosóficos. Trad. Guido Antonio de Almeida. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985. p. 13.

Com base no texto e nos conhecimentos sobre o esclarecimento, realizado por Adorno e Horkheimer, considere as afirmativas a seguir.

- Esvaziou sua capacidade crítica e reflexiva, transformando-se em meio operacional para atingir fins.
- É um ideal que continua a ser perseguido, visto que somente a razão pode realizar a emancipação.
- Tem sua manifestação plena na ciência moderna, ao assegurar o permanente desenvolvimento tecnológico.
- Tornou-se um mito, visto que a razão exerce de forma instrumental a dominação social.

Assinale a alternativa correta.

- Somente as afirmativas I e II são corretas.
- Somente as afirmativas I e IV são corretas.
- Somente as afirmativas III e IV são corretas.
- Somente as afirmativas I, II e III são corretas.
- Somente as afirmativas II, III e IV são corretas.

Nas suas críticas sobre a sociedade capitalista, e em especial à indústria cultural, Adorno e Horkheimer afirmam que o esclarecimento é reduzido perante um consumismo que inibe a reflexão e maximiza o entretenimento.

## EXERCÍCIOS PROPOSTOS

### 7. Unicentro-PR – Leia o texto a seguir.

O conceito de modernização refere-se a um feixe de processos cumulativos que se reforçam mutuamente: a formação de capital e a mobilização de recursos, o desenvolvimento das forças produtivas e o aumento da produtividade do trabalho, o estabelecimento de poderes políticos centralizados e a formação de identidades nacionais, a expansão de direitos de participação política, de formas urbanas de vida e de formação escolar formal, a secularização de valores e normas.

HABERMAS, J. *O discurso filosófico da modernidade*. Trad. Ana Maria Bernardo et al. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1998. p. 14.

Sobre o conceito de secularização na constituição da modernização, considere as afirmativas a seguir.

- Alude-se à presença da orientação religiosa nos desígnios desconhecidos que o homem passa a trilhar.
- Inferre-se a preservação dos direitos subjetivos à luz dos direitos eternos firmados pela religião.
- Refere-se ao deslocamento dos preceitos normativos religiosos para a subjetividade das pessoas.
- Trata-se da autonomia que as esferas sociais passaram a ocupar diante dos ditames impostos pela religião.

Assinale a alternativa correta.

- Somente as afirmativas I e II são corretas.
- Somente as afirmativas I e IV são corretas.
- Somente as afirmativas III e IV são corretas.
- Somente as afirmativas I, II e III são corretas.
- Somente as afirmativas II, III e IV são corretas.

### 8. UEM-PR

Valores e conceitos nascem de necessidades humanas. A filosofia deve se debruçar sobre a história dos acontecimentos, do concreto, do saber e de certa época que produz práticas com efeitos de poder. A intenção é sempre de compreender melhor o nosso presente e para tal de nada adiantam as análises da existência ou dos dados da consciência.

ARAUJO, I. L. Foucault: um pensador da nossa época, para a nossa época. In: MARÇAL, J. (Org.). *Antologia de textos filosóficos*. Curitiba: SEED, 2009. p. 222.

A respeito dessa afirmação sobre o pensamento de Michel Foucault, é correto afirmar que ele

- critica as correntes fenomenológicas e existencialistas.
- conserva o ensinamento dos mitos.
- correlaciona conhecimento empírico e poder.

**08)** defende o pensamento metafísico.

**16)** corrobora o uso prático, não só teórico, da filosofia.

### 9. Unioeste-PR

Que significa dizer que a existência precede a essência? Significa que o homem primeiro existe, se encontra, surge no mundo, e que se define depois. O homem, tal como o existencialista o concebe, se não é definível, é porque de início ele não é nada. Ele só será em seguida, e será como se tiver feito. Assim, não há natureza humana, pois não há Deus para concebê-la. O homem é não apenas tal como ele se concebe, mas como ele se quer, e como ele se concebe depois da existência, como ele se quer depois desse impulso para a existência, o homem nada mais é do que aquilo que ele faz de si mesmo. Tal é o primeiro princípio do existencialismo. É também o que se chama a subjetividade, e que nos reprovam sob esse mesmo nome (...).

Mas, se verdadeiramente a existência precede a essência, o homem é responsável por aquilo que ele é. Assim, o primeiro passo do existencialismo é colocar todo homem de posse daquilo que ele é e fazer cair sobre ele a responsabilidade total por sua existência. E, quando nós dizemos que o homem é responsável por si mesmo, não queremos dizer que o homem é responsável por sua estrita individualidade, mas que ele é responsável por todos os homens.

SARTRE. O existencialismo é um humanismo. In: SEED-PR. *Antologia de textos filosóficos*: 619-620.

Considerando os excertos da obra *O existencialismo é um humanismo*, assinale a alternativa que está de acordo com o pensamento de Sartre.

- O homem, ao nascer, já se encontra determinado e nada poderá fazer para mudar essa condição, que é própria da natureza humana.
- O homem é livre. Ele faz suas próprias escolhas e, ao fazê-las, torna-se o principal responsável por elas e por suas consequências para si mesmo e para os demais.
- As escolhas do indivíduo nada têm a ver com os demais e em nada interferem na relação com esses, ou seja, não é possível responsabilizar o sujeito por suas escolhas e pelo modo como afetam os demais.
- A razão para a existência do homem é a busca de bens materiais. Quanto mais o sujeito possuir, mais livre poderá ser considerado.
- Sartre é um defensor do existencialismo cristão e defende que a essência do homem está em Deus.

### 10. UEL-PR – Leia o texto a seguir.

A intervenção genética poderia prejudicar a consciência de autonomia do indivíduo, nomeadamente aquela auto-compreensão moral que se deve esperar de todo membro de uma comunidade de direito, estruturada pela igualdade e pela liberdade, quando eles têm as mesmas chances de fazer uso de direitos subjetivos igualmente distribuídos. Portanto, o prejuízo que pode surgir não se situa no nível de uma privação de direitos. Ele consiste, antes, na insegurança que um portador de direitos civis sente em relação à consciência de seu próprio *status*. Pessoas programadas não podem mais se considerar como autores únicos de sua própria história de vida, pois, em relação às gerações que

as precederam, elas não podem mais se considerar ilimitadamente como pessoas nascidas sob iguais condições.

HABERMAS, J. *O futuro da natureza humana*. A caminho de uma eugenia liberal? 2. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2010. p. 107-108. (Adaptado).

A intervenção genética possibilita uma reflexão sobre a mudança de compreensão da natureza humana tradicionalmente concebida como permanente.

Com base no texto e nos conhecimentos sobre ética em Jürgen Habermas, considere as afirmativas a seguir.

- A complexidade da decisão moral, no caso da intervenção genética, dificulta a aplicabilidade do modelo da ética discursiva, que prevê que o acordo entre os concernidos é conquistado pelo diálogo público, isto porque um dos concernidos – no caso, a potencial pessoa em que o embrião se tornaria – ficaria excluído do debate argumentativo.
- A tendência contemporânea que defende a autonomia da pesquisa, principalmente a partir dos avanços da biotecnologia, em geral, e da intervenção genética, em particular, suscita a necessidade de recorrer a uma regulamentação jurídica que possa garantir o direito a uma herança genética isenta de manipulação.
- As questões acerca dos benefícios ou malefícios advindos da aplicação da pesquisa genética são respondidas a partir da superioridade hierárquica do saber da ciência em relação aos valores éticos vigentes, no sentido de que o conhecimento científico está suficientemente legitimado para impor princípios materiais objetivos.
- Os possíveis dilemas da programação genética encontram respostas suficientemente satisfatórias ao fazer uso da igualdade existente entre o reino do discurso e o da ação, representado pela discussão política dos conselhos públicos, e o da necessidade e do trabalho, representado pela racionalidade estratégica da técnica moderna.

Assinale a alternativa correta.

- Somente as afirmativas I e II são corretas.
- Somente as afirmativas I e IV são corretas.
- Somente as afirmativas III e IV são corretas.
- Somente as afirmativas I, II e III são corretas.
- Somente as afirmativas II, III e IV são corretas.

### 11. UEL-PR – Leia o texto a seguir.

O mito converte-se em esclarecimento e a natureza em mera objetividade. O preço que os homens pagam pelo aumento de seu poder é a alienação daquilo sobre o que exercem o poder. O esclarecimento comporta-se com as coisas como o ditador se comporta com os homens. Este os conhece na medida em que pode manipulá-los. O homem de ciência conhece as coisas na medida em que pode fazê-las. É assim que seu *em-si torna para-ele*. Nessa metamorfose, a essência das coisas revela-se como sempre a mesma, como substrato de dominação.

ADORNO, T.; HORKHEIMER, M.. *Dialética do esclarecimento*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985. p. 21.

O uso da razão para fins irracionais criou, principalmente no século XX, uma desconfiança crônica a respeito da sua natureza e dos seus usos. Com base nos conhecimentos sobre a racionalidade instrumental presente no texto, assinale a alternativa correta.

- a) Tanto a dominação da natureza quanto a alienação do homem são o preço inevitável a ser pago pela razão, pois o conhecimento ocorre quando o mundo e o homem se tornam objetos.
- b) O esclarecimento, na medida em que efetiva a superação do mito, atualiza a essência e o próprio destino do homem, que consiste em transformar a natureza, produzindo objetos que tornam a vida mais confortável.
- c) Mito e razão são forças primitivas antagônicas de natureza distinta: o mito caracteriza-se pela imaginação, fantasia e falta de objetividade; já a razão, pela objetividade, por cujos processos de formalização a certeza é instituída.
- d) Dada a dimensão puramente formal da ciência, os aspectos práticos do mundo da vida lhe são alheios, razão pela qual os usos com vistas à dominação são estranhos à sua essência, resultando na dominação de um mau uso prático.
- e) A instrumentalização da razão e a objetivação da natureza são dois momentos de um mesmo processo, cujo resultado consiste em conceber o homem e o mundo como objetos disponíveis à manipulação e ao exercício de poder.

**12. UEM-PR** – A fenomenologia e o existencialismo são correntes filosóficas que têm início no século XX e se caracterizam pela crítica às concepções essencialistas acerca da natureza humana. Esta crítica é resumida na afirmação do filósofo francês Jean-Paul Sartre:

[...] há pelo menos um ser em quem a existência precede a essência, um ser que existe antes de poder ser definido por algum conceito, e que este ser é o homem, ou, como diz Heidegger, a realidade humana.

SARTRE, J-P. O existencialismo é um humanismo. In: MARÇAL, J. *Antologia de textos filosóficos*. Curitiba: SEED, 2009. p. 619.

Sobre a fenomenologia e o existencialismo, assinale o que for correto.

- 01) Para Sartre, a angústia é o sentimento que emerge quando nos arrependemos de nossas escolhas.
- 02) De acordo com Sartre, as nossas ações não são determinadas por valores morais necessários, mas são apelos para que nossos atos valham universalmente.
- 04) O existencialismo reconhece que estamos submetidos a condições que não escolhemos, como a época e o local de nascimento, porém afirma que somos absolutamente livres para interpretar e agir sobre nossa situação.
- 08) Para Sartre, quando se atribui uma escolha moral a uma regra ou razão que dizemos não controlar, age-se de má-fé, porque se dissimula o fato de que somos absolutamente livres para escolher.
- 16) Sartre e Heidegger concordam que o ponto de partida da fenomenologia deve ser a autoconsciência alcançada por meio da reflexão, tal como expressa na noção do *cogito* cartesiano.

**13. UEM-PR** – Sobre os temas de natureza sociológico-filosófica abordados pela Escola de Frankfurt, é correto afirmar:

- 01) Tal como os autores positivistas, os teóricos de Frankfurt exaltam a razão, cuja lógica sozinha é capaz de reformular o conceito de indivíduo e o seu direito inalienável à autonomia e à felicidade.
- 02) Max Horkheimer afirma que a razão cognitiva, aquela que se volta ao conhecimento da verdade e do saber

viver, convive com a razão instrumental, aquela que visa agir sobre a natureza a fim de transformá-la.

- 04) A razão instrumental desenvolve-se a partir de algumas teorias filosóficas escolásticas nas quais se afirma que não há ciência do que é particular.
- 08) O predomínio da razão instrumental, particularmente na sociedade capitalista, conduz à perda da autonomia e à docilização do sujeito, à desumanização e à opressão que, em casos extremos, conduzem à barbárie.
- 16) Os autores da Escola de Frankfurt demonstram que a razão “iluminada”, exaltada durante o Iluminismo, é suscetível de ser utilizada como instrumento de dominação pelos poderes político e econômico nas sociedades atuais.

#### 14. UEM-PR

Foucault chamou a atenção para a dificuldade de construir uma ‘ética do eu’ em nossos dias, marcados pelo consumismo exacerbado, pelo culto do corpo nas academias e pela exaltação das imagens como propaganda, que poderiam levar a um hedonismo muito diferente daquele de Epicuro, preocupado apenas com os prazeres materiais e imediatos. Mas, ao mesmo tempo, afirmou que essa seria uma tarefa urgente, pois a única possibilidade de construir uma autonomia nos dias de hoje, resistindo aos poderes políticos, estaria numa relação consigo mesmo. [...] Em outras palavras: não viver submetido às regras morais que são impostas de fora, mas assumir-se sujeito de suas próprias escolhas, criar e construir sua vida. [...] É conhecendo a si mesmo e cuidando de si mesmo que cada um pode construir sua vida na relação com os outros. Uma ética do cuidado de si não implica, portanto, isolamento ou egoísmo.

GALLO, S. *Filosofia: experiência do pensamento*. 1. ed. São Paulo: Scipione, 2013. p. 165.

Segundo a afirmação acima, assinale o que for correto:

- 01) As éticas de Foucault e de Epicuro são equivalentes, pois valorizam o prazer material e o prazer sensível.
- 02) O cuidado de si está caracterizado pelo surgimento das academias de ginástica e de centros de estética.
- 04) Em nome da autonomia do indivíduo, Foucault afirma a necessidade de resistência ao poder do Estado.
- 08) A ética de Foucault, ao privilegiar o cuidado de si, desvaloriza o aspecto social, coletivo.
- 16) A autonomia do indivíduo frente aos mecanismos de controle é uma responsabilidade pessoal e intransferível.

#### 15. Unicentro-PR – Leia o texto a seguir.

A razão tornou-se cálculo hobbesiano, mera capacidade de adaptar meios a fins perseguidos, sem nunca se preocupar com a racionalidade dos próprios fins, dignificados apenas por sua “utilidade”. Por isso, Horkheimer também verá no pragmatismo a essência da atitude teórica moderna, sendo inteiramente alheia à razão instrumental a ideia de que os fins possam ser eles mesmos racionais, sem nenhuma menção a uma “utilidade”. Bons tempos aqueles em que a razão não se reduzia a um cálculo dos meios, mas era a instância encarregada da compreensão dos próprios fins.

MOURA, C. A. R. A invenção da crise. In: MOURA, C. A. R. *Racionalidade e crise*. São Paulo: Discurso Editorial e Editora da UFPR, 2001. p. 190. (Adaptado).

Com base nesse trecho, considere as afirmativas a seguir.

- I. O texto reflete o fato de que a ciência moderna se tornou uma técnica.
- II. A razão moderna não pretende mais constituir o sentido que perpassa as diversas ciências particulares.
- III. A razão não mais aspira à universalidade, mas passa a estar encarregada apenas dos processos singulares de produção de conhecimentos.
- IV. A razão instrumental determina os fins, sem questionar se os meios necessários são compatíveis com esses fins.

Assinale a alternativa correta.

- a) Somente as afirmativas I e II são corretas.
- b) Somente as afirmativas I e IV são corretas.
- c) Somente as afirmativas III e IV são corretas.
- d) Somente as afirmativas I, II e III são corretas.
- e) Somente as afirmativas II, III e IV são corretas.

#### 16. UEM-PR

Há efeitos de verdade que uma sociedade como a sociedade ocidental, e agora se pode dizer que a sociedade mundial, produz a cada instante. Produz-se verdade. Estas produções de verdade não podem ser dissociadas do poder e dos mecanismos de poder, ao mesmo tempo porque estes mecanismos de poder tornam possíveis essas produções de verdade, as induzem; e elas próprias são efeitos do poder que nos ligam, nos conectam.

FOUCAULT, M. Poder e saber. In: MARÇAL, J. *Antologia de textos filosóficos*. Curitiba: SEED, 2009. p. 237.

A partir do texto citado, assinale o que for correto.

- 01) O poder induz à produção da verdade na medida em que estabelece os meios para obtê-la.
- 02) Para o filósofo, o poder político é o único que pode produzir uma verdade científica.
- 04) Os mecanismos de poder determinam a produção da verdade.
- 08) Se a verdade é produzida pelas sociedades, então ela não é de fato verdade, já que foi elaborada para manipular e controlar politicamente.
- 16) O filósofo destaca a íntima relação que há entre conhecimento científico e as formas de poder.

#### 17. Unicentro-PR – Leia o texto a seguir.

Ora, o estudo desta microfísica (a dinâmica do poder) supõe que o poder nela exercido não seja concebido como uma propriedade, mas como estratégia, que seus efeitos de dominação não sejam atribuídos a uma “apropriação”, mas a disposições, a manobras, a táticas, a técnicas, a funcionamentos; que se desvende nele antes uma rede de relações sempre tensas, sempre em atividade, que um privilégio que se pudesse deter; que lhe seja dado como modelo antes a batalha perpétua que o contrato que faz uma cessão ou uma conquista que se apodera de um domínio. Temos, em suma, que admitir que esse poder se exerce mais do que se possui, que não é “privilégio” adquirido ou conservado da classe dominante, mas o efeito conjunto de suas posições estratégicas – efeito manifestado e às vezes reconduzido pela posição dos que são dominados.

MAIA, A. C. Sobre a analítica do poder de Foucault. In: *Tempo social*. São Paulo: USP, 1995. p. 87.

Em relação a essa caracterização do poder por Foucault, atribua V (verdadeiro) ou F (falso) às afirmativas a seguir.

- ( ) O poder é algo natural ao ser humano que, por intermédio da sociedade, é cedido ao Estado.
- ( ) O poder é retirado das classes dominadas pelas classes dominantes.
- ( ) A dinâmica do poder é um processo que se assemelha a um jogo com uma grande diversidade de forças e regras atuantes.
- ( ) As relações de poder se manifestam de forma horizontal como uma rede interligada.
- ( ) A dominação acontece por uma espécie de reserva de poder.

Assinale a alternativa que contém, de cima para baixo, a sequência correta.

- a) V, F, V, F, F.
- b) V, F, F, F, V.
- c) F, V, V, F, V.
- d) F, V, F, V, V.
- e) F, F, V, V, F.

### ESTUDO PARA O ENEM

18. UEM-PR – Para Thomas Kuhn, as revoluções científicas são explicadas por meio dos conceitos de “ciência normal”, “crise” e “novo paradigma”. Segundo Eduardo Barra:

C1-H4

O que realmente deve deter nossa atenção nessa concepção proposta por Kuhn sobre as chamadas ‘revoluções científicas’ é o fato de que ele jamais menciona a falsidade das antigas teorias abandonadas nem a verdade das novas teorias aceitas. [...] Ao ser aceito pela comunidade após uma revolução científica, um novo paradigma, em geral, é capaz de explicar apenas alguns daqueles problemas que o anterior explicava. Isso explica por que, com frequência, muitos problemas antes relevantes são abandonados após uma revolução científica. [...] Não existe o melhor paradigma para qualquer situação possível. O que existe é o melhor paradigma para determinados fins, fins esses que também podem ser amplamente modificados com o tempo.

KUHN, T. *A função do dogma na investigação científica*. Curitiba: UFPR, SCHLA, 2012. p. 19-20.

A partir da citação acima, assinale o que for correto.

- 01) A função de um paradigma é propor soluções inéditas para determinadas questões do nosso tempo.
- 02) A disputa entre paradigmas é nociva à ciência, pois divide a comunidade científica.
- 04) O melhor paradigma é aquele que responde a questões metafísicas, como a existência de Deus e a finalidade da natureza.
- 08) O que define a escolha de um paradigma não é a verdade de uma teoria científica.
- 16) A crise de um paradigma está ligada a interesses econômicos e políticos do primeiro mundo.

#### 19. UEM-PR

C1-H4

A bem dizer, não me formulava minhas descobertas. Mas creio que agora me seria fácil colocá-las em palavras. O essencial é a contingência. O que quero dizer é que, por definição, a existência não é a necessidade. Existir é sim-

plesmente *estar presente*; os entes aparecem, deixam que os *encontremos*, mas nunca podemos deduzi-los. Creio que há pessoas que compreenderam isso. Só que tentaram superar essa contingência inventando um ser necessário e causa de si próprio. Ora, nenhum ser necessário pode explicar a existência: a contingência não é uma ilusão, uma aparência que se pode dissipar; é o absoluto, por conseguinte a gratuidade perfeita.

SARTRE, J. P. A Náusea. In: MARCONDES, D. *Textos básicos de filosofia*. Rio de Janeiro: Zahar, 2007. p. 167/168.

A partir do texto assinale o que for correto.

- 01)** A presença dos entes é alcançável por dedução lógica.
- 02)** Um aspecto fundamental dos entes é a sua contingência.
- 04)** Sartre opõe a contingência evidente dos seres à necessidade de um ser que é causa de si próprio.
- 08)** A existência é absoluta e não deduzível por argumentos.
- 16)** Outros filósofos, além de Sartre, já haviam demonstrado a necessidade dos entes.

## 20. Unioeste-PR

C1-H4

Segundo o filósofo da ciência Thomas Kuhn, paradigma é um conjunto sistemático de métodos, formas de

experimentações e teorias que constituem um modelo científico, tornando-se condição reguladora da observação. [...] A ciência normal, conforme Kuhn, funciona submetida por paradigmas estabelecidos historicamente num campo contextual de problemas e soluções concretas. [...] Os paradigmas são estabelecidos nos momentos de revolução científica [...] Portanto, para Kuhn, a ciência se desenvolve por meio de rupturas, por saltos e não de maneira gradual e progressiva.

(E. C. Santos)

Sobre a concepção de ciência de Kuhn, é incorreto afirmar que

- a)** o desenvolvimento científico não se dá de modo linear, cumulativo e progressivo.
- b)** o desenvolvimento científico possui momentos de revolução, de ruptura, nos quais há mudança de paradigma.
- c)** a ciência normal é o período em que a pesquisa científica é dirigida por um paradigma.
- d)** um exemplo de mudança de paradigma (revolução) na Astronomia é a substituição do sistema geocêntrico aristotélico-ptolomaico pelo sistema heliocêntrico copernicano-galilaico.
- e)** a ciência não está submetida, de forma alguma, às condições históricas.



Material exclusivo para professores  
conveniados ao Sistema de Ensino  
Dom Bosco

**RESPOSTAS E COMENTÁRIOS**

Material exclusivo para professores  
convencionados ao Sistema de Ensino  
Dom Bosco

## APRESENTAÇÃO

Pergunta comum e interessante: para que serve a filosofia? Muitas crenças e saberes do cotidiano jamais são questionados porque parecem naturais e claros. De certa forma, porque acreditamos o tempo todo na verdade ou na mentira, no tempo e no espaço, na qualidade e na quantidade, na realidade e no sonho, na vontade e na existência de liberdade, na moral e na ética. E se começássemos a levantar questões inesperadas? Exemplo: em vez de afirmar “quero ser livre”, perguntássemos “o que é ser livre?”. Isso significaria distanciar-se da vida cotidiana e de nós mesmos, questionar sentimentos que alimentam nossa existência. De certo modo, estaríamos adotando o que se chama de atitude filosófica. Na busca de uma definição para filosofia, consideramos algumas generalidades: visão de mundo, sabedoria de vida, esforço racional, crítica ao conhecimento e à prática.

Se considerarmos que o primeiro grande fundamento da filosofia é questionar, indagamos sobre sua utilidade e para quem seria útil. O senso comum da nossa sociedade costuma considerar útil o que seja palpável, possibilite poder e lucro. Nessa óptica, a filosofia não tem serventia, mas alguns filósofos procuraram defini-la, como o fez o francês Maurice Merleau-Ponty (1908-1961): “filosofia é um despertar para ver e mudar nosso mundo”. Se questionarmos o modo de pensar ingênuo e os preconceitos da vida cotidiana, buscamos compreender o significado do mundo e da existência, das artes e das ciências, enfim, de tudo que seja possível, a filosofia passa a ocupar posição útil e a exercer a finalidade de propiciar transformação, felicidade, justiça, liberdade.

Diante do exposto, o material de pré-vestibular contempla assuntos fundamentais das áreas de conhecimento filosófico: ontologia, axiologia, gnosiologia. Trata-se de temas relevantes ao exercício filosófico, principalmente para o estudante desenvolver senso crítico e entender melhor conceitos fundamentais da própria filosofia. O projeto compõe-se de sistematização teórica (concepções clássicas e contemporâneas), exercícios de aplicação para resolução em sala de aula e exercícios propostos para resolução em casa. O gabarito do aluno está em folha que pode ser excluída caso a escola opte por não disponibilizá-lo com antecedência.

## CONTEÚDO

### FILOSOFIA 2

Volume	Módulo	Conteúdo
2	5	René Descartes e o racionalismo
	6	Contratualismo político
	7	Filosofia moderna e contemporânea
	8	Filosofia contemporânea

Material exclusivo para professores  
conveniados ao Sistema de Ensino  
Dom Bosco

### Comentários sobre o módulo

Após séculos de vinculação íntima entre filosofia e cristianismo, os filósofos renascentistas e iluministas apresentaram uma distinção entre religião, filosofia e ciência, e tratados sobre a vida humana numa perspectiva material. Deus pode até ter criado o mundo, mas compete aos humanos e sua razão compreenderem o funcionamento da natureza e da sociedade.

Neste módulo, responderemos três questões principais dessa nova fase da filosofia: *Quais as diferenças entre filosofia e ciência? O que é a razão humana? Como a filosofia moderna entende seu papel na vida humana?*

A origem racional ou empírica do conhecimento e o papel da razão na criação de uma vida ética e de progresso da vida humana: esses são os principais dilemas e respostas que desdobraremos neste módulo.

### Para ir além

FIGUEIREDO, Vinicius (Org.). *Seis filósofos na sala de aula*. Platão, Maquiavel, Descartes, Voltaire, Kant, Sartre. São Paulo: Berlendis & Vertechia Editores, 2006.

- Obra objetiva e didática sobre esses filósofos, voltada para ensino em sala de aula.

CHAUI, Marilena. *A Razão*. In. *Convite à filosofia*. São Paulo: Ática, 2000.

- Um dos principais referenciais sobre filosofia. Nesse capítulo, Chauí expõe de modo objetivo, sintético e claro o conceito de razão e seus embates cartesianos, empiristas e kantianos.

### Exercícios propostos

7. D

Segundo Hobbes, o governante deve ter poderes absolutistas. Como um Leviatã, é concededor das necessidades de seus súditos e, desses, deve receber plena obediência. Não há direito a contestação, mas há possibilidade de falência de seu compromisso de promover a paz e a prosperidade, o que o destitui de seu poder.

8. a) Ao argumento do “Deus enganador”. Em outras palavras, Descartes, ao colocar tudo em dúvida, questiona, inclusive, o poder da razão de nos enganar. Podemos ser levados a acreditar em falsas verdades, as quais consistem em argumentos que fazem sentido, mas são desprovidos de comprovação. É necessária, portanto, a aplicação de um método rigoroso que verifique todo o conteúdo das verdades proferidas.

b) A condição de existirmos a partir do pensamento. Se colocarmos tudo em dúvida, restará, apenas, a condição de que pensamos. Aquele que

pensa deve, portanto, utilizar sua razão para colocar em dúvida todas as questões da existência humana, a fim de criar essa existência a partir de verdades seguras.

9. A

Segundo Hobbes, o pacto social, que transfere o poder político a um soberano absolutista, é necessário para conter a tendência natural ao egoísmo dos humanos. A partir de um governante que saiba compreender as necessidades dos seus súditos e habilidoso para administrar o Estado, criar regras e punir os desviantes, os humanos podem viver bem em sociedade.

10. D

Hobbes defende que o estado de natureza não impede a tendência egoísta da natureza humana, sendo necessário, portanto, o Estado político, com suas regras e suas punições.

11. D

Enquanto o racionalismo defende a existência de ideias inatas, o empirismo atribui à experiência sensível a produção das ideias humanas. Ambos defendem um método rigoroso para a produção do conhecimento, desde a coleta de evidências até as análises, sínteses e verificações.

12. 27 (01+02+08+16)

O despotismo esclarecido é uma forma de governo que defende direitos dos cidadãos, sobretudo referentes à vida, à liberdade e à propriedade privada. Rousseau foi o pensador que atribuiu aos excessos da propriedade privada a corrosão da sociedade europeia, enquanto Voltaire focou-se na questão, sobretudo, da liberdade de expressão numa sociedade em que temos direito a igualdade jurídica.

13. 13 (01+04+08)

Segundo Descartes, o mero uso da razão pode nos enganar. É necessária uma educação para seu uso. Sua principal contribuição é o método cartesiano, que defende a coleta de evidências, análise, síntese e verificação do conhecimento recebido ou produzido. A dúvida, portanto, ocupa papel principal para a construção de verdades seguras.

14. A

Os ídolos da tribo são, como os demais ídolos, atributos da natureza humana. Devem ser combatidos a partir de uma educação que ensine como evitá-los e como nos apoiarmos em conhecimentos seguros.

15. Locke e Rousseau, enquanto contratualistas, defendem o Estado político. Entretanto, Locke defende

sua necessidade para assegurar os direitos naturais, sobretudo à vida, à liberdade e à propriedade. Essa última é adquirida por meio do trabalho. O fundamento do trabalho como promotor de propriedades, e o governo como zeloso pela sua asseguaração, são típicos do liberalismo. Por outro lado, Rousseau defende uma reforma do Estado político após este, a partir da defesa da propriedade privada por privilegiados ter permitido a desigualdade social. O trabalho e a propriedade se tornam formas de exploração, na sociedade europeia. Apesar do Estado ter sido conivente, apenas sua figura pode promover uma ampla reforma social. As críticas à propriedade privada e ao trabalho como formas de exploração social e o papel do Estado na correção desses problemas são, ambos, fundamentos do socialismo.

**16. E**

Descartes, através de sua dúvida hiperbólica e seu método cartesiano, é considerado um dos fundadores do método científico. Em breves palavras, defende que todas as certezas devem ser colocadas sob análise racional, devidamente elaborada para que consiga produzir verdades seguras.

**17. B**

A partir do *cogito*, podemos ter consciência de que nossa única certeza é que pensamos. O pensamento, portanto, define nossa existência. Devemos, então, duvidar de todas as certezas que nos cercam e aplicar um método rigoroso que nos possa fazer acreditar, seguramente, em conhecimentos.

**18. A**

Segundo Hobbes, o estado de natureza não é capaz de conter a tendência ao egoísmo e à violência entre homens livres de regras sociais e do medo da punição. Essa é uma das razões de ser necessário o estado político.

**Competência:** Compreender a produção e o papel histórico das instituições sociais, políticas e econômicas, associando-as aos diferentes grupos, conflitos e movimentos sociais.

**Habilidade:** Comparar diferentes pontos de vista, presentes em textos analíticos e interpretativos,

sobre situação ou fatos de natureza histórico-geográfica acerca das instituições sociais, políticas e econômicas.

**19. A**

Enquanto Locke considera o estado político como condição necessária para assegurar os direitos naturais aos humanos, Hobbes argumenta que sua necessidade advém do estado de natureza não impedir a manifestação da tendência egoísta e violenta dos humanos. O estado político pode promover tanto regras como o medo à punição, o que permite a boa vida em sociedade.

**Competência:** Compreender a produção e o papel histórico das instituições sociais, políticas e econômicas, associando-as aos diferentes grupos, conflitos e movimentos sociais.

**Habilidade:** Comparar diferentes pontos de vista, presentes em textos analíticos e interpretativos, sobre situação ou fatos de natureza histórico-geográfica acerca das instituições sociais, políticas e econômicas.

**20. C**

Hobbes defende que os humanos são egoístas, principalmente, em situações de interesses divergentes e de poucos recursos para todos. Locke defende a necessidade da igualdade jurídica, não social, assim como Voltaire. Enquanto Hobbes defende o poder absoluto, Locke defende o direito à contestação.

**Competência:** Compreender a produção e o papel histórico das instituições sociais, políticas e econômicas, associando-as aos diferentes grupos, conflitos e movimentos sociais.

**Habilidade:** Comparar diferentes pontos de vista, presentes em textos analíticos e interpretativos, sobre situação ou fatos de natureza histórico-geográfica acerca das instituições sociais, políticas e econômicas.

### Comentários sobre o módulo

Algumas questões de vestibular propostas no módulo 6 exigem uma retomada da teoria estudada no módulo anterior (5), sobretudo no que diz respeito à filosofia de Immanuel Kant. Isso porque há uma relação muito clara e estreita no pensamento dos filósofos trabalhados em ambos os módulos, em particular em questões referentes à religião, ao Estado, à ciência e ao pensamento em geral do ser humano no Renascimento e no Iluminismo.

Quais as relações entre natureza humana e vida política? Será que precisamos do Estado para conter nossa natureza humana que tende ao egoísmo, ou será que o Estado é justamente o que tem atrapalhado a nossa natureza humana de se manifestar em sua bondade? Essas questões são colocadas e respondidas por Hobbes, Locke e Rousseau, que estudaremos nesse módulo.

Ademais, estudaremos: até que ponto as ideias que elaboramos são determinadas pelo nosso contexto histórico? Como podemos ter consciência sobre as ideias que devem ser superadas e as outras que devem suplantá-las, em favor do progresso social? Essas questões são analisadas por Hegel, como veremos adiante.

Por fim, Marx e Engels questionam-se: se o trabalho é a atividade humana criativa no mundo, deve ser livre, não reduzido a obtenção de meio para subsistência, portanto, qual a forma de organização social que pode nos emancipar de desigualdades sociais e criar uma vida justa para todos? As ideias, para esses filósofos, dependem, sobretudo, das condições de nossa existência.

### Para ir além

*Danton* (filme). Andrzej Wajda. França/Polônia, 1983.

- Durante a Revolução Francesa, Danton e Robespierre travam dilemas sobre a tirania e a democracia como caminhos para a consolidação do fim do absolutismo e início da república. As filosofias contratualistas podem ser observadas e analisadas.

ABBAGNANO, Nicola. *Dicionário de filosofia*. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

- Dicionário que apresenta não apenas conceitos, mas relações entre conceitos de filosofias distintas. Recurso objetivo e sintético para compreender os principais conceitos de Hegel, Marx e Engels e suas relações.

QUIRINO, Celia Galão; de SOUZA, Maria Tereza Sadek (org.). *O pensamento político clássico*: Maquiavel, Hobbes, Locke, Montesquieu, Rousseau. São Paulo: T. A. Queiroz, 1980.

- Obra objetiva e concisa sobre os contratualistas. Referência importante para conhecimento e comparação entre essas filosofias.

### Exercícios propostos

#### 7. A

Kant, em sua filosofia sobre a estética, objetiva compreender a produção de sentidos pelos humanos. O estético não é um atributo das coisas, mas um investimento humano e o modo como se afeta pelas coisas.

#### 8. B

Kant preocupa-se com as pessoas atingirem o estado de maioridade intelectual. Caso atinjam, se tornam autônomas e são capazes de seguir regras que consideram corretas, perante princípios pessoais e universais. O estado de menoridade, entretanto, acaba por atrelar as pessoas a seguirem regras externas.

**9. a)** Segundo Marx, o homem não é um ser abstrato porque sua existência e consciência dependem de condições materiais. Destaque para as relações sociais de produção, o mundo do trabalho, e as inerentes condições de classe. A cultura, a ideologia, o direito e a religião também são determinantes, tanto dos homens como das relações sociais de produção, mas a base é a infraestrutura econômica (relações sociais de produção).

**b)** Essa consciência invertida consiste no falso entendimento de que as ideias abstratas definem a existência humana. Esse falso entendimento é produzido, também, pela religião, que prega ser Deus a origem e a razão da transformação do mundo. Além disso, pode ser também a ideologia burguesa, que credita ao Estado a promoção de uma vida justa entre os homens. Marx, materialista, credita à infraestrutura econômica a base da consciência do mundo.

#### 10. E

Hegel atribui às condições históricas a influência no pensamento dos humanos. Hegel e Kant ocupam-se com questões da existência humana, e atribuem papel fundamental à filosofia na tomada de consciência sobre a existência e na ação para a construção de uma boa vida humana. Kant, em especial, defende a criação de imperativos categóricos, que são regras morais e universalmente válidas.

#### 11. A

Apesar de a alternativa C trazer uma afirmação correta sobre Kant, o texto do enunciado apresen-

ta a tese de Durkheim sobre a educação: processo que cada sociedade executa para poder tornar a consciência coletiva dominante.

12. D

Hegel considera a história como fundamental na criação das ideias dos seres em sociedade, diferentemente de Tales de Mileto e sua consideração de uma unidade única fundante da natureza.

13. C

O imperativo categórico busca alcançar regras éticas e universais para a boa vida humana em sociedade. Kant procura compreender como a razão pode auxiliar na elaboração de máximas universais, as quais, se respeitadas, podem favorecer a vida humana.

14. A

O tempo, tal qual o espaço, é condição *a priori* de toda a experiência. Portanto, segundo Kant, o tempo não existe a partir da experiência sensível, mas vivemos em relação a ele a partir da intuição do sujeito sobre sua experiência temporal. É, portanto, *a priori* porque não se produz a partir da experiência, mas depende da nossa relação intuitiva para se manifestar.

15. E

A liberdade pressupõe uma educação para a maioridade intelectual. Nesse contexto, a razão pode produzir regras éticas para uma convivência que gere a boa vida em sociedade. O indivíduo livre e esclarecido, em situação de maioridade, possui autonomia para viver conforme seus interesses e sem ferir o direito dos demais indivíduos.

16. 24 (08+16)

Segundo Marx e Engels, as condições materiais da nossa existência são a base para as nossas ideias e nossa consciência. Não há uma entidade externa, mágica ou religiosa, e nem mesmo

uma natureza humana prévia à nossa existência que seja capaz de organizar a vida social e que devemos alcançar.

17. 15 (01+02+04+08)

Os filósofos acima apresentados discutem direitos humanos e dignidade a partir das relações materiais entre os indivíduos e de uma educação que favoreça essas relações, não a partir de naturezas humanas que devem ser alcançadas ou entidades externas e mágicas.

18. 27 (01+02+08+16)

Segundo Kant, o conhecimento depende dos sentidos humanos em relação com as experiências sensíveis. Entretanto, isso não significa que todos os conhecimentos têm origem na experiência sensível.

19. Universalidade moral. O imperativo categórico busca leis universais, que devem valer para todos os seres humanos, já que são elaborados para a vida ética e justa para todos. Não se limitam a culturas, referem-se à humanidade. Nem mesmo depende de religiões ou qualquer outra justificativa que não o próprio dever humano de fazer as ações corretas para a boa vida das pessoas.

20. D

Segundo Hegel, a filosofia é uma conquista do Ocidente na medida em que favorece a liberdade do pensamento e da criação da própria vida humana. A liberdade depende da autonomia da consciência, inclusive sobre as condições históricas que definem nossos pensamentos.

**Competência:** Utilizar os conhecimentos históricos para compreender e valorizar os fundamentos da cidadania e da democracia, favorecendo uma atuação consciente do indivíduo na sociedade.

**Habilidade:** Analisar a importância dos valores éticos na estruturação política das sociedades.

## 7 FILOSOFIA MODERNA E CONTEMPORÂNEA

### Comentários sobre o módulo

Quais os limites da razão humana? Ela é capaz de nos guiar para uma existência completa, num progresso psicossocial que nos impeça tristezas e angústias? Essas preocupações filosóficas compõem as produções de Kierkegaard e Nietzsche, estudados neste módulo. Enquanto Kierkegaard conclui que a existência humana apenas se completa na fé em entidades externas, Nietzsche nega as entidades externas e propõe um aperfeiçoamento humano que dispensa muletas mágicas e metafísicas.

Já Karl Popper, também crítico da razão na sua época, problematiza o mau uso da razão na ciência: quando se limita a elaborações teóricas e se torna descompromissada com verificações empíricas de suas verdades produzidas.

Em síntese, Kierkegaard, Nietzsche e Popper nos oferecem uma análise da razão, tanto em sua essência como em sua existência, na virada entre os séculos XIX e XX. Vejamos esse período de ferrenha crítica a essa característica humana – a razão.

### Para ir além

GHIRALDELLI JR., Paulo. *A aventura da filosofia: de Parmênides a Nietzsche*. São Paulo: Manole, 2010.

- Obra sintética e clara que abrange Kierkegaard e Nietzsche em suas próprias filosofias e na relação com os clássicos que os antecederam.

MARTON, Scarlett. Nietzsche. In: PECORARO, Rosano (org.). *Os filósofos – clássicos da filosofia*. Petrópolis: Vozes/PUC-RIO, 2008, vol. II. p. 184.

BRESSANE, Júlio. *Dias de Nietzsche em Turim*. 2001.

- Filme nacional sobre o período que Nietzsche escreve parte de seus títulos clássicos, como *Ecce Homo* e *Crepúsculo dos ídolos*. Retrata seus dilemas espirituais e o refinamento de suas principais teses.

### Exercícios propostos

7. E

Na passagem podemos observar como Nietzsche atribui o livre-arbítrio a uma questão dos humanos consigo mesmos, portanto não entre humanos e uma divindade ou exterioridade. Sendo assim, o humano não “possui livre-arbítrio”, vindo de uma divindade, e nem esse é determinado por causas materiais ou espirituais. É uma questão própria do ser.

8. C

A razão não supera interesses particulares ou até instintivos, mas por vezes racionaliza interesses ou opera por meio de desejos particulares, como o reconhecimento e o prestígio.

9. C

A razão não completa o humano, mas é uma das suas faces de existência. Suprimir instintos e desejos e impor a supremacia da razão é escravizar o humano a uma de suas formas de existência.

10. A

A filosofia, especialmente após Sócrates, ocupa-se, predominantemente, com o entendimento do humano em suas condições materiais de existência, como seus conceitos, ideais, ética, estética e política.

11. D

A ciência não deve resistir a refutações, mas se colocar à prova para poder ser verificada sua experiência empírica. Popper preocupa-se com as ciências que limitam-se a especulações e minimizam suas experiências empíricas.

12. 21 (01+04+16)

Nietzsche, como é possível notar na citação, atribui valor à aparência, à verdade e à mentira como condições da existência humana. Não atribui moral a cada uma delas, mas analisa sua existência como parte da ação humana. A dúvida é atividade inerente à prática filosófica, inclusive a dúvida sobre o papel da razão na consciência humana e na produção de verdades, como é típico da filosofia tradicional.

13. C

Nietzsche critica a filosofia tradicional na sua negação da dimensão não racional da existência humana. Uma tirania da razão que impede o conhecimento pleno da existência.

14. A

As alternativas apresentam a obra *República*, de Platão; *Leviatã*, de Thomas Hobbes; *Microfísica do poder*, de Foucault; *Memórias póstumas de Brás Cubas*, de Machado de Assis; e *A moreninha*, de Joaquim Manuel de Macedo.

15. B

Enquanto Kant defende a razão como meio de obtenção de leis morais universais, que auxiliam na boa vida em sociedade, Nietzsche enfatiza que devemos conquistar uma autonomia perante determinismos que nos impeçam de criar nossas próprias regras.

16. D

Enquanto Popper preocupa-se com a legitimidade da ciência a partir de sua relação com experiência empírica capaz de refutá-la, Kuhn caracteriza

a ciência enquanto uma atividade de sucessão de paradigmas explicativos sobre a realidade. Ambos reforçam a ideia da ciência enquanto uma atividade que deve ser desenvolvida com alto rigor metodológico e de vinculação empírica.

**17. B**

Segundo Kant, a razão objetiva verdades e depende do sentido atribuído pelos indivíduos, ao mesmo tempo em que é capaz de criar imperativos categóricos, universais. A arte, apesar de atividade humana, ocupa espaço específico em relação ao domínio da liberdade porque desfoca dessa objetividade. Nietzsche classifica a arte como dimensão dionisíaca da existência humana, portanto, distante da dimensão objetiva, racionalista e organizadora do mundo.

**18. A**

Nietzsche nega a razão como explicação plena da realidade, atribuindo à dimensão dionisíaca da existência outra forma de criação da existência.

**Competência:** Compreender os elementos culturais que constituem as identidades.

**Habilidade:** Comparar pontos de vista expressos em diferentes fontes sobre determinado aspecto da cultura.

**19. A**

Karl Popper analisa o progresso científico mediante a eliminação do erro e das refutações teóricas, que devem ser criticadas experimentalmente.

**Competência:** Compreender os elementos culturais que constituem as identidades.

**Habilidade:** Comparar pontos de vista expressos em diferentes fontes sobre determinado aspecto da cultura.

**20. C**

A objetividade da ciência é bastante controversa. Atualmente, sabe-se que não existe neutralidade e tampouco objetividade absoluta na ciência. Ainda que a ciência se utilize de métodos rigorosos e dados empíricos, é guiada por regras institucionais e limitações teóricas e metodológicas que não lhe permitem desenvolver um conhecimento absolutamente correto e objetivo. O que existe são aproximações e formas de criação de legitimidade para o conhecimento produzido por cientistas.

**Competência:** Compreender os elementos culturais que constituem as identidades.

**Habilidade:** Comparar pontos de vista expressos em diferentes fontes sobre determinado aspecto da cultura.

## 8 FILOSOFIA CONTEMPORÂNEA

### Comentários sobre o módulo

Qual a dimensão de nossa liberdade na nossa existência, perante a natureza humana ou outro determinante de nossa vida? Existe destino? Se somos livres, utilizamos nossa razão apropriadamente, ou será que apenas uma parte de sua elevada complexidade? Se somos livres, exercemos poder sobre as demais pessoas, podendo inibi-las ou apoiá-las em seguirem suas verdades?

Essas são as questões principais que vamos estudar nesse módulo. A filosofia contemporânea, no século XX, apresenta uma produção variada e de elevada crítica à própria filosofia, ao capitalismo, à cultura, à ciência, ao totalitarismo, à disciplinarização e tantos outros temas. Vejamos suas principais contribuições.

### Para ir além

Três obras concisas, objetivas e claras sobre os principais filósofos deste módulo. As três obras são analíticas e ao mesmo tempo relacionais entre os filósofos:

- FIGUEIREDO, Vinicius (Org.). *Seis filósofos na sala de aula*. Platão, Maquiavel, Descartes, Voltaire, Kant, Sartre. São Paulo: Berlendis & Vertechia Editores, 2006.
- KONDER, Leandro. *Filosofia e educação: de Sócrates a Habermas*. Rio de Janeiro: Forma e Ação, 2006.
- MARCONDES, Danilo. *Ética: textos básicos de Platão a Foucault*. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.

### Exercícios propostos

7. C

O processo de secularização refere-se ao movimento da sociedade europeia, iniciado no Renascimento, de progressivamente substituir a explicação religiosa do mundo para a explicação laica e racional, exercida pelos humanos. A religião não deixa de existir, mas as regras do mundo natural e humano passam a ser explicadas racionalmente.

8. 21 (01+04+16)

Foucault atribui alto valor às condições históricas e materiais na construção de mecanismos de poder e de verdades. A filosofia, ao se preocupar com essas questões, possui uma função prática para a vida humana.

9. B

Conforme o existencialismo de Sartre, não há determinação da existência humana por uma natureza comum a todos ou por uma entidade divi-

na. A existência humana é definida pelo humano e sua liberdade em fazer suas escolhas, o que torna-o responsável principal pela sua existência. Isso, porém, não significa ausência de influências sociais.

10. A

A exclusão da potencial pessoa fere a ética que leva em consideração a participação, no diálogo público, do envolvido. A terapia genética, portanto, fere o direito do embrião em decidir pela sua existência. É necessária, assim, uma regulamentação jurídica para garantir o direito da potencial pessoa, no ensejo da pesquisa sobre terapias genéticas.

11. E

A razão instrumental consiste na percepção da natureza e do humano como manipuláveis, seja na política ou seja num mercado que objetiva o controle para a geração de benefícios. O mito converte-se em esclarecimento pelo fato de termos a ilusão de vivermos de maneira livre, enquanto estamos suscetíveis à manipulação.

12. 14 (02+04+08)

Segundo Sartre, os humanos são influenciados pela sociedade, mas suas ações são determinadas por suas escolhas. Não há uma natureza humana ou uma entidade divina que determine a nossa ação.

13. 26 (02+08+16)

A razão instrumental é necessária para agirmos no mundo ao transformá-lo. Entretanto, no capitalismo, que convive com a razão "iluminada" pelas contribuições sociofilosóficas, a razão instrumental tem operado para transformar o humano em objeto de controle e de manipulação, especialmente para levá-lo ao domínio político e ao consumo e geração de mais-valia, ambos para uma elite. Nesse processo, o humano-objeto acredita ser livre, mas é objeto de manipulação instrumental.

14. 20 (04+16)

Como podemos perceber no excerto, Foucault preocupa-se com a submissão do indivíduo a mecanismos de manipulação e de controle, os quais podem ser poderes políticos, econômicos, acadêmicos, religiosos quaisquer outros micropoderes difusos em nossa sociedade. A autonomia é meta e dever de cada indivíduo.

**15. D**

Segundo Horkheimer, a razão instrumental tornou-se fria e utilitarista porque minimizou seu questionamento sobre os sentidos dos meios e dos fins e maximizou a operação calculista sobre como melhor atingir os fins. Há, portanto, perda da consciência e instrumentalização dos humanos e da natureza.

**16. 21 (01+04+16)**

Como podemos notar no texto citado, os mecanismos de poder são indissociáveis da produção de verdades. E não há mecanismos privilegiados, como a ciência e a política, mas difusos, uma vez que dependem dos mecanismos de suas produções.

**17. E**

Segundo Foucault, o poder não é uma posse, mas um efeito dinâmico. Portanto, não pertence a classes ou instituições que podem transferi-lo, mas é existente enquanto houver agentes que o exerçam.

**18. 9 (01+08)**

A disputa entre paradigmas não é nociva e nem mesmo a hegemonia de novos paradigmas significa o triunfo de verdades sobre falsidades. A ciência tem sua existência definida pela sucessão de paradigmas explicativos, os quais dependem de cada sociedade e de seus fins.

**Competência:** Compreender os elementos culturais que constituem as identidades.

**Habilidade:** Comparar pontos de vista expressos em diferentes fontes sobre determinado aspecto da cultura.

**19. 14 (02+04+08)**

Segundo Sartre, a contingência é acontecimento amplamente significativo porque é o fundamento da existência, que depende de escolhas de humanos livres e não de determinismos por naturezas humanas ou entidades divinas.

**Competência:** Compreender os elementos culturais que constituem as identidades.

**Habilidade:** Comparar pontos de vista expressos em diferentes fontes sobre determinado aspecto da cultura.

**20. E**

O texto afirma que “a ciência normal, conforme Kuhn, funciona submetida por paradigmas estabelecidos historicamente num campo contextual de problemas e soluções concretas”; e isso é justamente o contrário do que está afirmado na alternativa E.

**Competência:** Compreender os elementos culturais que constituem as identidades.

**Habilidade:** Comparar pontos de vista expressos em diferentes fontes sobre determinado aspecto da cultura.



